

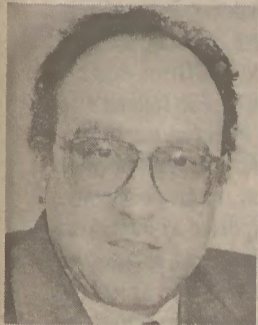
Combate à droga

Entende o PCP que a solução para os milhares de jovens enredados no flagelo da toxicod dependência passa pelo tratamento e pela reinserção social. O PP quer prendê-los. São formas de encarar a vida.

■ António Filipe

Pág. 15

Violência patronal



■ Domingos Abrantes

Pág. 14

Em 1995, segundo dados da CISL, 359 dirigentes sindicais foram assassinados, mais de 5 mil foram presos e cerca de 7 mil despedidos por realizarem actividades sindicais.



Euro-96

Vivemos na hora do futebol de mercado. O grande desporto da classe trabalhadora e do povo caiu nas garras dos abutres – já não é o futebol que ensinava um vasto número de virtudes e reflectia a vida em quase todos os seus aspectos.

■ Manoel de Lencastre Pág. 17

INTERNACIONAL

Comunistas sobem na Rússia

Boris Ieltsin foi reeleito na segunda volta das presidenciais, mas o candidato comunista Guennadi Ziuganov reforça a sua votação recolhendo o apoio de 30 milhões de russos.

Pág. 11



Proletários de todos os países UNI-VOS!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 11 de Julho de 1996 • Preço: 150\$00 (IVA Incluído) • N.º 1180 • Director: Carlos Brito

Acidentes de trabalho

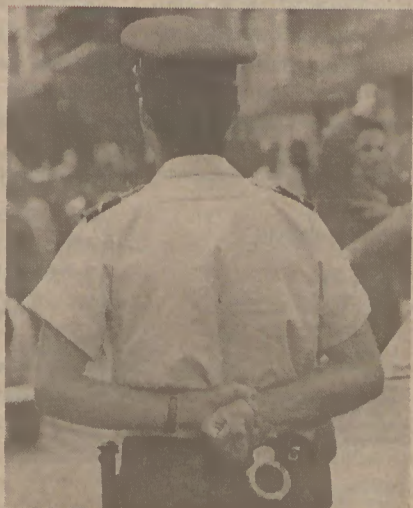
A Assembleia da República aprovou dois projectos de lei do PCP relativos às indemnizações e pensões das vítimas de acidentes de trabalho e doenças profissionais. Trata-se de uma vitória dos trabalhadores e suas organizações, que há muito exigiam justiça.

Pág. 5



LOURES

Polícias a menos insegurança a mais



Em Janeiro de 1995, o cavaquismo encerrou a esquadra da PSP de Moscavide, no Concelho de Loures, deixando quase desguarnecida uma população de 70 mil habitantes. O crime disparou 75%

na zona. Em campanha eleitoral, o PS de Guterres definiu como «prioridade» a reabertura da esquadra de Moscavide. Fê-lo, há dias, colocando meia dúzia de homens no lugar dos antigos 45 efectivos. Mas, o pior é que teima em dizer que «o problema está resolvido», embora ninguém perceba como é que meia dúzia de homens podem fazer o trabalho policial de 45...

Centrais

Festa
Avante!
20
anos
1976/1996

A festa!

Suplemento especial sobre a festa do «Avante!»

EDITORIAL

O estado da continuação

Assembleia da República está hoje ocupada com um agendamento pomposamente denominado de «debate sobre o estado da Nação».

O Primeiro-Ministro, António Guterres, vai ser pela primeira vez a vedeta principal da cerimónia.

Nos tempos dos governos do PSD, Cavaco Silva aproveitava a ocasião para com a manipulação de alguns números e a citação de alguma frase de estadista ou jornal estrangeiro, tentar convencer os portugueses que estava a governar com sucesso e eles a viver o melhor possível. Até que, pelo menos o ano passado, os portugueses demonstraram claramente que não acreditavam no diagnóstico cavaquista e que queriam mudar.

Há uma certa curiosidade em relação à actuação de Guterres, que foi o grande beneficiário desta vontade de mudança.

Irá ele também neste episódio imitar o Cavaco, exaltando as «maravilhas» da sua governação e fugindo aos verdadeiros problemas do país?

São tão semelhantes às do anterior governo do PSD as orientações essenciais e os resultados ruinosos do actual governo do PS que, em vez do estado da Nação, por certo mais uma vez iludido, será interessante averiguar o estado de continuação da política da direita.

O Comité Central do PCP, pondo em relevo, no comunicado da sua reunião de 28 e 29 de Junho, «a irrecusável evidência» desta continuação pelo PS da política desenvolvida pelos governos do PSD, assinalava mesmo que «em diversos domínios - como é o caso, entre outros, das privatizações, dos direitos dos trabalhadores, de segurança social e de outros direitos sociais - se propõe realizar objectivos e desferir golpes que o último Governo de Cavaco Silva, entretanto desgastado e enfraquecido, já não teve forças nem condições para realizar».

Será interessante observar as reacções de Guterres quando for confrontado pelos deputados comunistas com esta questão central da vida política portuguesa.

Será ainda mais interessante ver a reacção da bancada do PS.

Que balanço vai o Primeiro-Ministro apresentar da acção do Governo que caminha agora para os nove meses de existência? Que vai ele dizer da vontade de mudança que defraudou e das esperanças que desiluiu?

No ensaio geral que fez com os deputados do seu partido, Guterres foi adiantando «que nem tudo tem corrido bem porque ninguém é perfeito», o que é mais uma desculpa do que uma autocrítica.

Espera-se que os inegáveis recursos oratórios do Primeiro-Ministro sejam capazes de descobrir alguma área importante da acção governativa aonde as coisas tenham corrido realmente bem.

Não é evidentemente na área social, aonde o desemprego continuou a agravar-se, ultrapassando o meio milhão de desempregados, e continuaram a alastrar as manchas da miséria e da exclusão, ao mesmo tempo que o Governo dá mostra de um grande confusão e embaraço para pôr em prática o decantado «rendimento mínimo garantido», mesmo que só com carácter experimental.

Não é na área laboral, aonde a acção do Governo se pauta pelo ataque sem precedentes aos direitos dos trabalhadores, como acontece com a lei da flexibilidade e da polivalência (sobre a qual o próprio Presidente da República manifestou graves preocupações, embora contraditoriamente a tivesse promulgado), e onde o grande patronato

fiado na complacência do Governo comete os maiores abusos e arbitrariedades.

Não é na área económica, aonde continua a destruição dos sectores produtivos, o retrocesso ou o marasmo nos principais indicadores, os processos de privatização e concentração, a subordinação aos interesses do grande capital e às orientações de Maastricht.

Não é na área educativa, em tempos eleita como a grande paixão do Primeiro-Ministro, mas aonde o Governo deixou passar um ano sem fazer nada para resolver os mais gritantes problemas, adiantando contudo orientações negativas e marcadas por uma filosofia neoliberal e culminando com o presente desastre dos exames nacionais de acesso ao superior.

Não é na área da segurança dos cidadãos, aonde a verificação de gravíssimas ocorrências como o hediondo assassinato na esquadra da GNR de Sacavém, a brutalidade de alguns crimes, como o recentemente cometido na serra de Monsanto, e os conflitos entre o Ministro da Administração Interna e os comandos policiais fazem crescer os sentimentos de insegurança e desprotecção.

Não é, finalmente, na área comunitária, aonde se multiplicam as iniciativas hostis para com o nosso país, como aconteceu com o tomate, o azeite e agora com a sardinha, além do peso negativo das exigências da União Económica e Monetária.

O Primeiro-Ministro vai com certeza exaltar, mais uma vez, o «grande objectivo» da marcha para a moeda única e enumerar elogios que o seu Governo tem recebido de instâncias comunitárias pela esforçada obediência que revela em relação aos critérios da Maastricht.

Olhando para o que está acontecer na nossa vida económica e social, é caso para dizer: é possível que cheguemos com o pelotão da frente, mas se calhar rebentamos sobre a meta. Parece ser este o destino que o Governo do PS nos prepara.

No já referido ensaio geral do «debate sobre o estado da Nação», Guterres também adiantou: «É natural que a oposição diga mal. A oposição não tem sabido fazer outra coisa.»

A desculpabilização que se centrou primeiro, e neste caso com alguma justiça, na herança recebida dos governos do PSD, tem sido uma linha dominante da propaganda governamental, que começa a voltar-se agora contra as oposições.

Aí temos o PS a fazer oposição à oposição, que tanto censurou em Cavaco Silva. Não tarda ouvirmos Guterres falar das «forças de bloqueio».

E claro que há nisto muito teatro.

O debate irá demonstrar que, em relação às questões e opções políticas mais importantes, há uma grande consonância entre o Governo PS, o PSD e o CDS-PP.

Estes partidos vão multiplicar, como é costume, muitos incidentes no tocante a questões secundárias e até regimentais.

Mas repare-se como PSD e PP alinham perfeitamente com o Governo nas orientações para as privatizações, no essencial da política económica, no ataque aos direitos dos trabalhadores, na desresponsabilização do Estado em relação às suas obrigações sociais, no que é fundamental na política comunitária.

Em matéria de política de direita, nenhum brinca em serviço.

A verdadeira oposição a esta política é a oposição de esquerda, a que é feita pelo PCP. O estado da Nação, mesmo escamoteado, como vai acontecer no debate de hoje à tarde, dá razão a esta oposição e mostra como é necessária uma nova política.



Carlos Carvalho no novo Complexo Desportivo de Almada

RESUMO

3
Quarta-feira

O ministro da Economia apresenta o plano de recuperação de empresas ■ O presidente da Guiné-Bissau visita o Porto ■ Boris Ieltsin vence as eleições presidenciais russas ■ A Frente Islâmica de Salvação desmente que os seus dirigentes estejam prontos a apelar ao fim da violência na Argélia ■ Em Israel, David Levy, chefe da diplomacia, ameaça deixar o Governo caso o general Sharton não entre para o Executivo.

4
Quinta-feira

Carlos Carvalho, acompanhado por vereadores da CM de Almada e dirigentes do PCP, visita a exposição de painéis para Santiago e o Complexo Desportivo da cidade ■ A Assembleia da República cria um núcleo de assessoria técnica contra os crimes económico-financeiros ■ Os ambientalistas criticam o novo acordo entre o secretário de Estado e os caçadores, afirmando que está em causa a conservação da fauna portuguesa ■ Inicia-se a Cimeira Luso-Marroquina, no Porto ■ Mais de 200 pessoas morrem na China em consequência de inundações, as mais graves dos últimos 50 anos.

5
Sexta-feira

Os reclusos do Estabelecimento Prisional de Coimbra vão ao ministro da Justiça ■ A Comissão Europeia decide mover duas acções contra Portugal no Tribunal Europeu de Justiça devido à não transposição de duas das suas directivas ambientais ■ O primeiro-ministro garante que o financiamento pela UE da nova ponte sobre o Tejo poderá ser subscrito no dia 15 ■ Quarenta turcos ocupam um escritório da companhia aérea Istanbul Airlines, em Colónia, apresentando-se como membros de um «comité de solidariedade para com os prisioneiros políticos na Turquia» ■ O exército dos sérvios da Bósnia ameaça abater um grupo de helicópteros americanos que sobrevoavam zonas interditas no Leste da Bósnia ■ O número de vítimas das inundações na China elevam-se para 300.

6
Sábado

O Sindicato de Professores do Norte dá uma nota muito negativa a Marçal Grilo ■ A XXIV Conferência Regional da FAO aprova os projectos de declaração política e plano de acção contra a fome na América Latina e Caraíbas ■ Os comunistas russos e os seus aliados decidem organizar-se num amplo partido de oposição a Ieltsin ■ Entra em vigor

o cessar-fogo entre as duas facções do Movimento de Libertação Unido que combatiam na Libéria há duas semanas ■ O exército israelita pressiona Benjamin Netanyahu para reforçar as dotações orçamentais de 1997.

7
Domingo

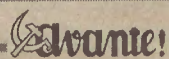
Jerónimo de Sousa participa num comício no Pinhal Novo, no âmbito da XVII Festa Amiga ■ Abdala Bucaram é eleito presidente do Equador ■ Realizam-se eleições presidenciais no Níger ■ Começa, no Canadá, a 11ª Conferência Internacional sobre Sida... ■ ...e, em Genebra, a segunda reunião das partes da Convenção das Alterações Climáticas ■ Teolinda Gersão recebe o Grande Prémio da APE.

8
Segunda-feira

O Ministério da Educação volta a adiar a publicação das notas dos exames do 12º ano ■ Um jovem de 22 anos confessa ser o autor do disparo do «very light» que matou um homem na final da Taça de Portugal ■ O parlamento turco aprova o novo Governo de coligação ■ O comandante-chefe das forças russas na Tchetchénia ameaça tomar «medidas adequadas» se os independentistas não entregarem os seus prisioneiros até amanhã ■ Começa a 32ª Cimeira da Organização da Unidade Africana ■ Kim Jong-Il é apresentado como o novo líder da Coreia do Norte ■ É anunciado que foi descoberto um novo primata na selva amazónica.

9
Terça-feira

Pais, alunos e sindicatos reagem em peso contra adiamento da fixação das pautas dos exames ■ A comissão europeia encarregada da política regional compromete-se a avaliar o impacto ambiental da nova ponte sobre o Tejo ■ Lino Rosado revela na Cimeira de Vancouver que o número de crianças com Sida aumentou em Portugal, registando-se 122 casos ■ Comissão Europeia enceta acção judicial contra Portugal por não transposição da directiva Habitats ■ Nelson Mandela visita Grã-Bretanha ■ Benjamin Netanyahu, chefe do Governo israelita, é recebido pela primeira vez por Bill Clinton ■ Anthony Lake, conselheiro para os assuntos da Segurança Nacional dos Estados Unidos, reúne em Pequim com altos dirigentes chineses sobre dossiers sensíveis como o de Taiwan e o da não proliferação nuclear ■ Richard Lamm, ex-governador do Colorado, apresenta a sua candidatura às presidenciais americanas.



Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Socio Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Socio Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7º-A, 1100 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matricada: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7º-A,
— 1100 Lisboa
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rosa — Linhó — 2710 Sintra
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Li. 227 — 4470 Maia
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7º-A 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90-7º-A 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Impressão
Heika Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EUROPA
50 números: 6 750\$00; 25 números: 3 487\$50	50 números: 24 750\$00
ESPAÑA	EXTRA-EUROPA
50 números: 13 300\$00	50 números: 39 950\$00
GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU — 50 números: 26 650\$00	

* IVA e portes incluídos

Nome _____
Morada _____ Telef. _____
Código Postal _____
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

ACTUAL

Implicações da mensagem

A mensagem que o Presidente da República, Jorge Sampaio, enviou à Assembleia para explicar a promulgação da lei sobre a flexibilidade e a polivalência tem que ser considerada, no mínimo, como uma iniciativa inconsequente.

Inconsequente, antes de tudo, porque as dúvidas e objecções justamente formuladas em palavras na mensagem presidencial não têm correspondência na decisão de promulgar aquela lei.

Para exprimir reservas ou discordâncias sobre os diplomas que lhe são apresentados para promulgação, o Presidente da República pode fazer uso do veto político ou requerer ao Tribunal Constitucional a apreciação preventiva da constitucionalidade desses diplomas.

No caso da lei sobre a flexibilidade e a polivalência qualquer destes actos seria plenamente justificado nos termos dos próprios argumentos da mensagem presidencial, que assim fariam completo sentido.

Mas o texto presidencial é também inconsequente na sua lógica interna.

Está muito certo que o Presidente da Repú-

blica manifeste particular preocupação com as omissões da lei em relação aos trabalhadores mais desprotegidos - grávidas, parturientes, menores e diminuídos físicos.

É positivo que reconheça «que da adaptabilidade de horários pode resultar (...) um prolongamento do período normal de trabalho por períodos significativos», que, como refere, podem ir «até às 50 horas semanais de trabalho durante várias semanas consecutivas.»

É importante que saliente que «os prolongamentos temporários do horário de trabalho diário e semanal podem inviabilizar os planos de vida que os cidadãos projectaram» com base no regime vigente de horário de trabalho.

É louvável, por fim, que sugira nova legislação para contrariar estas anomalias da lei.

Não se pode compreender é que depois de tantas objecções, o Presidente emita «um juízo globalmente positivo» em relação a uma lei tão maciça e veementemente condenada pelos trabalhadores portugueses.

Apesar disto, o Primeiro-Ministro, António Guterres, reagiu com indistigável irritação à mensagem presidencial, tentando minimizar o

seu alcance com expressões, como «são umas observações do Senhor Presidente» ou «são questões de pormenor.»

Além disso, demonstrando a pouca atenção que se propõe dedicar-lhe, foi atalhando: «O Governo tem o seu entendimento próprio sobre a matéria.»

É verdade que outra seria a situação se Jorge Sampaio tivesse feito uso do veto político, por exemplo. Aí o Governo e o Grupo Parlamentar do PS teriam de se pronunciar sobre as razões do Presidente. A Assembleia teria de se debruçar sobre elas. Podia haver alterações. Haveria novas votações.

Lamentavelmente, o Presidente da República não procedeu desta forma. Mas as suas preocupações sobre a execução da presente lei e a necessidade de nova legislação que lhe corrija os aspectos mais negativos não podem deixar de ser atentamente consideradas pelas instâncias oficiais e invocada pelos trabalhadores na sua luta.

■ Carlos Brito

João Carlos Espada, obviamente

Foi Karl Popper quem, há dois anos, o «mandou à América», salvo seja «para conhecer e estudar o berço da democracia». Ele foi. De imediato. E com proveito.

Estou em crer que a prontidão com que obedeceu às ordens de Popper há-de estar ligada ao problema de consciência que o assola por não ter cumprido, antes, aquela outra ordem do seu guru de estimação, quando o mandou criar galinhas para a África do Sul.

Regressou agora a Portugal - «e ao cabo de quase dois anos de exílio voluntário», como diria Z. Zagalo citando Abranches - sabendo o que já sabia quando se foi: que os EUA («a América», como ele diz e escreve sempre) são «o berço da democracia».

Popper foi bem claro: não o mandou verificar se a América era o berço da democracia; mandou-o «conhecer e estudar o berço da democracia». Pelo que, ele hoje não foi para ver como era, foi ver o que já era, foi confirmar. E confirmou: hoje, como há dois anos, escreve e fala como qualquer funcionário de qualquer departamento de propaganda do governo dos EUA.

Qual Colombo dos tempos modernos, pôs de pé à frente dos nossos olhos uma série de ovos do dito: descobriu nos EUA o mais avançado modelo de democracia, prestes a chegar ao fim da história; descobriu nos EUA «o país da liberdade»; enfim, descobriu «a América».

Mas fez mais: foi nosso guia e nosso mestre; alertou-nos para as visões distorcidas da realidade USA; ajudou-nos a ver a sociedade norte-americana como Popper lhe disse que ela era.

Aqui há um mês, deu-nos ele um exemplo concludente da sua postura de guardião do templo democrático. Foi quando o «Kids» estreou em Portugal: «A brutalidade da fita não me permite aconselhar que seja vista, mas certamente sustento que o seu conteúdo deve ser discutido, seria-

mente discutido» - escreveu ele. E, estimulando-nos a discutir «seriamente» com ele o conteúdo de um filme que nos proibiu de ver, decretou previamente que qualquer conclusão sobre o filme que não fosse a que ele já havia tirado era «inteiramente falsa». Tão moderno conceito de debate democrático foi, com certeza, bebido no biberão do berço da democracia.

Agora regressou. E fez questão de, na sua «Despedida da América» (Público 8.7.96), nos descrever mais uma vez o paraíso que é «a América»: civismo, ensino exemplar, cultura, felicidade, democracia. E riqueza, claro. Riqueza que «não cai do céu», ouviram?, riqueza que «é produto de trabalho intenso» e de muitas e variadas outras qualidades do sistema, riqueza limpa e que nada tem a ver com a exploração de países e povos que não têm forças para impedir os saques humanitários a que são sujeitos pela benemérita democracia norte-americana. Além disso, garante-nos ele, a «vida americana» é só «suavidade e maneiras», delicadezas e gentilezas e bem-aventuranças. Violência nos EUA? Que ideia! «Com excepção, talvez, de Nova Iorque onde se nota alguma agressividade», só gente com «preconceitos ideológicos» é que pode difundir todas essas mentiras e calúnias que se ouvem sobre a violência nos EUA. Tudo falsidades, garante-nos ele, e assegura-nos que um passeio pelas ruas daquelas cidades ou por espaços irradiadores de cultura como, por exemplo, a Disneylândia, corresponde a receber sucessivas lições de civismo, de tolerância racial, social e democrática.

E tudo isto porquê? «Porque (...) o espírito da liberdade está, na América, associado ao espírito religioso.» Simples, não é? Pergunto-me se o Guterres já conhecerá esta receita...

■ José Casanova

Jogos de Verão

A notícia cobriu as primeiras páginas dos jornais, rolou nas ondas das rádios, espalhou-se nos telejornais: «A partir de Agosto, uma privatização de 15 em 15 dias!» - gritava em título garrafal o DN. E, dentro do jornal, o Secretário de Estado exultava: «pela primeira vez temos um programa de privatizações - porque, no anterior governo, só havia uma lista de empresas a privatizar»...

É o PS a apresentar trabalho ao grande capital financeiro, mostrando que pode fazer mais e melhor que o PSD no desmantelamento do sector público da economia. EDP, Cimpor, BFE e Tabaqueira, Petrogal, ANA e Quimigal estão na lista de abate: mais diligente que a das vacas loucas. E para o banquete (370 milhões de contos) senta-se em lugar de honra o capital estrangeiro: afinal estamos a falar de «desnacionalizações», não é?

O slogan de «menos Estado», a pretexto de «fazer funcionar o

mercado», é o manto diáfano que cobre estas operações. Sendo aqui o «mercado», numa transferência de funções sociais, promovido a garante da produção da máxima riqueza para o maior número - a chamada sociedade de consumo. Mas...

Mas o que se vê é que essa operação serve, sim, para transferir para as mãos do reduzido grupo de detentores do grande capital financeiro (que ninguém elegera) as decisões de fundo que vão atingir toda a sociedade. Daí partem medidas que, por exemplo, atiram para a insolvência, o desemprego e a exclusão um número crescente de homens e mulheres, na aplicação de uma «lógica de mercado» (capitalista) em que tudo é mercadoria, até o trabalho humano.

E para baratear o tráfico do trabalho humano aí estão os argumentos da «lei de ferro» da «competitividade» - e então logo

se exige a intervenção do Estado, para impor a alternância e a flexibilidade, ao gosto da CIP («Agora os trabalhadores já não podem dizer que não» - observava cinicamente o seu vice-presidente).

Como cai depressa o manto do «menos Estado»!

A grande cruzada ideológica que pretende identificar a democracia com os «valores» do mercado capitalista serve apenas para criar terreno à implantação de uma minidemocracia, reduzida, no essencial, à «liberdade de circulação» do dinheiro ao serviço dos grupos financeiros dominantes.

Nessa perspectiva, o Estado (espoliado das conquistas sociais e democráticas tão duramente alcançadas) fica remetido à sua função policial, e a vida política é apresentada como um jogo de futebol (Portas rasteira Monteiro! Valentim joga a bola para

canto! Marcelo tenta desfeitear Guterres! Sampaio faz frango e deixa entrar na baliza o pacote da polivalência!) com o cidadão sentado na bancada, fora do jogo, restando-lhe o «direito» de fazer claque mas sem interferir no curso das coisas e sujeito a ser trespassado por um *very-light* à solta.

O objectivo destes jogos é encobrir o essencial, ajudando à perpetuação de um sistema de despolitização e dessocialização que anestesia a vontade de construir uma sociedade em que o cidadão não fique apenas a ver o jogo, e exerça realmente a sua cidadania e soberania.

Mas que pode fazer o cidadão? Pode sim: também durante séculos a escravatura foi apresentada como fazendo parte da ordem natural das coisas...

E acabou por ser abolida.

■ Aurélio Santos

RÚSSIA
Eleições

Ao que parece, o «Ocidente» suspirou de alívio. Clinton, Khol, Chirac, Major, e até o «oriental» Butros Ghali, enviaram a Moscovo os seus «faxes» de contentamento. O seu homem tinha ganho. O «Uf» tinha um longo percurso de meses e meses em que todos à uma tinham decidido investir em cheio na candidatura do então desprestigiado Presidente Boris Ieltsin. Toda esta gente viajou à Rússia para com o espalhamento do seu estatuto de líderes mundiais afirmarem que votariam em Ieltsin e que nas suas pastas presidenciais lhe levavam promessas de milhares de milhões de rublos. O FMI e o BM (que já lá estavam) fizeram chegar mais técnicos e especialistas para «ajudar» a Rússia através dos seus programas de aperto de cinto que, no caso presente, consistiu em durante a campanha eleitoral alargar uns fritos ao cinto. O G7 também lá fez a sua reunião e para empurrar Ieltsin designou o G7 de G7 + 1, o que não é o mesmo que G8, não fosse Ieltsin pensar que era um igual aos outros 7.

O *International Herald Tribune* de 1/7/96 deu conta que pelo menos três especialistas do Partido Republicano dos EUA trabalhavam muito discretamente na campanha de Ieltsin.

Ieltsin beneficiou de todo este apoio, o que sem dúvida teve grandes repercussões internas. O desfile dos grandes do mundo influenciou. E influenciou ainda o apoio dos *media* a Ieltsin. Ziuganov foi quase ignorado nas ténis e nos grandes jornais. E sem dúvida que a partir de dentro e de fora foi agitado até à exaustão o argumento que o voto de Ziuganov significaria o regresso ao passado ou à guerra civil. A manipulação atingiu tal ponto que no próprio dia das eleições a televisão estatal passou durante a manhã quatro horas de telenovela «Mulheres de areia» para que ninguém se afastasse de Moscovo, São Petersburgo e outras grandes cidades.

Em certos círculos eleitorais, os homens de Ieltsin ofereciam aos votantes bilhetes de lotaria...

Ieltsin, depois de mandar bombardear o Parlamento, fez várias declarações eleitorais em que caso perdesse as eleições não estaria em condições de passar o poder, o que nem uma vez mereceu a crítica dos impolutos democratas ocidentais. Para além de todos estes pequenos apoios Ieltsin tinha outros candidatos a correrem para si e contra o candidato Ziuganov. Isso explica a contribuição de Ieltsin com fundos na campanha de Lebed, para depois colher o investimento na segunda volta.

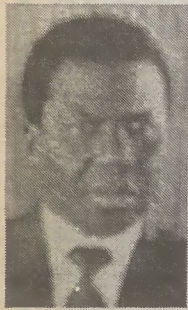
É claro que, neste contexto, os 40% do candidato Ziuganov são um bom resultado. Mostra que naquelas condições a força daquele bloco é enorme. Como Ieltsin não vai resolver o que é incapaz de resolver e os gravíssimos problemas sociais vão continuar, há uma força que, se permanecer no essencial aglutinadora das aspirações profundas dos trabalhadores e do povo russo, vai ter um enorme papel a desempenhar na Rússia. Ieltsin venceu, mas toda a gente sabe que a sua vitória tem um sabor amargo, porque venceu mas não convenceu. A pobreza, o crime, a insegurança e a humilhação nacionais da Rússia são chagas abertas. Ieltsin, Lebed, Jirinovsky e os ocidentais não têm remédio para curar aqueles males. Eles todos juntos os provocaram. É necessária outra política que consubstancie uma viragem. A força do bloco que apoiou Ziuganov ainda não é suficiente, mas é previsível que se venha a reforçar e a ganhar peso para pôr termo à política de Boris Ieltsin, Lebed, Jirinovsky, Chubais, Iavlinsky e C^a.

■ Domingos Lopes

SEMANA

De boas intenções...

Estreitar os laços de cooperação entre a Guiné-Bissau e Portugal, objectivo declarado da visita oficial de Nino Vieira ao nosso país, a semana passada, parece tarefa difícil



de passar do plano das intenções. No Porto, onde o Presidente guineense se deslocou acompanhado por Jorge Sampaio, Nino Vieira afirmou mesmo «vontade da parte dos empresários portugueses em investir na Guiné-Bissau» e anunciou para breve

a deslocação ao seu país de uma delegação da Associação Industrial Portuguesa, mas no encontro com empresários no Europarque, em Santa Maria da Feira, o ambiente esteve longe daquele aparente optimismo. Na ocasião, o ministro da Energia guineense, Gomes Cardoso, lembrou que «esta é a segunda delegação empresarial da Guiné que, no espaço de dois meses, visita Portugal», sem que no entanto se obtenham resultados concretos.

«Os apelos repetem-se, as boas intenções declaram-se, mas falta articulação», disse o ministro. Enquanto isso, os investimentos italianos e franceses na Guiné-Bissau continuam a aumentar.

Grande Prémio

O Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores (APE) foi para o romance, de Teolinda Gersão, «A Casa da Cabeça de Caval». A entrega do prémio, no passado domingo, contou com a presença do Presidente da República e do ministro da Cultura, o que não acontecia há vários anos, e constituiu uma verdadeira homenagem ao livro e à literatura.

A premiada, catedrática de literatura na Universidade Nova, de 56 anos, conta já no seu percurso com seis obras publicadas em 15 anos. Teolinda Gersão afirma que o que lhe é «mais grato no ofício de escritora» é o registo da memória, e garante que «o escritor nunca escreve sozinho», pois o seu trabalho é de «escuta e atenção aos outros». Por isso, disse na cerimónia da APE, «ninguém escreve contra ninguém» e «não há nunca demasiados escritores, há sempre demasiado poucos».

SIDA está a aumentar

O número de pessoas com SIDA continua a aumentar em Portugal, estando até ao momento notificados 3 377 casos, 61 por cento dos quais resultaram em morte. Estes dados foram revelados na XI

Conferência Internacional da SIDA, cujos trabalhos se iniciaram domingo em Vancôver, no Canadá.

Segundo o Programa das Nações Unidas sobre a SIDA (ONUSIDA), o número de casos

notificados em todo o mundo até Junho passado ascende a 1 393 649, o que representa um aumento de 19 por cento em relação ao ano transacto. Estima-se que o total de pessoas infectadas (tendo em conta os

casos não comunicados e os atrasos nas notificações) seja de 7,7 milhões.

Na abertura da Conferência, Peter Piot, responsável do ONUSIDA, incitou os governos a manifestarem mais audácia no combate ao

flagelo do século. Na cerimónia de abertura, manifestantes vaiaram o governo canadiano, acusando-o de «voltar as costas aos doentes com SIDA e de se desinteressar dos seus problemas».



Crédito malparado

O crédito malparado da Caixa Geral de Depósitos (CGD) ascende a 150 milhões de contos, 80 por cento dos quais (120 milhões) respeitantes a crédito à habitação. Segundo dados vindos a público esta semana, a CGD considera totalmente irrecuperáveis 17,1 milhões de contos. Os distritos onde o montante das dívidas é maior são os de Lisboa e de Setúbal, seguindo-se depois os do Porto e Braga. Na capital, os processos titulam mais de 90 milhões de contos, estimando-se que a parte respeitante à habitação orce os 50 milhões;

em Setúbal, as dívidas, no final do ano passado, ascendiam a mais de oito milhões de contos; no Porto e em Braga, em conjunto, crê-se que o montante ultrapassa os cinco milhões de contos.

Em curso estão cerca de oito mil processos para tentar reaver os créditos

Jornalistas credenciados

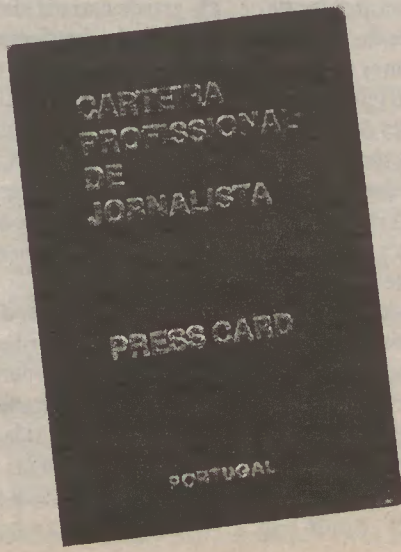
A Comissão Paritária da Carteira Profissional de Jornalista começou esta semana a revulgar as «carteiras», o que põe fim a quase três anos de vazio legal na profissão. Segundo o secretário de Estado da Comunicação Social, Arons de Carvalho, o processo de regularização agora inicia-

do só foi possível depois de se «desbloquear a situação de paralisação herdada do anterior Governo» no respeitante à constituição da Comissão Paritária. A Comissão é presidida por um juiz e formada por representantes do Sindicato dos Jornalistas e das entidades patronais.

Notas atrasadas

O Júri Nacional de Exames do 12º ano decidiu adiar para a próxima segunda-feira a afixação das pautas com os resultados da primeira chamada, inicialmente prevista para ontem. A decisão ficou a dever-se, segundo aquele organismo, à necessidade de «articular as provas dos alunos que terminam este ano os novos cursos do secundário com as suas classificações de frequência». Este é o segundo adiamento na afixação das pautas; na semana passada, a divulga-

ção foi «impedida» pela retenção das provas de Matemática e Química já corrigidas, dado que aos alunos foi dada a hipótese de anular a primeira chamada e comparecer à segunda, como compensação das anomalias registadas nas referidas provas. Agora, o argumento é a «análise» dos efeitos dos exames dos novos cursos, o que pressupõe que o Ministério está decidido a apreciar possíveis discrepâncias entre as notas de frequência e as de exame.



FRASES

«Concordarão que eu represento algo sem precedentes no Kremlin... Está a chegar sangue novo ao poder e eu sou disso claramente um exemplo.»

(General Alexandr Lebed, citado em «Público», 06.07.96)

«Se isto faz algum sentido, dizer que a democracia venceu significa afirmar que, desde quarta-feira, os russos não são mais uma multidão inocente.»

(Iuri Kagarlitski, politólogo russo, citado em «Público», 05.07.96)

«Em questões que têm sido estruturantes para a sociedade portuguesa, e em relação ao nível de expectativas criadas no eleitorado, o PS ou não as concretizou ou deu o dito por não dito.»

(Lino de Carvalho - «Semanário», 06.07.96)

«Quando Portas encena o discurso patriótico, o Portugal conservador lembra-se das irreverências do jornalismo que Portas patrocinou na Rua Ruben Andresen Leitão e pergunta se este jovem líder, com porte digno da Câmara dos Comuns, será credível a declinar, na sua integralidade, o clássico tríplice «Deus, pátria e família»?»

(Mário Mesquita - «Diário de Notícias», 06.07.96)

«Ao engendrar o PP à semelhança dele e do nome dele, o dr. Paulo Portas não pretendia ser o Amaro da Costa ou o Salgado Zenha fosse de quem fosse.»

(João Carreira Bom - «Expresso-Revista», 06.07.96)

«(será) necessário encontrar um outro nome (que não o de Lobo Xavier) que aceite o ónus de ouvir Manuel Monteiro todos os dias ao telefone.»

(«algumas fontes» contactadas pelo «Semanário», 06.07.96)

«Dois anos na América e quatro em Inglaterra libertaram-me da chantagem dos preconceitos ideológicos, aos quais deixei positivamente de dar atenção.»

(João Carlos Espada - «Público», 08.07.96)

«Não podemos jogar como Portugal. Basta ver, nas férias, como dançam os portugueses nas discotecas. Que elegância! Comparados com eles, os alemães são uns frigoríficos.»

(Berti Vogts, seleccionador alemão, em férias no Algarve - «A Bola», 07.07.96)

«Mostrámos que somos bons, falta mostrar que somos fortes.»

(Paulo Sousa - «A Bola», 08.07.96)

«Sou fissurado no Julio Iglésias.»

(Neno, guarda-redes do Guimarães - «Público», 09.07.96)

«Foi o próprio Paulo Portas que me declarou compatível.»

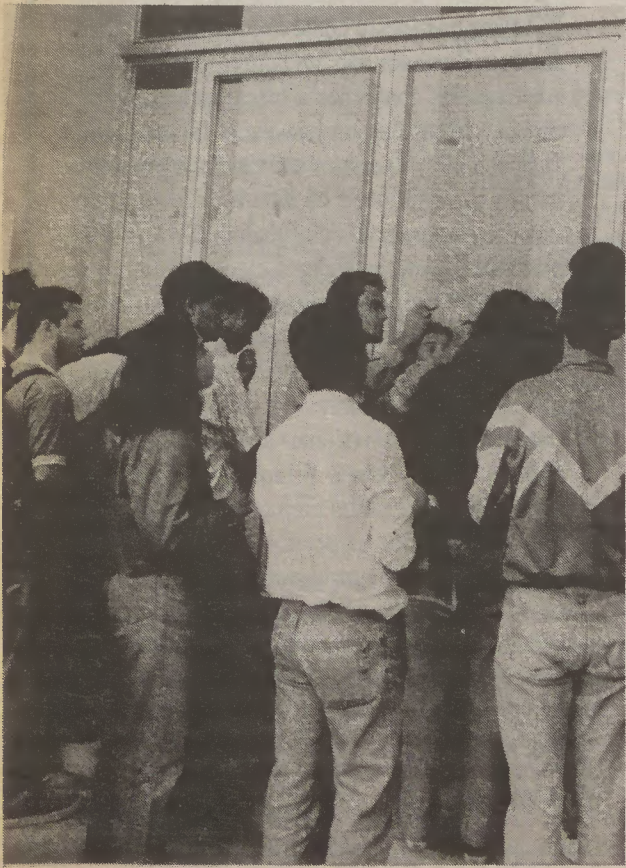
(Gilberto Madail, PSD - «Semanário», 06.07.96)

«Estou a fazer tudo ao mesmo tempo.»

(Marçal Grilo, Ministro da Educação - «Público», 08.07.96)

«O morto é um militante como os outros, só que dispõe de um estatuto biológico diferente que lhe reduz substancialmente as aptidões. Muitas vezes, foi o excesso de devoção e militância que o lançou na condição em que está.»

(Nuno Brederode dos Santos - «Expresso-Revista», 06.07.96)



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Parlamento aprova projectos do PCP
sobre indemnizações e pensões das vítimas
do infortúnio laboral

Corrigir um sistema injusto

O Parlamento aprovou, na generalidade, dois projectos de lei do PCP relativos às indemnizações e pensões das vítimas de acidentes de trabalho e de doenças profissionais. Ao fazê-lo, como sublinhou ao "Avante!" a deputada Odete Santos no final do debate, a Assembleia da República reconhece a necessidade de se "pôr fim a um sistema legal iníquo, que se tem perpetuado, sobre as vítimas do infortúnio laboral".

Bem pode dizer-se que a luta persistente dos sinistrados do trabalho e das suas organizações, com destaque para a luta da CGTP-IN, reclamando Justiça para os injustiçados do trabalho, encontrou eco, desta feita, na Assembleia da República.

Para o Grupo Parlamentar do PCP - que de há muito assumiu também esta luta, materializando por duas vezes em iniciativas legislativas idênticos objectivos que o PSD inviabilizou -, esta aprovação não pode deixar igualmente de encerrar um importante significado.

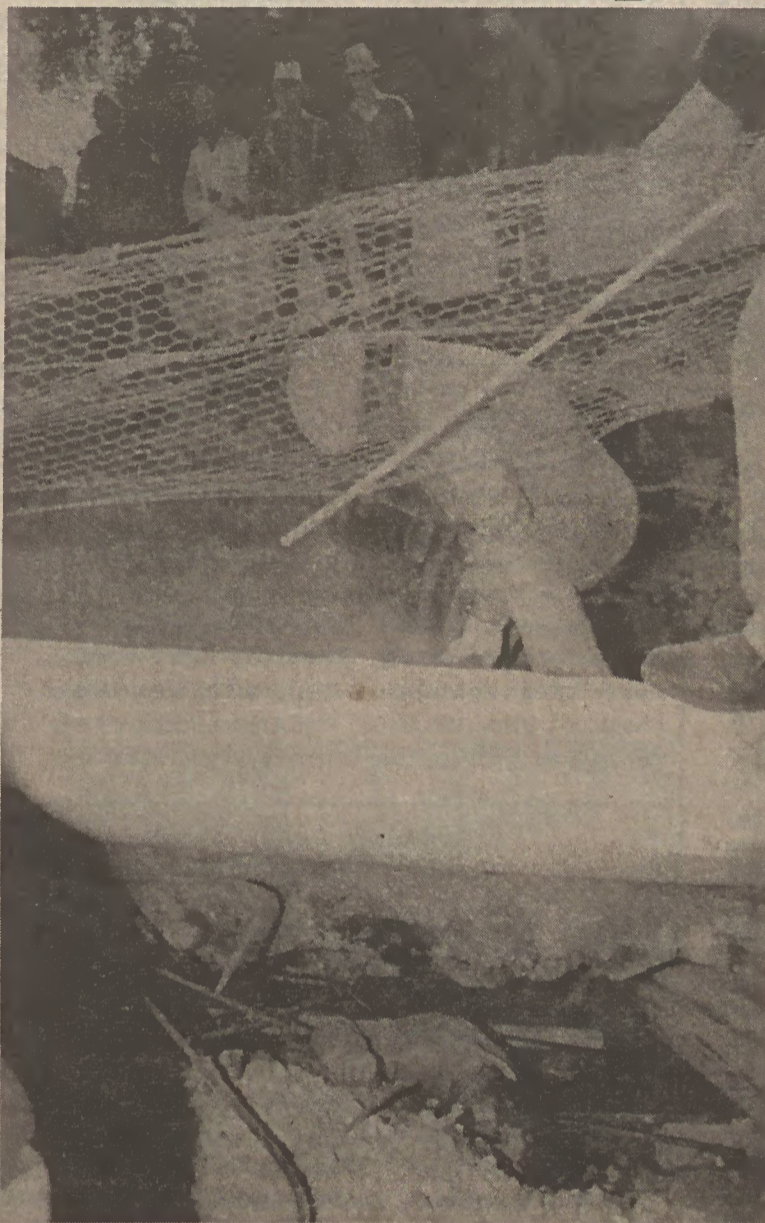
Trata-se, acima de tudo, foi ainda Odete Santos a lembrá-lo, de uma "primeira resposta aos dramas" em que vivem os sinistrados de trabalho e as vítimas de silicose e outras doenças profissionais, alterando para o efeito leis injustas que "continuam a perpetuar a visão economicista do trabalho, que mais não vêem no trabalhador do que uma mercadoria a que apenas se repara a perda da capacidade de ganho".

De acordó com essa "visão taylorista da legislação do infortúnio laboral" - assim lhe chamou a deputada comunista -, com efeito, o trabalhador atingido pelo infortúnio não é encarado como "uma pessoa que foi atingida na sua integridade" mas tão-só quase como "um corpo que tem de sofrer, através de uma pensão de miséria, a culpa de se ter deixado vitimar".

"Esta concepção do homem como uma máquina atinge mesmo o cúmulo quando o inapto, o afectado de qualquer incapacidade, é considerado sem valor industrial para a atribuição de reparação por acidente de trabalho", sublinhou Odete Santos, exemplificando, a propósito, com os deficientes trabalhadores que usam prótese ou aparelho de ortopedia e que vendo danificados os mesmos em acidentes de trabalho não estão sequer abrangidos pela lei, uma vez que, observou, "o dano que sofreram e que excede o mero dano material não é considerado lesão ou perturbação funcional".

Não sendo a resposta total ao problema da reparação do infortúnio laboral, como reconheceram os deputados comunistas ao longo do debate, o conteúdo dos seus projectos não deixa por isso de ser um importante avanço na reparação de muitas situações injustas como a que atrás se referiu.

E tudo porque, como frisou Odete Santos, o projecto de lei do PCP "encara o trabalhador como um ser humano, com direito à protecção dos seus direitos de personalidade, com direito à vida e à integridade moral e física, constitucionalmente reconhecidos, com direito de exigir do Estado uma das suas tarefas funda-



A reparação integral dos danos sofridos pelos sinistrados é um dos objectivos visados nos diplomas do PCP, que, deste modo, procura contribuir também para que haja um maior investimento na prevenção dos riscos profissionais (na foto, de arquivo, operários soterrados em Sete Rios, em Janeiro de 91)

soluções preconizadas pelo PCP da legislação vigente, uma legislação que encara o trabalhador como uma mercadoria ao reduzir o cálculo da operação a "uma fria operação matemática", consagrando uma reparação apenas parcial da capacidade de ganho, não permitindo a reparação por danos não patrimoniais - o que equivale a que sejam pagas pensões de miséria - e que impede a actualização das pensões relativas a incapacidade inferiores a 30 por cento.

Com os diplomas em sede de especialidade, trata-se, agora, de levar por diante a luta com vista à sua aprovação. Essa é garantidamente a posição do Grupo comunista, sublinhada nas declarações de Odete Santos ao "Avante!" quando afirma, no rescaldo do debate, que o "PCP tudo fará para

que a aprovação na generalidade não represente apenas um acto de contrição da Assembleia da República, sem consequências".

"O PCP tudo fará - concluiu - para que à aprovação na generalidade dos diplomas venha a corresponder, de facto, a alteração de um sistema legal de ignomínia, a que urge pôr cobro."

mentais: a efectivação dos direitos económicos e sociais".

Nessa medida, para o PCP, o que está em causa - e por esse objectivo, segundo foi anunciado, continua a bater-se - é a reparação integral dos danos sofridos, o que implica que tenha de ser repensado o sistema de responsabilização pela reparação.

Com a reparação integral, ainda segundo a opinião de Odete Santos, um decisivo passo será igualmente dado no plano do investimento na prevenção dos riscos profissionais, alterando o quadro actual em que "continua a ser mais barato reparar que prevenir o acidente ou a doença."

São todos estes aspectos, em síntese, que diferenciam as

As propostas
do PCP

Entre as propostas contempladas nos projectos do PCP figura o direito à indemnização por danos morais, da vítima e dos familiares, até 75 por cento quando o acidente de trabalho não for imputável à entidade patronal e, na totalidade, quando tal acontecer.

Revogada é, por outro lado, a disposição que só concede ao trabalhador o direito a receber dois terços da desvalorização sofrida, eliminando assim a situação absurda em que, por exemplo, se a desvalorização for de 25 por cento, o trabalhador nem sequer o montante equivalente a esta desvalorização recebe.

Considerando que a situação existente "beneficia o infractor", como fez notar Odete Santos, ao lembrar o "calvário dos trabalhadores nas mãos das companhias de seguros sempre ansiosas para reenviarem o trabalhador para o seu local de trabalho", o projecto do PCP propõe que o trabalhador, ainda que lhe tenha sido atribuída uma incapacidade parcial, "receba o equivalente a uma incapacidade absoluta, se, regressado ao trabalho, para trabalhar em serviços adequados a tal situação, não lhe for dado efectivamente trabalho melhorado".

Proposto é também o pagamento da indemnização por incapacidade temporária absoluta, ainda que ao trabalhador seja apenas atribuída incapacidade temporária parcial, quando, de acordo com as explicações de Odete Santos, "não puder retomar o trabalho por seguir tratamento destinado à sua readaptação e quando, por motivo justificado, recusar o trabalho ou tratamento proposto, ou puser fim aos mesmos por motivo justificado".

No que diz respeito à incapacidade absoluta para o trabalho habitual, em substituição do regime vigente, importa reter a alteração que prevê que o sinistrado, para além da pensão pela incapacidade para o trabalho habitual, receba pensão pela incapacidade parcial de que sofra para todo e qualquer trabalho.

Melhoradas, de acordo com o previsto no articulado de um dos projectos do PCP, são ainda as pensões por morte, enquanto que no plano da remição das pensões é consagrada a possibilidade de o trabalhador, se assim o requerer, receber sempre o capital de remição da sua pensão, quando a desvalorização não ultrapassar os 20 por cento, podendo, nos casos de desvalorizações superiores, ter igualmente o direito à remição até ao montante de 20 por cento.

No sentido de pôr fim ao que considera de "ignomínia de pensões que nunca foram actualizadas", o projecto comunista prevê a actualização de todas as pensões, que passará a ter carácter anual, consagrando, noutro capítulo, entre outros direitos, o direito à prestação suplementar para assistência permanente a terceira pessoa.

Proposta é também a alteração de algumas disposições do Código do Processo de Trabalho e, por último, a reformulação do conceito de acidente de trabalho, alargando o leque das situações e dos trabalhadores abrangidos por tal infortúnio.

Dignificar as pensões

Uma das principais alterações previstas nos diplomas subscritos pelo Grupo comunista diz respeito ao cálculo do montante das pensões e indemnizações, o que implicará um substancial aumento do respectivo valor.

Pelo regime actual, um trabalhador que ganhe, por exemplo, 80 contos por mês e tenha um acidente correspondente a uma incapacidade permanente parcial de 25 por cento, recebe de pensão 13.652\$00 por mês, pensão esta que não pode ser redimida e não será nunca actualizada.

Com a fórmula proposta pelo PCP, o mesmo trabalhador verá a sua pensão aumentada em 70,91 por cento, isto é, passará a receber 23.333\$00, tendo ainda direito a receber indemnização por danos morais, o que não sucede actualmente, e a poder requerer a remição da sua pensão, recebendo a quantia de 2.699.688\$00, sendo a parte não remida distribuída por prestações mensais.

Um segundo exemplo, levado ao conhecimento da Câmara pela deputada comunista Odete Santos, diz respeito a um trabalhador com idêntico salário-base, cuja desvalorização tenha sido de 60 por cento.

Pelo regime actual tem direito a uma pensão de 34.234\$00, que não poderá ser redimida, não havendo igualmente lugar a qualquer indemnização por danos morais. Este trabalhador só poderá ver a sua pensão actualizada quando o salário mínimo nacional ultrapassar a sua retribuição base cujo montante é de 81.713\$00.

Aplicando o projecto do PCP, este trabalhador verá a sua pensão aumentada em 65 por cento, tendo direito a receber 50.000\$00 por mês e a receber uma indemnização por danos morais sofridos até ao montante de 75 por cento dos mesmos. Poderá ainda receber em remição a quantia de 2.699.988\$00, ficando a receber o restante em prestações mensais.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Oito meses de governação A marca do desencanto e da frustração

Flexibilidade e polivalência



As bancadas comunista e socialista reagiram distintamente à promulgação, pelo

Presidente da República, da Lei da flexibilidade e polivalência. À congratulação manifestada pelo PS opôs-se a formação comunista lamentando a decisão de Sampaio quanto a um diploma que do seu ponto de vista constitui uma "regressão social".

Era o comentário dos dois partidos à mensagem enviada na passada semana ao Parlamento pelo Presidente da República, acompanhando a promulgação do diploma, na qual manifestou algumas reservas em relação à sua aplicação.

O Governo, através do secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, António Costa, reafirmou que a lei resultou de um acordo estabelecido em sede de Concertação Social, assinado entre o Executivo e os parceiros sociais.

Para Jorge Lação, que expressou "apeço pela decisão do Presidente em promulgar a lei" em declarações aos jornalistas, não existem dúvidas de que Jorge Sampaio "manifestou de forma inequívoca a sua concordância com o diploma, considerando-o um instrumento significativo para o país no quadro das relações económicas e laborais".

O PCP, pela voz do líder parlamentar, Octávio Teixeira, lamentou a promulgação porque, "diversamente do que é referido pelo Presidente da República, a lei é contra o progresso social, é uma lei de regressão social".

Empreitadas públicas



O Parlamento aprovou na generalidade um projecto de lei do CDS/PP que alarga às sociedades anónimas de

capitais públicos o regime jurídico das empreitadas das obras públicas, colocando-as em situação de igualdade com as concorrentes.

Para o partido proponente, conforme se pode ler na exposição de motivos do diploma, trata-se, sobretudo, com esta alteração, de garantir a transparência dos gastos de dinheiros públicos. Para o deputado Rodeia Machado, que interveio em nome da bancada do PCP, o diploma afigura-se "desajustado", uma vez que, observou, o controlo do Tribunal de Contas sobre as contas das empresas públicas é sempre um garante de maior rigor e transparência nos gastos dos dinheiros públicos.

O facto de o diploma se aplicar a todo o universo das empresas públicas, as mais diferenciadas, levou ainda Rodeia Machado a considerar esta iniciativa legislativa "desadequada", pese embora a disponibilidade revelada pelo PCP para o discutir em sede de especialidade.

Com as férias à porta e a sessão legislativa a aproximar-se do seu termo, como já é habitual, ganha pleno sentido proceder a uma avaliação crítica sobre o que foram o trabalho parlamentar e a acção governativa. Em jeito de balanço, se se quiser, foi o que fez o deputado comunista João Amaral, faz hoje oito dias, ao trazer para primeiro plano as questões substantivas que do seu ponto de vista marcaram neste domínio os oito meses de actuação do Governo rosa e da maioria que o apoia.

E a principal conclusão a que chegou foi a de que existe uma marca de "desencanto e frustração" que atravessa este Governo e que resulta, tão-só, do facto de o "PS ter governado à direita e com a direita". Ao aplicar as "mesmas receitas do governo anterior", o Executivo não poderia deixar de ter "forçosamente os mesmos resultados", frisou João Amaral, antes de expressar a sua

convicção quanto à necessidade de "uma real mudança que dê à política o sinal de esquerda que hoje não tem".

Os exemplos mais detalhadamente expostos por João Amaral não deixam dúvidas a este respeito. Por si lembrados foram, concretamente, no processo de revisão constitucional, as questões relacionadas com a regionalização e o referendo sobre a União Europeia.

Sobre esta última, no entender do parlamentar comunista, está em curso uma congeminção cozinhada pelo PS e PSD que está longe de assegurar a possibilidade de submeter a referendo tratados como o de Maastricht ou de alguns dos seus aspectos essenciais (como a União Económica e Monetária e a Moeda Única).

No que se refere à regionalização, segundo o deputado do PCP, a questão reside no facto de o PS ter cedido à chantagem do PSD, deixando-se enredar "numa embrulhada" - as palavras são suas - que poderá conduzir a um beco sem saída e comprometer o avanço do processo face às várias etapas que ainda estão por percorrer.

"A convicção que fica é que quem, como o PS, aceita e promove esta embrulhada já não

está muito interessado em avançar com o processo de regionalização", observou João Amaral, antes de se dirigir à bancada socialista lançando-lhe o repto para, no caso de quererem "desfazer esta impressão", darem "um valente murro na mesa" com vista a acabar com o "arrastamento" actual e decidirem de uma vez por todas, "agora, antes das férias, o que vai ser feito, com um calendário rigoroso".

Foram pois estes dois exemplos - regionalização e referendo sobre a União Europeia, entre tantos outros - que João Amaral erigiu como paradigmas destes oito meses de

governação do PS, período durante o qual, sublinhou, foi até possível, não raro, encontrar uma inesperada "insensibilidade social".

Daí o "desencanto e frustração" provocados nos portugueses, como assinalou João Amaral, que exemplificou a este propósito com o cego cumprimento das exigências de Maastricht, com os ataques ao estatuto legal e social dos trabalhadores, com o desmantelamento do sector empresarial do Estado, com as parcas medidas tendentes à melhoria das condições de vida dos cidadãos e à resolução dos seus problemas.

Legislação laboral

Não há remendos que valham...

A Assembleia da República debateu na semana transacta duas propostas de lei relativas, num caso, à alteração do regime de trabalho temporário, no outro, à cessação do contrato de trabalho. Trata-se, como o próprio secretário de Estado do Trabalho reconheceu, de propostas modestas.

Através da primeira, o Governo melhora o regime num dos pontos, na medida em que o aluguer de trabalhadores a empresas, clandestinas, de colocação de mão-de-obra, determina que aqueles passem a ser considerados trabalhadores efectivos do utilizador, em vez de contratados a prazo como se prevê na actual legislação.

Sucedo, porém, como tratou de chamar a atenção a deputada comunista Odete Santos, que a proposta "piora a protecção do trabalhador", por outro lado, na medida em que acaba com a responsabilidade solidária da empresa de aluguer e do utilizador. "O trabalhador apenas a este poderá exigir os seus créditos, ao contrário do que acontece na lei actual", esclareceu a deputada do PCP.

E a verdade é que a melhor forma de combate às empresas clandestinas de colocação de mão-de-obra consiste numa política de emprego que este Governo, completamente enfeudado aos critérios de Maastricht, não prossegue.

Quanto à outra proposta de lei, o Governo acaba por estabelecer um regime que, não só aca-

bará com as forçadas revogações de contratos por mútuo acordo, como impõe aos trabalhadores um regime de especial exigência, quando pretendam rescindir o contrato.

Deste modo, segundo Odete Santos, o trabalhador pode "ver recusada a sua comunicação de que rescinde o contrato", isto se "não puser data naquela comunicação e se não reconhecer no notário a sua assinatura".

Equivale a dizer, por conseguinte, que esta disposição em vez de defender os trabalhadores constitui para eles um ónus de que só beneficiam as entidades patronais.

Com efeito, a entidade patronal pode recusar ou não a comunicação naquelas condições. "O que quer dizer - explicou Odete Santos - que não será desta maneira que se evita que um trabalhador assine um contrato de trabalho, e, ao mesmo tempo, a rescisão do contrato."

Lembradas pela deputada comunista foram ainda as formalidades impostas ao trabalhador, as quais, em sua opinião, "podem dificultar, senão inutilizar, o seu direito", o que a levou a concluir que "depois de introduzida na legislação laboral a flexibilidade e a polivalência não há remendo com que se possam cerzir as mazelas introduzidas na legislação laboral pelo Governo PS".

Reforma do Tribunal de Contas

O reforço dos poderes do Tribunal de Contas e das suas condições de independência e autonomia, previstos em diploma do Governo, embora tenham merecido o aplauso do Grupo Parlamentar do PCP, por ser considerado "um passo em frente", não evitaram críticas da sua parte ao que consideram "algumas contradições que podem acabar por esvaziar os propósitos inicialmente enunciados".

Apresentada sexta-feira passada, em debate que contou com a presença do ministro das Finanças, Sousa Franco, os pontos fracos da proposta assentam, basicamente, na perspectiva do deputado comunista Lino de Carvalho, no facto de, em matéria de responsabilidade financeira cometida aos políticos, a redacção imposta pelo Conselho de Ministros surgir "mais atenuada" do que estava previsto, o que "reduz muito a eficácia das normas propostas".

Colocadas por Lino de Carvalho foram ainda questões relativas à competência do Tribunal e ao alívio dos mecanismos de fiscalização prévia ("deve-se ir mais longe", disse), bem como no que se refere ao que apelidou de "excesso de presidencialismo", e quanto aos dispositivos para as secções regionais das Regiões Autónomas que em sua opinião "configuram uma menorização do estatuto e desconfiança no respectivo corpo de magistrados".

Lei da Rádio Quase tudo por esclarecer...

Com declarada pressa no sentido de que seja aprovada antes do final da sessão legislativa, o Governo agendou para a passada quinta-feira a discussão da proposta de alterações da Lei da Rádio. Como anunciou o secretário de Estado da Comunicação Social, Arons de Carvalho, no início da discussão (que, aliás, tivera de ser adiada do seu primeiro agendamento no mesmo dia da discussão do «totonegocio»), o projecto ora apresentado resultou de uma intensa troca de ideias entre o Governo e as rádios locais, suas organizações representativas e também outras entidades, nomeadamente o Sindicato dos Jornalistas.

A avaliar pelas intervenções neste debate na generalidade, não parece contudo que os resultados tenham sido particularmente proveitosos. No essencial, o Governo anuncia pretender intervir em duas áreas: a questão dos financiamentos das rádios e a questão das cadeias de rádios, entretanto surgidas em clara contra-venção do que fora o espírito e a forma da legislação aprovada sobre o assunto.

O que praticamente toda a oposição disse é que, afinal, a montanha deu origem a um diminuto roedor, sem dentes sequer para resolver algumas das questões cuja solução até talvez conseguisse consenso parlamentar - mesmo de um PSD que sobre o assunto tem infindas contas no cartório.

Na verdade, como tratou de sublinhar no decorrer do debate o deputado comunista Ruben de Carvalho, a abordagem do problema das cadeias de rádios (que é inseparável de uma reconsideração da viabilidade e realidade das rádios de vocação local) peca por ser um afloramento que acaba apenas a revelar que o Executivo PS "não conseguiu produzir uma proposta legislativa capaz de corrigisse os entorses da legislação PSD, as ainda maiores entorses da sua regulamentação e os brutais aleijões da sua aplicação".

"Que, a título de exemplo, o PS venha agora propor a existência de «rádios temáticas» é coisa sobre a qual existirão talvez poucas dúvidas; mas o que serão essas rádios temáticas é coisa sobre que a proposta do Governo é completamente omissa...", comentou, a propósito, Ruben de Carvalho.

Por outro lado, se o Governo abre a possibilidade de as autarquias poderem apoiar financeiramente as rádios - o que pode ser uma pura clarificação de uma realidade escusa, e escusadamente escusa - embrenha-se em silêncios tanto mais comprometedores quanto um decreto de 29 de Junho (que o deputado, do PCP, Ruben de Carvalho anunciou que iria ser chamado a ratificação) abre a possibilidade de os «apoios» oficiais à Comunicação Social poderem ser dados de forma tão simples quanto uma portaria! Uma prática PSD sobre a qual o PS na oposição disse cobras e lagartos...

Resumindo, o debate sobre a proposta do Governo deixou clara apenas uma coisa: a proposta é curta. Ruben de Carvalho apontou que quase tudo estava por esclarecer e que nem sequer as habilidades de remeter para decretos regulamentadores a clarificação de dúvidas evidentes servia para explicar a situação. Baixou o projecto à Comissão para ver se de lá sai mais claro. Até ao fim da sessão legislativa, deve ser difícil.

Lixos tóxicos no Montijo

O problema dos lixos tóxicos hospitalares, descobertos no concelho do Montijo - que levou à pronta intervenção da Câmara junto dos Ministérios, do Governo Civil de Setúbal, e outras instâncias - continua à espera de uma real solução, após as primeiras acções levadas a cabo para a sua remoção. Em comunicado à imprensa, a Câmara alerta para o facto de os lixos terem deixado de ser removidos e as instalações em que se encontram concentrados não terem qualquer vigilância. Uma situação que se arrasta desde que foi decidido o afastamento dos funcionários da Câmara dos trabalhos, por não se dispor de pessoal habilitado nem do adequado equipamento para manusear resíduos perigosos, o que naturalmente colocava problemas de segurança. O grupo parlamentar de "Os Verdes" apresentou entretanto um requerimento aos Ministérios da Saúde e do Ambiente, considerando que a situação criada "traduz uma irresponsabilidade do Ministério face àquelas que são as suas competências" "Os Verdes" colocam uma série de questões, quer sobre o problema agora surgido no Montijo, quer sobre a situação em geral dos lixos tóxicos hospitalares e sublinham que "o negócio do lixo hospitalar não é uma situação desconhecida pelo Governo" e que "as empresas que celebram contratos com as unidades hospitalares de recolha, transporte e tratamento, violam sistematicamente os contratos que têm com os hospitais".

Agricultores discriminados

A Confederação Nacional de Agricultores (CNA) foi mais uma vez afastada do Plenário do Conselho Económico e Social (CES). Agora com o argumento de que "a agricultura ocupa actualmente apenas cerca de 10% da população activa e contribui com 6% para o PIB", e que "a atribuição de um representante à CNA (no CES) levaria a que as actividades agrícolas ficassem com maior representação do que as actividades industriais ou as actividades dos serviços". Uma situação que a Associação dos Agricultores do Porto (APA) condena como "um acto de autêntica censura visando a unicidade do diálogo e a manutenção do poder dos lobbies da CAP que representa poucos agricultores e muito dinheiro". A APA considera que o presidente do CES "cedeu às pressões dos senhores do dinheiro, desvirtuando assim o principal objectivo do CES como sede de diálogo e concertação entre todas as principais organizações socioeconómicas do país".

Baldios de Viseu

O Secretariado dos Baldios do Distrito de Viseu decidiu proceder a uma reorganização dos serviços, no sentido de "dar um novo impulso à defesa e aproveitamento dos recursos dos baldios no contexto da profunda crise da nossa agricultura e da crescente (e preocupante) desertificação humana das comunidades rurais serranas". No plano de actividades para 1996 inscreve-se, de par do apoio técnico à constituição de novas Assembleias de Compartes e aos Conselhos Directivos dos Baldios já existentes, a promoção de acções em defesa da propriedade comunitária e da administração democrática dos baldios pelos povos, e a sensibilização da comunidade para "a importância dos baldios para as economias de montanha, para a defesa dos ecossistemas, para a fixação humana nas serras e para um desenvolvimento regional equilibrado". Pretende-se, ainda, dinamizar o aproveitamento dos recursos e potencialidades dos baldios, "designadamente pelo estudo e aplicação dos planos de utilização dos recursos dos baldios, lutando para que o Estado canalize os necessários fundos para o seu aproveitamento".

CDU Viana do Alentejo

A CDU realizou, sábado passado, em Viana do Alentejo, um plenário onde analisou o trabalho desenvolvido e perspectivou o próximo acto eleitoral. Participaram eleitos e activistas da CDU e Raimundo Cabral, do CC do PCP. O balanço do trabalho feito é positivo, apesar das dificuldades, de diversa ordem, que este trabalho tem enfrentado - uma pesada herança, a inexistência de um Plano Director Municipal, a burocracia, o não cumprimento das finanças locais por parte dos sucessivos governos incluindo o actual, legislação desadequada aos dias de hoje. Os eleitos da CDU salientaram ainda "a importância que tem para o Concelho e a Região a implementação das Regiões Administrativas". Consideram urgente "a implementação das Regiões" e no caso do Alentejo "uma região Alentejo com poderes efectivos, os quais não devem ser atribuídos à custa do Poder Local" pois, a regionalização pressupõe uma descentralização efectiva, de cima para baixo.

Peniche

Um exemplo da falência das políticas neoliberais

"As políticas neoliberais dos últimos 10 anos de governação do PSD e da União Europeia têm no Concelho de Peniche um dos mais significativos exemplos da sua falência" - sublinha-se nas conclusões do Encontro Concelhio da CDU de Peniche, realizado no fim de Junho no Museu de Peniche. O progressivo declínio - desde 1991 - da actividade predominante de Peniche - a pesca - gerou uma grave crise económica e social. Uma situação que urge superar. E que tem respostas possíveis, como ressaltou, de forma muito concreta, no Encontro da CDU, em que foram apresentadas múltiplas propostas para o desenvolvimento do Concelho.

A insustentável situação que se vive neste momento resulta, essencialmente, "dos fortes impactos negativos da Política Comum de Pescas, dos acordos da União Europeia com países terceiros e da falta de uma política nacional de pescas", o que levou ainda à degradação dos pequenos sectores complementares da economia, com consequências sociais que assumem já alguns aspectos dramáticos.

Os dados divulgados no Encontro da CDU são, a este respeito, elucidativos. "A dimensão social da quebra do poder de compra devido à drástica redução dos rendimentos do trabalho e ao aumento galopante do desemprego, que atinge no Concelho o mais alto índice do Distrito de Leiria (mais de 17% da população activa), deu origem ao preocupante alastramento de bolsas de excluídos e está a conduzir crescentes fatias da população para a degradação social e moral, ampliando os fenómenos de marginalidade e criminalidade, como o atestam os 200 presos do Concelho de Peniche só no ano de 1995 em resultado do consumo e pequeno tráfico de droga."

A crise reflecte-se em todos os domínios, nomeadamente da saúde (alastramento de doenças infectocontagiosas, em particular Sida e Hepatite B, e aumento das taxas de mortalidade pré-natal), do ensino (aumento da instabilidade e do insucesso

Trata-se, antes do mais, da "urgente discussão e implementação de um Plano Integrado de Desenvolvimento Local (PIDL) com a participação e co-responsabilização dos poderes central e local e dos agentes económicos e sociais", que integraria "o conjunto de fundos e programas nacionais e comunitários", definindo os objectivos e medidas e acções correspondentes, tanto no plano económico como social.

No plano do desenvolvimento económico, a CDU defende o valor estratégico das pescas e actividades subsidiárias, considerando embora necessária a diversificação das actividades económicas. Pelo que se considera como acção prioritária "lutar pela alteração da Política Comum de Pescas", de par da

novas regras de comercialização; dignificação do trabalho do pescador.

O desenvolvimento da vertente turística e essencialmente "a melhoria da qualidade de vida das populações" exige a solução dos problemas ambientais e de qualificação urbana, nomeadamente no que respeita aos bairros sociais, ao tratamento de resíduos sólidos e à recuperação das zonas históricas.

É particularmente urgente agir sobre dois sectores com graves problemas - saúde e educação.

Na área da saúde, a CDU defende de imediato, "independentemente da necessidade de aprofundar o debate sobre a actual situação dos serviços de saúde do concelho", medidas para uma gestão mais humanizada, mais solidária e preocupada na prestação de serviços de qualidade, acções de sensibilização e prevenção da saúde, atendimento a toxicodependentes.

O combate "ao insucesso escolar, à exclusão social crescente" exige o envolvimento de toda a comunidade. Pelo que a CDU propõe, com carácter prioritário, "a urgente institucionalização de um Conselho Local de Educação que envolva as escolas, autarquias, organizações económicas, sociais e culturais visando aprofundar a ligação da escola à comunidade concelhia e a cooperação de todos os intervenientes na definição de orientações gerais para a rede escolar, articulação de projectos educativos e identificação das reais necessidades de formação para a promoção do desenvolvimento do concelho".



Manifestação de pescadores, em Peniche, em Maio de 1993

escolar) e do ambiente e qualidade de vida urbanos.

Neste quadro, a CDU propõe um conjunto de medidas, na perspectiva da "defesa do emprego existente, criação de novos postos de trabalho e valorização dos rendimentos do trabalho dos sectores produtivos".

renovação e melhoria radical da frota; modernização da indústria conserveira; criação de um Centro Técnico para elaboração de estudos para defesa e exploração dos recursos locais; novas formas de formação profissional; racionalização dos circuitos comerciais e

A Mulher e o Desporto

"Existe um verdadeiro desporto feminino em Portugal?" - esta a questão de que parte o Movimento Democrático de Mulheres (MDM) para a organização do I Congresso - A Mulher e o Desporto, que deverá realizar-se em Lisboa, em Novembro de 1996, com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa.

Uma questão colocada por Odete Graça - na sua qualidade de secretária-geral deste Congresso - na Declaração apresentada à Comunicação Social, quinta-feira passada, em que estiveram igualmente presentes Isabel Cruz, técnica do Pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa, Odete Brás, do Concelho Nacional e do Secretariado do MDM, e Carlota Moniz Pereira, do Instituto Nacional de Educação Física - todas do Secretariado do Congresso.

Uma questão que deverá ser abordada numa perspectiva ampla. O que significa que, "para além das campeãs", importa "pensar o problema desportivo em relação às jovens que não têm acesso à educação física e ao desporto escolar, as que começam a trabalhar, as jovens mães, as trabalhadoras sobrecarregadas com as tarefas da casa e dos filhos, a adulta que necessita de manter as suas capacidades e a idosa e ainda a mulher deficiente, para quem a prática de uma actividade física devidamente orientada pode constituir um importante factor de melhoria de qualidade de vida". Em síntese: "torna-se indispensável pensar como é que, por exemplo, o tão proclamado despor-

to para todos pode passar, realisticamente e sem demagogia, a ser também o desporto para todas".

O Congresso - a primeira iniciativa deste tipo que se realiza no nosso país - tem como finalidades:

- Analisar a situação particular que a mulher ocupa dentro do sistema desportivo português;

- Debater os problemas sociais, laborais, familiares, culturais e formativos defrontados pela mulher para aceder à prática desportiva;
- Sugerir medidas no sentido de contribuir para a resolução progressiva desses problemas;
- Contribuir para o esclarecimento das dificuldades da democratização da actividade desportiva, na perspectiva da população feminina;
- Tomar em consideração a situação das actuais atletas e dirigentes associativas;
- Promover a adesão de Portugal à Declaração de Brighton.

A Declaração de Brighton foi aprovada numa conferência internacional realizada em Brighton, no Reino Unido, em Maio de 1994, por 280 delegados de 82 países, representando organizações governamentais e não governamentais, comités olímpicos nacionais, federações desportivas nacionais e internacionais e instituições de ensino e investigação.

A declaração enuncia os princípios que regem as acções destinadas a incrementar a participação das mulheres no desporto.



ODIVELAS

Eléctrico rápido ou metro

Em comunicado de imprensa da passada quinta-feira, a Comissão de Freguesia de Odivelas denuncia o facto de o Ministro do Equipamento Social ter deixado terminar o mês de Junho sem que, conforme prometera, tenha sido tomada qualquer decisão relativa ao meio de transporte que irá ligar Lisboa a Odivelas. Classificando de «expressiva» a tentativa do Presidente da Junta de Freguesia de Odivelas/Partido Socialista de contrariar a luta dos utentes, através da afirmação de que essa decisão seria tomada até finais de Junho, os comunistas de Odivelas consideram «inaceitável» um novo adiamento. E reclamando uma decisão urgente, manifestam a sua determinação de continuar a lutar juntamente com as populações para que Eléctrico Rápido ou Metro seja uma realidade até 1998.

MONTARGIL

Contra hipocrisia

Em comunicado, à população, a Comissão de Freguesia de Montargil do PCP denuncia a forma como o assunto da construção da nova escola foi tratado no programa da RTP «País Real».

Estranhando que não tenha sido ouvida a opinião de um representante da Junta de Freguesia, os comunistas protestam contra a hipocrisia do Presidente da Câmara ao transmitir a ideia de que «retiraram a escola do PIDDAC», quando é a ele que cabe a responsabilidade na «negociata» para a troca da escola de Montargil pela de Ponte de Sor.

Denunciando ainda a responsabilidade do PS, que não só retirou a proposta do PIDDAC como votou contra as propostas do Grupo Parlamentar do PCP nesse sentido, os comunistas de Montargil afirmam que a população da freguesia tem direito a uma escola devidamente equipada que para se frequentar não exija a deslocação diária de 50 km.

LISBOA

Célula da CML informa

Na sua 4ª Assembleia de Organização, a célula da PCP na CML decidiu avançar com a publicação regular de uma folha informativa, procurando desta forma dar a conhecer aos restantes trabalhadores a sua opinião e, «de uma forma positiva e construtiva, falar dos problemas e situações ocorridas na Câmara». Independentemente da autonomia de acção de cada partido, explicam os trabalhadores comunistas na folha informativa de Junho, a busca de diálogo e de consenso que necessariamente existe dentro da «Coligação Por Lisboa» leva a que as decisões do dia-a-dia não correspondam todas à opinião do PCP e em particular à da célula dos trabalhadores comunistas na CML.

Considerando existir uma quebra em relação ao bom trabalho realizado no primeiro mandato, a célula do PCP afirma que, apesar dos aspectos positivos respeitantes à participação dos trabalhadores e à resposta aos seus problemas, outros há que, por serem negativos, levam à descrença e apatia da grande massa de trabalhadores. É o caso da falta de preenchimento do quadro de pessoal, da abertura atempada dos concursos, das reclassificações, das condições de trabalho e formação profissional.

Na opinião da célula do PCP, deve-se trabalhar para a renovação da Coligação em 1997 mas há que corrigir urgentemente os aspectos da gestão relacionados com questões de pessoal, informação e participação dos trabalhadores.

SETÚBAL

Prossegue luta pela abolição

Solidária com a luta dos utentes da Ponte 25 de Abril, a Direcção da Organização Regional de Setúbal, em comunicado de 24 de Junho passado, afirma que o Governo PS, contradizendo posições anteriores de apoio à luta dos utentes, mantém a penalização de milhares de pessoas que não têm outras alternativas de ligação na sua deslocação diária para o trabalho.

Lembrando a luta há dois anos desenvolvida pelos utentes da Ponte 25 de Abril contra os aumentos das portagens da responsabilidade do Governo do PSD, os comunistas de Setúbal consideram que em Dezembro de 1995, quando aboliu algumas portagens nas áreas de Lisboa e Porto, o Governo PS deixou por satisfazer a antiga e justa reclamação da população da região, que era o fim da portagem na Ponte.

A DORS do PCP, defendendo a construção de novas infra-estruturas de transportes e a melhoria da circulação e reforço dos transportes públicos, assegura que irá intervir no sentido da resolução dos problemas da travessia do Tejo.

AÇORES

PR recebe Decq Mota

No passado sábado, o Coordenador do PCP/Açores, José Decq Mota, foi recebido em audiência no Palácio de Belém pelo Presidente da República.

Na audiência, que se realizou por iniciativa da Presidência da República, José Decq Mota informou o Presidente sobre a posição do PCP/Açores quer quanto à data das eleições regionais, quer quanto a diversos problemas de interesse regional.

PCP comenta gestões do PS e PSD

Um Porto de «realidade virtual»

Com a participação de Armando Pimenta, da Assembleia Municipal de Gondomar e Vice-Presidente da Área Metropolitana do Porto, e de João Avelino, José Viegas, Manuel Bastos Cunha, Rui Sá e Silvano Teixeira, respectivamente das Assembleias Municipais de Matosinhos, Valongo, Maia, Porto e Vila Nova de Gaia, realizou-se no passado dia 29 uma conferência de imprensa, promovida pela Direcção da Organização Regional do Porto, sobre «Questões da Actualidade Política e Autárquica do Grande Porto».

Cumpridos que estão quase dois terços do actual mandato autárquico, é tempo de se proceder a um balanço e análise da actividade desenvolvida, consideram os comunistas que integram a CDU no Porto que avaliam positivamente o papel das Assembleias Municipais, «auditor privilegiado para expressão da luta das populações».

Particularmente preocupantes são, no entanto, dizem os comunistas, as iniciativas dos Executivos Municipais que, a pretexto de uma maior operacionalidade, recorrem a empresas privadas para o desempenho de competências municipais em áreas em que a componente pública e não lucrativa do serviço é fundamental. É o caso da participação

em Fundações e Associações de direito privado que, regendo-se por estatutos que no essencial colidem com as competências do poder local, furtam os seus actos à fiscalização da Câmara e permitem que esta se exima à «prestação de contas» perante a Assembleia Municipal. E considerando o papel igualmente importante que as Assembleias Municipais assumem no processo de regionalização, apelam à ponderação dos deputados municipais para que os debates se realizem «com seriedade e profundidade» e sem pressões, de forma a que as decisões correspondam aos interesses das populações.

No que respeita ao actual mandato, continuam por concre-



Os grandes projectos do actual mandato continuam por concretizar

tizar os grandes projectos assumidos como expressão de um maior desenvolvimento e de qualidade de vida das populações (projectos que vão do saneamento básico, à melhoria das acessibilidades ou aos equipamentos sociais). Enquanto isto, dizem os comunistas, o PS e o PSD, os grandes responsáveis por esta situação, acusam-se mutuamente, assacando cada um as responsabilidades ao outro. E para disfarçar a falta efectiva de obras, rerepresentam projectos há muitos anos dados como certos, anunciam investi-

mentos que ainda «hão-de vir» inscritos no OE, apresentam maquetes, estudos e anteprojectos como projectos de execução de obra: «é o mundo da realidade virtual».

Considerando inadmissível o desrespeito pela colegialidade dos órgãos autárquicos, a marginalização dos eleitos das outras forças políticas no debate e tomada de decisões, o desprezo pelas Assembleias Municipais e pela participação e opinião dos eleitores em processos de decisão de medidas importantes, os comunistas afirmam que a CDU, embora minoritária, tem promovido contacto com as populações, debate de ideias e recolha de propostas, através de diversas iniciativas.

A CDU é cada vez mais reconhecida pelos munícipes como porta-voz dos seus interesses e como presença fiscalizadora, dignificadora dos órgãos autárquicos e imprescindível na alteração da gestão autárquica dos vários concelhos, dizem.

A terminar, os representantes da CDU nas Assembleias Municipais do Grande Porto, presentes na conferência de imprensa da DORP, reiteram a sua firme oposição às propostas de revisão constitucional que pretendem alterar o sistema eleitoral e criar executivos camarários monocolors.

Comunistas acusam

PS prossegue política de direita e Setúbal continua à espera

Depois de uma análise à situação social que se vive no distrito, a Direcção da Organização Regional de Setúbal do PCP afirma, em comunicado de 1 do corrente, que ela evidencia que «o PS segue em aspectos essenciais a política de direita, frustrando a concretização das esperanças do povo português com os resultados eleitorais de Outubro passado» e exigindo de forma decisiva que se prossiga e reclame uma nova política.

O desemprego atinge hoje já 17,5 por cento da população activa do distrito; pairam ameaças de desemprego sobre diversas empresas como a Plasquisa, Valfrio, oficinas da EMEF, ABB/MSet; sob a capa das chamadas «reestruturações», os Mellos preparam um vasto plano de despedimentos; o futuro da Metalsines está dependente das encomendas do Governo, que tardam em concretizar-se; as privatizações da Telecom, Portucel, Quimigal e Petrogal, CNP e EDP, para além da concentração de lucros fabulosos, visam a redução de postos de trabalho e a degradação dos serviços sociais.

Chamando a atenção para a intensificação da exploração que simultaneamente se verifica, os comunistas afirmam que ela tem

merecido a resposta adequada por parte dos trabalhadores. É o caso dos «Serviços» e «Longos» (duas das três empresas resultantes do desmembramento da Siderurgia), que desencadearam uma greve de 8 horas por trabalhador durante dois dias; da Quimigal Adubos em que uma greve de 24 horas fez recuar a Administração na sua intenção de não respeitar as tabelas que já havia acordado; da luta desenvolvida na Renault que levou à garantia da laboração da empresa até 1998.

A fixação de novos investimentos no distrito, a melhoria das acessibilidades e transportes e soluções inovadoras na área do ambiente fazem parte de projectos e reivindicações apresentados pelas autarquias ao Poder Central no sentido de elevar a qualidade de vida do distrito mas a que o Governo tarda em responder. Alertando a população para a necessidade da sua intervenção na exigência da rápida satisfação destas reivindicações, os comunistas consideram que a regionalização seria um contributo «insubstituível» para o desenvolvimento regional.

Por fim, a DORS, salientando a acção dos comunistas no distrito, designadamente no qua-

dro da preparação do XV Congresso do PCP, em Dezembro, anuncia um ciclo de iniciativas públicas «XV Congresso - Diálogos com o PCP» e destaca o significado da adesão de 200 novos militantes nos primeiros cinco meses deste ano, «confirmando a capacidade de atracção do Partido Comunista Português junto de vários sectores do povo português».

CAMARADAS FALECIDOS

Francisco Brito Ramos

Faleceu, no passado dia 30 de Junho, em Faro, vítima de doença súbita, o camarada Francisco Brito Ramos, operário da Petrogal, reformado. O camarada Chico Ramos, militante activo e dedicado, contava 55 anos de idade e era membro da Comissão Concelhia de Faro do PCP.

No seu funeral, incorporaram-se largas dezenas de militantes do Partido e amigos do camarada.

Vítor Avelar

Com 92 anos de idade, faleceu recentemente o camarada Vítor Avelar, militante da Freguesia de Stº Estêvão (Alfama).

José Manuel do Céu Marques

Vítima de prolongada doença, faleceu o camarada José Manuel do Céu Marques. Este camarada, que contava 47 anos de idade, pertencia à Organização Concelhia da Marinha Grande.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

PONTINHA Faltam estacionamento

Promovida pelas Comissões Concelhias de Loures e da Amadora do PCP, realizou-se na passada segunda-feira, com a participação do deputado comunista António Filipe, uma reunião sobre a «Extensão do Metro à Pontinha, os seus reflexos e as propostas do PCP».

O PCP considera positivo este prolongamento mas alerta e responsabiliza o Metropolitano de Lisboa e a sua tutela por não terem ainda garantidos os necessários estacionamento na data prevista de abertura da estação da Pontinha.

Reafirmando ainda a sua opinião de que a extensão do Metro à Falagueira/Venda Nova permitiria um maior descongestionamento de toda a zona, o PCP considera fundamentais para a melhoria da qualidade de vida das populações a resolução e construção dos acessos rodoviários.

Responsabilizando o Governo pelas consequências negativas caso esses acessos não sejam postos em prática, o PCP e os seus eleitos nas Autarquias e na Assembleia da República manifestam a sua disponibilidade para em conjunto com as populações prosseguirem a luta por melhores transportes e acessibilidades.

AMADORA Progresso exige novas freguesias

Com vista à apresentação pública da proposta de Reorganização Administrativa do Concelho, a Comissão Concelhia da Amadora do PCP realizou no passado dia 25 uma conferência de imprensa com a participação de Orlando de Almeida, presidente da Câmara Municipal da Amadora, Helena Bastos, vereadora, António Filipe, deputado do PCP e eleito na AM. «Ao fim de dezasseis anos, a actual divisão administrativa do Município em freguesias já não se adequa ao estágio de desenvolvimento e às exigências do progresso», dizem os comunistas da Amadora que, após 18 meses de estudo, consideram ter chegado o momento certo para o PCP avançar com o processo de criação de novas freguesias.

A decisão, que muito em breve vai ser concretizada pelo Grupo Parlamentar do PCP, passa pela criação de três novas freguesias (Venda Nova, Alformelos e São Brás) e a alteração de limites no caso da Falagueira/Quinta da Lage.

GUIMARÃES Descoordenação permite vigarice

Em comunicado da passada segunda-feira, a Comissão Concelhia de Guimarães do PCP alerta a população para o aparecimento de grupos de indivíduos que, fazendo-se passar por funcionários ligados ao ambiente, tentam iludir os cidadãos com a promessa de legalização de captações de água (poços).

Assim ocorreu em Ronfe onde, ludibriando a Junta de Freguesia que no pressuposto de negócio limpo cedeu as suas instalações, conseguiram juntar umas dezenas de pessoas.

Afirmando que a legalização de captações de água está debaixo da alçada dos serviços regionais do Ministério do Ambiente, é gratuita e obriga ao preenchimento de um formulário oficial, os comunistas afirmam que as diligências descoordenadas, avulsas e contraditórias por parte de entidades como a Hidráulica do Cávado e Minho e a Direcção Regional do Ambiente facilitam o «conto do vigário».

ÍLHAVO/VAGOS Balanço negativo

O Organismo Executivo da Comissão Inter-Concelhia de Ílhavo/Vagos do PCP, em nota à comunicação social, divulga as conclusões da sua reunião de dia 3, para análise do trabalho autárquico.

Considerando francamente negativo o balanço sobre o funcionamento dos órgãos municipais do concelho de Ílhavo, de maioria PS, os comunistas afirmam que aos velhos problemas que impedem o desenvolvimento do concelho (saneamento, habitação, mercado de S. Salvador) juntaram-se novos problemas, alguns dos quais com «obscuros contornos». É o caso do projecto para a zona arrelvada da Costa Nova, em relação ao qual o PCP torna desde já pública a sua posição de princípio de apoiar todos os projectos que vão no sentido de melhorar o embelezamento da Costa Nova e opor-se a quaisquer outros que, tendo por objectivo aparente o desenvolvimento, mais não sejam do que projectos de negócios para amigos.

VISEU Desemprego aumenta

Em comunicado à comunicação social, a Direcção da Organização Regional de Viseu do PCP divulgou as conclusões da sua reunião de sexta-feira passada que contou com a participação de Sérgio Teixeira, da Comissão Política.

«Mantém-se os traços negativos do aumento do desemprego e dos despedimentos, do crescimento da precariedade do emprego, da manutenção de situações de salários em atraso», dizem os comunistas, para quem esta situação, longe de registar uma evolução positiva, denota tendências para o seu agravamento. A DORV alerta, assim, os trabalhadores para eventuais manobras patronais que conduzam a situações precárias e perigosas nas empresas e apela à sua unidade na luta contra a flexibilidade e a polivalência. A situação na lavoura mantém-se preocupante e as irregularidades na gestão municipal de Tarouca impõem a continuação da luta em prol da dignificação do Poder Local, consideram também os comunistas que, na sua reunião, abordaram ainda a preparação do XV Congresso do PCP e a participação da Organização Regional na Festa do «Avante!».

Jerónimo de Sousa no Pinhal Novo PS compromete futuro dos jovens

Visitada por muitas centenas de militantes e simpatizantes do PCP, realizou-se, no fim-de-semana passado, a XVII Festa Amiga, no Pinhal Novo.

A Festa Amiga, que decorreu no fim-de-semana passado no Pinhal Novo, foi como que uma antecipação, em ponto pequeno - bastante pequeno, é certo - do que vai ser a mãe de todas as festas, em Setembro, na Amora: a Festa do Avante!. Também no Pinhal Novo foi possível ouvir a boa música portuguesa, dançar em animados bailes e provar os bons petiscos da região. A JCP foi também uma presença marcante nesta festa. Dois enormes cartazes afixados no Pavilhão da JCP provavam a solidariedade dos jovens comunistas portugueses com a luta do povo de Timor-Leste.

A alegria era a tônica dos participantes nesta festa que é já todos os anos esperada com alguma

ansiedade pela população de Pinhal Novo.

No domingo à noite, a encerrar a Festa, realizou-se um comício

trabalhadores «votaram no PS para ter uma política de esquerda», disse Jerónimo de Sousa, perante as centenas de pessoas que assisti-



O PCP encara com «inquietação» os primeiros meses de governo dos socialistas, disse Jerónimo de Sousa no Pinhal Novo

com a participação de Nuno Marques, da JCP, e Jerónimo de Sousa da Comissão Política.

Na sua intervenção, Jerónimo de Sousa abordou questões candentes da actualidade política. Os

comprometer o futuro dos jovens». Em «terra de ferroviários», o dirigente comunista não resistiu a citar a privatização da CP como um exemplo da continuação da política do governo anterior.

A lei da flexibilidade e polivalência foi outro dos alvos das críticas de Jerónimo de Sousa. Ao fazer aprovar esta lei, o PS está «contra a Constituição», porque a lei fundamental «defende os direitos dos trabalhadores e a sua opção é estar do lado dos mais fracos», recorda o dirigente comunista que acusa o Partido Socialista de não ter sido «capaz de corresponder aos anseios dos trabalhadores».

A eventual realização de um referendo sobre a regionalização foi outro dos temas a merecer a atenção de Jerónimo de Sousa, que não deixou de criticar o PS por esta opção que, na prática, acaba por ser um referendo à própria Constituição.

Coimbra Evitar «novo fiasco» no OE 97

«As recentes visitas do primeiro-ministro e de outros membros do Governo a Coimbra puseram em evidência a falta de um poder regional democrático», afirma a Direcção da Organização Regional de Coimbra do PCP no comunicado que na passada segunda-feira enviou aos órgãos de comunicação social.

Em vez da concertação estratégica dos Municípios em torno das prioridades a exigir ao Governo para o distrito, assistiu-se ao anúncio de dois «donativos» de realização pouco provável no ano que vem, alertam os comunistas. E lembrando o conjunto de obras prioritárias para o distrito que o Grupo Parlamentar do PCP havia apresentado para o Orçamento de Estado de 1996, a DORC do PCP lança o desafio ao PS e PSD de exigirem também do Governo o investimento a que o Distrito tem direito, para evitar um «novo fiasco» para Coimbra no OE 97.

A actuação do Governo Civil quanto aos fogos florestais e nas visitas a concelhos mostra

também, dizem os comunistas, quanto é urgente substituir este tipo de poder-delegado por um legítimo poder regional democrático. E, ao mesmo tempo, defendem um plano atempado de vigilância e prevenção de fogos florestais no distrito, com reforço dos meios técnicos e

humanos, e responsabilizam o Governo PS e o Governador Civil pelas consequências que a ausência desse plano pode acarretar às populações e ao património florestal do distrito.

A regionalização continua «pendurada», afirma ainda a DORC do PCP, que apela a

todas as Assembleias Municipais, forças sociais, culturais e associativas para que durante o processo de audição pública - que decorre até 15 de Outubro - façam chegar à Assembleia da República os seus pareceres contendo a exigência de avanço do processo de Regionalização.

Rendimento Mínimo Garantido não resolve pobreza

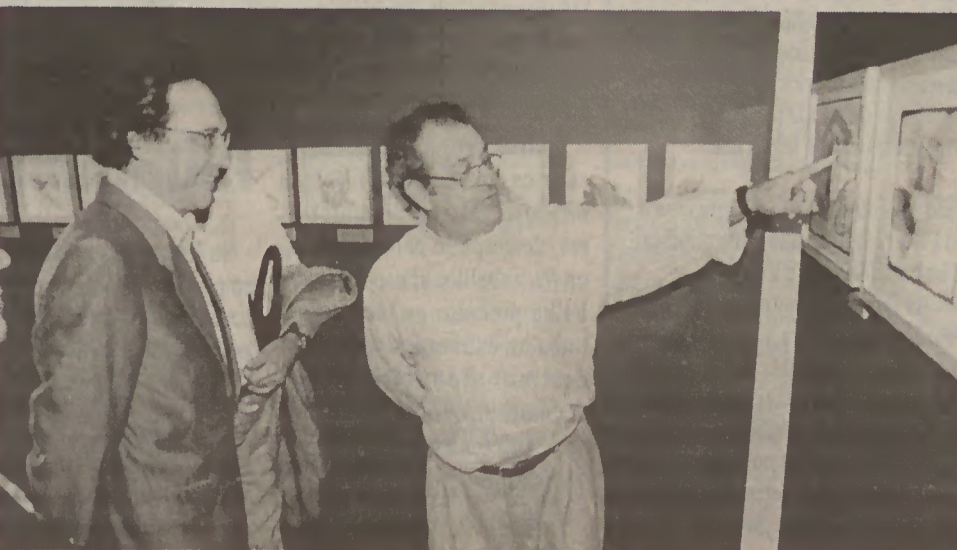
A decisão do Governo da aplicação, a título de experiência-piloto, do Rendimento Mínimo Garantido nas freguesias de Corte Pinto e Vale de Vargo, mereceu uma tomada de posição designadamente da Assembleia de Organização da Freguesia de Corte Pinto e do Secretariado da Comissão Concelhia de Serpa do PCP.

Dizem os comunistas destas freguesias que esta medida governamental - que corresponde a reivindicações e propostas do PCP -, sendo um instrumento útil para minorar os problemas da pobreza e da falta de rendimentos dos trabalhadores, não pode fazer esquecer que os problemas do desemprego e da pobreza nas suas terras só se resolverão de forma sustentada e quando se puser travão à destruição do aparelho produtivo.

Em ambas as freguesias, os comunistas defendem a aplicação do Rendimento Mínimo Garantido sem discriminações e o envolvimento de toda a comunidade local nas Comissões Locais de Acompanhamento.

A Assembleia de Corte Pinto do PCP afirma ainda que o RMG, como atenuador das expressões sociais mais agudas, não pode ver o seu quadro de aplicação condicionado a limites e imposições de restrições da despesa pública determinadas pelos critérios da União Europeia.

Por outro lado, os comunistas de Serpa reafirmam a urgência de, a par destas acções de solidariedade social, se implementar o Plano de Emergência para o Alentejo e promover o arranque do desenvolvimento no concelho.



Carlos Carvalhas visita exposição em Almada

Acompanhado pela Presidente da Câmara Municipal de Almada, vereadores e dirigentes do PCP, o secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, visitou na quinta-feira passada uma exposição do pintor Rogério Ribeiro na Casa da Cerca, em Almada. Daí seguiu para uma visita às instalações do Complexo Municipal de Desportos de Almada.

TRABALHADORES

MANTÊM-SE «VÍCIOS»
NOS TRANSPORTES

Estão a ser «claramente frustradas por uma política de continuidade contrária às promessas eleitorais que levaram muitos trabalhadores a votarem no PS» as mudanças qualitativas que era legítimo esperar como consequências das eleições legislativas - concluíram os participantes no plenário nacional de representantes dos trabalhadores do sector dos transportes, realizado dia 4 em Lisboa.

Na resolução aprovada pelos dirigentes e delegados sindicais e membros de CTs sublinha-se que «as promessas de diálogo continuam por cumprir» e «o objectivo continua a ser a desresponsabilização, por parte do Governo, do papel do Estado na assunção de uma política social de transportes». Desde uma audiência, a 18 de Março, com o secretário de Estado, «nada mudou»; «antes pelo contrário, a situação nas empresas pode hoje caracterizar-se por uma indesmentível consolidação dos vícios e ilegalidades de toda a ordem, quer contra os direitos dos trabalhadores quer contra os interesses das empresas e dos utentes, herdados do cavaquismo».

O Governo é acusado também de pretender «deixar de pagar os tão badalados prejuízos das empresas públicas para, uma vez substituídas estas por empresas privadas, mudar, num verdadeiro passe de mágica, a expressão pagamento de prejuízos para pagamento de serviços prestados».

Foram reafirmadas as 15 reivindicações aprovadas em Dezembro passado, depois entregues ao Governo mas que ainda não tiveram deste resposta.

MÍNIMOS
INCONSTITUCIONAIS

As alterações à lei da greve aprovadas na AR em 1992 foram na semana passada *chumbadas* pelo Tribunal Constitucional, facto com que a CGTP se congratulou. Em nota do seu departamento de informação, a *Inter* recorda que «a pressa com que então se quis votar tão polémica matéria só é equiparável à de alguém que, sabendo estar a cometer um atropelo, quer despachar rapidamente a sua obra». A experiência mostrou, salienta a central, que «as alterações introduzidas na lei da greve funcionaram como um factor de conflitualidade nas relações laborais, porque deram mais poderes ao patronato, nomeadamente em matéria de definição dos serviços mínimos, como forma de retirar eficácia ao exercício do direito de greve», o que «é tanto mais grave, quanto é verdade que do direito de greve dependem, historicamente, a conquista e a defesa de muitos outros direitos dos trabalhadores».

Ressalvando que «através do esclarecimento e da mobilização dos trabalhadores para a luta» conseguiu evitar abusos do patronato em muitas empresas e sectores após aquelas alterações, a CGTP «sente a sua razão confirmada pela deliberação do Tribunal Constitucional» e «exige que os trabalhadores que, porventura, tenham sido penalizados ou prejudicados vejam rapidamente reparados os danos que injustamente sofreram».

PROMULGAÇÃO
CRITICADA

O sindicato dos Metalúrgicos do Porto criticou a decisão do Presidente da República de promulgar a lei da polivalência e da flexibilidade, afirmando que os trabalhadores «sentem-se defraudados em relação à esperança que depositavam no Presidente em que votaram, mas dispostos a continuar a lutar». As preocupações expressas por Jorge Sampaio, «embora muito justas, não foram o suficiente para que sentisse que deveria vetar esta lei», pelo que a chamada de atenção do PR «soou-nos um pouco a um lavar de mãos» - afirma-se num comunicado do sindicato.

Também a União dos Sindicatos de Santarém lamentou a promulgação, defendendo que, face às dúvidas constitucionais, o PR deveria ter devolvido a lei à Assembleia da República. «Embora não concordemos com a decisão», refere um comunicado da USS que a mensagem de Sampaio contempla as principais críticas que a CGTP tem apontado à lei; «no mais curto espaço de tempo possível», reclama a União, a AR deve aprovar «disposições legais que acautelem os direitos ofendidos».

José Ernesto Cartaxo, da comissão executiva da CGTP, salientou à Agência Lusa que a mensagem do PR «veio dar razão à Intersindical, que desde a primeira hora alertou os trabalhadores e a opinião pública para a gravidade desta lei». As falhas do diploma «são muito graves e esta mensagem veio dar razão à CGTP para a necessidade de contrariar a sua aplicação», acrescentou o sindicalista.

No encontro de CTs do distrito de Setúbal, dia 3, foi aprovada uma resolução questionando: «Se a polivalência e a flexibilidade são tão boas para os trabalhadores como o Governo e outros nos querem fazer crer, fica por compreender por que razão não deixaram aos sindicatos a faculdade de serem eles a aceitar, à mesa das negociações, tão generoso benefício.»

Sindicatos de Setúbal preparam propostas
É preciso travar
a escalada do desemprego

Meio milhão de desempregados no País e 56 700 no distrito (o que dá uma taxa de 17,5 por cento) «não podem ser disfarçados pelas variações decimais justificadas pelo emprego sazonal».

O desemprego, que não pára de crescer, é visto como «um dos principais sinais da identidade das políticas deste e do anterior Governo», na resolução aprovada pelos participantes no plenário de dirigentes e delegados sindicais e membros de comissões de trabalhadores do distrito de Setúbal, realizado dia 3 na Capricho Setubalense, com a participação do coordenador da CGTP, Carvalho da Silva.

A tendência de crescimento contínuo e os prognósticos de agravamento do desemprego

nos próximos meses «são verdadeiramente assustadores para quem tiver um mínimo de responsabilidade e preocupação social», afirma-se no documento, que considera este «o resultado directo das opções económicas que o Governo PS teima em prosseguir, com o seu liberalismo privatizador e a insistência nos critérios nominais para a moeda única».

«Para travar a escalada do desemprego» em Setúbal, os representantes dos trabalhadores do distrito consideram que

é indispensável pôr fim aos processos de privatização da Quimigal e da Siderurgia Nacional, e definir soluções estáveis para o futuro da Torralta, da Renault, da HR Teixeira Ramalho e da Valfrío.

Um Plano Integrado de Desenvolvimento «é uma necessidade para Setúbal, que a cada dia que passa se torna mais urgente».

Nas «linhas de força para a acção reivindicativa», sublinhando a importância das lutas a nível de cada empresa e local de trabalho, a resolução inclui ainda a defesa dos direitos e interesses dos trabalhadores, o combate à polivalência e à flexibilidade, a luta pela diminuição do horário de trabalho

e pelo aumento dos salários, a defesa do direito à negociação colectiva e, como «prioridade das prioridades», o reforço da organização sindical nas empresas e a preparação da luta reivindicativa a partir de Setembro.

Manifestando-se favorável à instituição das regiões administrativas, o plenário ratificou a posição do Conselho Distrital da USS, defendendo que os concelhos do sul do distrito deverão integrar a região Alentejo, e os restantes deverão fazer parte de uma região com a actual configuração da Área Metropolitana de Lisboa, «salvaguardando com medidas concretas a identidade da Península de Setúbal».

Não bastava o controlo das casas-de-banho

Patrão de Alcanena
distribuiu cantis

Na fábrica de curtumes Incopel, onde os trabalhadores já eram obrigados a «requisitar» a chave das instalações sanitárias sempre que necessitassem de ir à casa-de-banho, o patrão decidiu introduzir mais uma inovação para evitar interrupções no trabalho: comprou cantis para que cada um tenha a sua porção individual de água ali mesmo à mão.

Esta situação foi denunciada à Inspeção de Trabalho, na semana passada, pela União dos Sindicatos de Santarém, num ofício ao delegado regional do IDICT.

A estrutura distrital da CGTP acusa a União Curtidos do Alviela, também de Alcanena, de ter todos os trabalhadores contratados à hora ou a recibo verde. Para pressionar rescisões de contratos, a F. Benjamim e Filho atribui trabalhos pesados a mulheres, afirma a USS, referindo que nesta empresa um inspector foi impedido de actuar por ameaças do patrão.

Outros problemas (desde salários em atraso, até discriminação salarial de mulheres, desrespeito pelos horários de trabalho, abuso de trabalho precário ou recurso a trabalho extraordinário clandestino) são referidos no documento, que aponta ainda as seguintes empresas prevaricadoras: Simpel, Marsipel, Inducol, Joaquim Alves Lopes da Silva, António

Domingos R. & filhos, Intróptica, Calçado Ribatejano, Inovopel, Rijoma, ETAR Alcanena, Armazéns de Calçado Benedita, Cardol, João Neves da Costa Rei, Torrental, Pereira & Franco e Transbase/Intermarché.

A Indelma, também referida nesta queixa, é apontada, num comunicado que a

USS divulgou dia 2, por ter recorrido a «chantagem e a todo o tipo de pressões», na tentativa de forçar os trabalhadores da sua unidade de Porto Alto a aceitarem o contrato colectivo subscrito pelas estruturas da UGT. Tal como tem sucedido noutras empresas fabricantes de material eléctrico e electrónico,

a Indelma pretendeu que cada trabalhador aceitasse individualmente o «negócio» feito entre os divisionistas e a associação patronal do sector e que prevê a aceitação de flexibilidade e polivalência. A USS refere que, entre 800 trabalhadores da Indelma, a UGT tem «entre 3 e sindicalizados».



A ilegalidade foi contestada publicamente junto à sede da empresa

Tabaqueira tenta despedir

Na Tabaqueira trabalhavam «há vários anos» onze pessoas contratadas a uma empresa de trabalho temporário. Agora, o conselho de administração, «numa tentativa de ultrapassar a ilegalidade», pretende despedir aqueles onze trabalhadores, «que se encontram sem contrato de trabalho há mais de dois anos consecutivos».

A denúncia foi feita anteontem, com uma acção pública junto à sede da empresa, pelos trabalhadores e o sindicato da Alimentação do Sul e Tabacos. No comunicado distribuído à população, é defendida a colocação daqueles trabalhadores no quadro de pessoal efectivo da Tabaqueira, como forma de legalizar a situação. A contestação do despedimento é sublinhada com a revelação de que a empresa se prepara para ocupar estes onze postos de trabalho com pessoal de «outra empresa de prestação de serviços».

INTERNACIONAL

Rússia

Comunistas reforçam fileiras

«A eleição presidencial realizou-se e nós respeitamos a vontade dos eleitores, mas estamos conscientes de que o sucesso de Boris Ieltsin é devido às violações da lei a seu favor», afirmou a semana passada o líder comunista russo, Guennadi Ziuganov, que não deixou no entanto de saudar o Presidente russo pela sua vitória eleitoral nas eleições de dia 4. Expressando a esperança de que a Rússia possa «sair da crise», Ziuganov, que obteve 40,41 por cento dos sufrágios contra 53,7 de Boris Ieltsin, salientou que estas eleições mostram que, de ano para ano, os comunistas reforçam as suas fileiras. «Com sete milhões de eleitores em 1993, 15 milhões em 1995, 24 milhões na primeira volta das presidenciais e cerca de 30 milhões na segunda», os comunistas constituem uma força que não pode ser ignorada.

Segundo Ziuganov, os resultados eleitorais têm um «importante significado social» e «qualquer homem político sério tem de ter em conta o facto de que juntámos do nosso lado 30 milhões de eleitores».

Falando em conferência de imprensa, o líder comunista disse que a eventual entrada dos comunistas no governo «não tem sentido», por ora, antes de o primeiro-ministro, Viktor Tchernomyrdine, «tornar público o seu programa».

«Se o governo for profissional e honesto, então, nós, os comunistas, poderemos fazer parte dele», disse. Recordando-se que Ieltsin contou com os votos dos adeptos do general Aleksander Lebed, do liberal Grigori Iavlinski e mesmo do ultranacionalista Vladimir Jirinovski, que na primeira volta recolheram 14,7, 7 e 5 por cento dos votos, respectivamente.

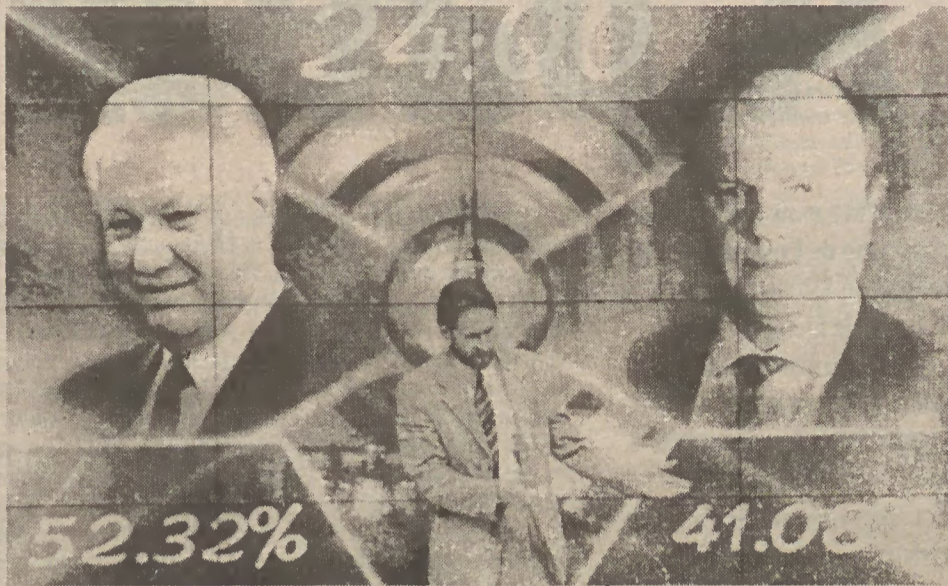
Boris Ieltsin, que desapareceu de cena nos últimos dias da cam-

panha, voltou à ribalta política, confiando ao primeiro-ministro Viktor Tchernomyrdin a formação do novo governo.

Segundo diversos comentadores, a instituição do poder na Rússia dependerá agora da correlação de forças Lebed-Tchernomyrdin, uma vez que os anunciados planos anticorrupção de Lebed ameaçam colidir com os interesses do «clã» do poderoso grupo que controla o mercado das matérias-primas, com Tchernomyrdin à cabeça.

Durante a sua campanha eleitoral, Lebed fez referências a uma «política destruidora dos "generais petrolíferos"», em relação aos recursos naturais da Rússia, o que para muitos analistas pronuncia um choque entre Lebed e Tchernomyrdin num futuro próximo.

De salientar, por outro lado, que Tchernomyrdin rejeitou já a possibilidade de criação do cargo de vice-presidente, proposta por Lebed, a quem caberia substituir o Presidente em caso de incapacida-



A vitória de Ieltsin, que a generalidade dos observadores considera sem futuro, não pode esquecer os 30 milhões de votos conquistados pelo candidato comunista Guennadi Ziuganov

de deste para dirigir o país. Actualmente essa função cabe ao primeiro-ministro. Também as pretensões de Lebed de poderes alargados nas áreas que domina (em especial nos assuntos económicos, que considera no centro das questões de segurança nacional), tiveram pouco acolhimento por parte de Tchernomyrdine. «A Constituição determina as funções do Governo. As questões de segurança incluem as económicas, e são trabalhadas por todos, incluindo o conselho de segurança», disse o primeiro-ministro russo, sublinhando que «tudo está previsto na lei e ninguém pode libertar-se dela».

Ajudas

A vitória de Boris Ieltsin foi entretanto saudada pelo presidente norte-americano, Bill Clinton, que a classificou como «uma boa notícia para o mundo». Segundo Clinton, «os russos acabam de transpor

um obstáculo e avançam para a construção de uma nova democracia duradoura». O que o Presidente norte-americano não comentou foi a «ajuda» dos EUA para a vitória de Ieltsin, incluindo a prestada por uma equipa de assessores políticos norte-americanos.

Segundo afirma a revista «Time» no seu último número, a equipa, constituída por ex-assessores republicanos e estrategos de campanha do governador da Califórnia, Pete Wilson, trabalhou estreitamente com Tatiana Dyachenko, filha de Ieltsin e directora, «de facto», da campanha para a reeleição do Presidente, além de outros funcionários.

O semanário, no seu número de segunda-feira, refere que os assessores utilizaram sondagens, grupos de estudo, anúncios «negativos» e outras técnicas de campanha utilizadas nos Estados Unidos para ajudar Ieltsin a conquistar a vitória face ao seu rival Guennadi Ziuganov.

Os assessores aconselharam a utilização de uma forte mensagem anticomunista na campanha e que fosse evitado o aparecimento de uma terceira força política, o que terá levado ao rápido acordo com o general Aleksandr Lebed.

A equipa integrava Joe Shumate, perito do Partido Republicano em análise de dados políticos e subchefe do gabinete de Pete Wilson; George Gorton, estratego do governador da Califórnia; Steven Moore, especialista em relações públicas de Washington, e Richard Dresner, consultor de Nova Iorque. A «Time» afirma que a equipa foi constituída em Fevereiro passado por Felix Braynin, que em 1979 emigrou da Bielorrússia para a Califórnia, e é actualmente consultor para os norte-americanos interessados em investir na Rússia, além de manter um relacionamento estreito com alguns dos principais colaboradores do Presidente Ieltsin.

Médio Oriente

«Estúpida e ridícula» é como o ministro dos Negócios Estrangeiros egípcio vê a pretensão de Israel de manter os territórios árabes ocupados e, ao mesmo tempo, conseguir a paz. Segundo a Lusa, Amro Musa afirmou que Netanyahu, o novo primeiro-ministro israelita, «pagará um alto preço económico e diplomático» em África, onde «os povos e as nações estão empenhadas numa paz justa e equilibrada». Recorde-se que a maioria dos países africanos restabeleceu relações diplomáticas com Israel em 1991.

Erradicação de Minas

Com o objectivo de diminuir massivamente o número de vítimas de minas antipessoais (as estatísticas apontam para 25 mil pessoas anualmente, metade das quais crianças), a Conferência sobre Erradicação deste tipo de armas, reunida na Dinamarca na semana passada, decidiu unificar os métodos para a sua eliminação. Os participantes solicitaram ao sector privado que «desenvolva sistemas mecânicos» para eliminar as minas, adaptados às necessidades dos países em desenvolvimento.

Itália

O Instituto Nacional de Estatísticas italiano revelou no sábado que cerca de 6,5 milhões de italianos vivem em estado de pobreza. Esta situação afecta quase 12 por cento da população e 10,6 por cento das famílias. O estudo revela que a região mais afectada é o sul.

México

O Foro para a Reforma do Estado, promovido pela guerrilha zapatista, que terminou no fim-de-semana passado, apelou à unidade entre as organizações políticas da oposição. A iniciativa reuniu mais de mil representantes de 150 organizações políticas e não-governamentais de 29 estados do México.

Equador

Abdala Buraram é o novo presidente eleito do Equador. O candidato populista venceu as eleições de domingo com mais sete por cento do que o candidato de direita, Jaime Nebot. Divergindo pouco entre si, os dois candidatos prometeram baixar os preços dos bens de primeira necessidade, procurando dar resposta ao aumento de pobreza que se verifica no país.

Tchetchénia

Alguns dias depois da violação do cessar-fogo na Tchetchénia, alegadamente pelas duas partes, o comando russo na República decretou em todo o território um recolher obrigatório das 21 às 5 horas. Esta decisão surge após o fim do prazo que o comandante-chefe do exército russo deu aos independentistas para entregarem os seus prisioneiros.

OUA desafia veto dos EUA e apoia Butros Ghali

Os chefes de Estado e de governo africanos, reunidos segunda-feira em Yaoundé na 32ª cimeira da Organização de Unidade Africana (OUA), decidiram apoiar um segundo mandato de Butros Ghali como Secretário-Geral das Nações Unidas, apesar da opinião contrária dos Estados Unidos.

A decisão da OUA foi anunciada após várias horas de debates à porta fechada, em que os chefes de Estado e de governo analisaram as implicações do seu apoio a Butros Ghali, tendo em conta a ameaça norte-americana de vetar a sua reeleição.

Os EUA, numa postura de manifesta prepotência, «avisaram» Butros Ghali de que a sua permanência no cargo não será tolerada, mesmo que para isso seja preciso recorrer ao direito de veto de que dispõem no Conselho de Segurança. A «razão» invocada - Ghali seria demasiado lento na implementação das reformas que consideram necessárias nas Nações Unidas - não convence ninguém. O que de forma clara a administração

Clinton está a afirmar é o desejo de manipular a ONU a seu belo prazer.

É neste contexto que a resolução da OUA, que teve apenas o voto contra da delegação do Ruanda, ganha maior relevo. Trata-se, no essencial, de afirmar o princípio do direito de escolha, de autonomia, de não submissão aos ditames dos EUA, e de resgatar minimamente a credibilidade de cada vez mais ameaçada das Nações Unidas, nos últimos anos tornada uma espécie de correia de transmissão dos interesses norte-americanos.

Segundo a Lusa, um funcionário norte-americano que está a acompanhar os trabalhos da cimeira fez saber de imediato que apesar da decisão da OUA, a

opção do seu governo é «irreversível». Resta agora saber como se irá desenvolver este diferendo.

Em prol da paz

Em Yaoundé, outros assuntos sensíveis como o conflito fronteiriço Nigéria-Camarões, o processo de paz em Angola, e a situação no Ruanda e Burundi, entre outros, estiveram igualmente em discussão.

Na mesa de trabalhos, ainda a decorrer no fecho desta edição, estavam 19 projectos de resolução, do total de 38 apresentados e aprovados na conferência ministerial que antecedeu a cimeira.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos 53 Estados da OUA decidiram sábado, entre outras coisas, apoiar as conclusões da cimeira de Arusha sobre o Burundi, que prevêem a intervenção de uma força regional africana neste país. Recomendaram, designadamente, que «as resoluções de Arusha sejam apli-

cadas para pôr fim às mortes, assassinios políticos, massacres e todos os tipos de violência».

A resolução apela «aos líderes políticos do Burundi, incluindo as forças armadas e todo o povo deste país, a que demonstrem uma maior vontade política tendo em vista uma resolução negociada e pacífica do conflito que actualmente assola» o país.

O texto dá ainda o seu «apoio total à convocação de uma conferência regional sobre a paz, a segurança, a estabilidade e o desenvolvimento na região dos Grandes Lagos, no momento oportuno, e após as consultas apropriadas».

Um outro projecto de resolução, sobre a Libéria, «adverte os dirigentes das facções beligerantes que, caso a avaliação da CEDEAO (Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental) do processo de paz na Libéria, na sua próxima cimeira, seja negativa, a OUA ajudará a apadrinhar um projecto de resolução no Conselho de Segurança da

ONU visando impor-lhes severas sanções, incluindo a possibilidade de instalação de um tribunal para crimes de guerra que os julgue pelas violações graves dos direitos do homem».

De salientar ainda a tomada de posição acerca do conflito que opõe a Líbia aos Estados Unidos, França e Grã-Bretanha devido a atentados atribuídos a Tripoli. Sobre este assunto, os ministros africanos «lamentam a indiferença dos três países ocidentais em relação a todas as resoluções sucessivas adoptadas pelas organizações regionais e internacionais a favor de uma solução justa e equitativa do conflito», pelo que pedem ao conselho de segurança da ONU que «levante as sanções impostas à Líbia, tanto mais que a manutenção destas sanções poderia levar os países africanos a estudar meios para evitar mais sofrimentos ao povo líbio».

Nenhum projecto de resolução foi elaborado acerca do Ruanda, que se opôs a que a situação no país fosse objecto de análise.

Loures

A patrulha das promessas

Com 350 mil habitantes - mais que a cidade do Porto -, o Concelho de Loures devia ter um efectivo policial de 1.200 agentes. Está «servido» com cerca de metade, desproporção que se agravou de há dois anos para cá com o encerramento da esquadra da PSP em Moscavide, no quadro dessa invenção cavaquista conhecida pela rede de «superesquadradas».

Mas o pior estava para vir: o novo Governo socialista, após subir ao poder à força de promessas - nomeadamente a da abolição das «superesquadradas» (a que chamava - e bem - uma «aberração») e o retorno às clássicas esquadradas de bairro - limitou-se (também aqui) a substituir promessas eleitorais por promessas governamentais.

Resultado, no que toca a Loures: a esquadra de Moscavide - encerrada em Janeiro de 1995 pelo Governo de Cavaco Silva com os seus 45 efectivos - foi há dias «reaberta» pelo próprio António Guterres com... três efectivos! - um guarda à porta e dois graduados no interior, mais os «zum-zuns» de uns guardas à paisana. Parece uma patética tipo João Jardim, mas não: trata-se de uma «inauguração» feita pelo próprio Primeiro-Ministro socialista, que não teve pudor em caucionar, à porta desta coisa, uma placa dizendo «35ª Esquadra da PSP»!!!

Demétrio Alves, presidente da Câmara Municipal de Loures (que nem sequer foi informado da bizarra «inauguração»), assinala, entretanto, o disparo em flecha da criminalidade em Moscavide e Freguesias vizinhas e afirma: «A diferença entre a política de segurança do cavaquismo e a deste governo socialista é que a primeira era estruturada e má e a actual é desorientada e má».

Das promessas eleitorais às promessas governamentais

Talvez presumindo que dispõe do bíblico poder de transmutar água em vinho, o Primeiro-Ministro António Guterres deslocou-se há dias a Moscavide para transformar um posto de atendimento da PSP na «35ª esquadra da PSP».

A operação foi simples e o milagre cristalino: chegou a Moscavide com uma multidão de repórteres, o ministro da Administração Interna e altas figuras da hierarquia da PSP e, frente ao posto de atendimento em que a política das «superesquadradas» do executivo PSD transformara, em Janeiro de 1995, a antiga esquadra local, caucionou uma placa a dizer, debaixo do nº de polícia «65-A»: «Comando Metropolitano de Lisboa/2ª Divisão/35ª Esquadra».

Lá dentro, ficava um oficial e um graduado, cá fora um guarda. Consta - pelo menos assim o afirma um comunicado do Comando-Geral da PSP divulgado esta semana - que circulava também por lá «um carro-patrulha de três elementos» e, ainda, «em serviço de giro apeado, em média, três agentes por turno» (sublinhado nosso).

A diferença entre isto e uma esquadra da PSP a sério mede-se entre esta meia dúzia de elementos da nova «esquadra» e os 45 que davam corpo à antiga esquadra encerrada pelo cavaquismo em Janeiro de 1995.

Quanto à diferença entre isto, que o Primeiro-Ministro «inaugurou» como «35ª Esquadra da PSP», e um vulgar posto de atendimento da PSP, está na meia dúzia de homens (se tanto) que asseguraram qualquer posto de atendimento e a meia dúzia de homens (se tanto) que dão vida a esta «Esquadra»...

Tudo para a vigilância e protecção de uma zona com 70 mil habitantes...

Recorde-se que o próprio engenheiro Guterres se deslocou a Moscavide na campanha eleitoral do ano passado, garantindo a reabertura

O problema da falta de segurança em Loures tem, como ponto de partida, a manifesta insuficiência de efectivos e meios policiais postos ao serviço de um Concelho de 350 mil habitantes - mais que os da cidade do Porto. E os números oficiais - definidos pelo próprio Ministério da Segurança Interna (MAI) - aí estão, em crua evidência: o rácio definido pelo MAI em matéria de segurança pública determina um agente policial em efectividade de funções por cada 500 habitantes o que, no caso do Concelho de Loures, aponta para um conjunto policial de 1.200 elementos. Possui cerca de 600, dos quais, muito menos de metade estão realmente adstritos ao patrulhamento e às missões directas de segurança...

A situação na Zona Oriental do Concelho (onde reside cerca de metade da sua população) agravou-se a partir de Janeiro do ano passado, altura em que o Governo de Cavaco Silva encerrou a esquadra de Moscavide, concentrando os seus mais de 40 efectivos na «superesquadra» dos Olivais, uma Freguesia que nem pertence a Loures, mas a Lisboa. Ficaram assim desguarnecidas as Freguesias de Moscavide e da Portela de Sacavém - ambas até aí servidas pela esquadra de Moscavide -, que concentram uma população total entre os 60 e 70 mil habitantes. Acrescenta-se a este défice de segurança, o já registado nas restantes Freguesias da Zona Oriental - Bobadela, Prior Velho, Camarate, Sacavém, Unhos, S. João da Talha e Santa Iria da Azóia - todas classificadas como rurais, mas albergando qualquer coisa como 100 mil pessoas, cuja segurança estava a cargo (e continua a estar) de um corpo da GNR de 42 elementos dos quais, como nos pomenorizou o presidente da CM de Loures, Demétrio Alves, 12 estão permanentemente adstritos à vigilância das escolas, outros 12 aos serviços administrativos, o que, descontando as folgas, as ausências por doença, os cursos de formação, etc., deixa permanentemente disponíveis qualquer coisa como... três ou quatro homens! Isto para a vigilância e



O município de Loures, cujos 350 mil habitantes ultrapassam a população da cidade do Porto, tem menos 500 efectivos policiais do que lhe devia estar distribuído, segundo o estipulado pelo próprio Ministério da Administração Interna

a segurança de uma zona com 100 mil habitantes, numerosas vivendas e as mais diversificadas instalações de carácter económico...

Um problema que se agrava com a invenção das «superesquadradas»...

O agravamento da insegurança na Zona Oriental do Concelho, em decorrência directa da peregrina ideia das «superesquadradas» entusiasticamente engendrada pelo então ministro Dias Loureiro, foi, a seu tempo, devidamente assinalado pelo presidente da Câmara Municipal de Loures, Demétrio Alves, numa reunião de trabalho que manteve com o então Secretário de Estado da Administração Interna, Carlos Encarnação, em meados do ano passado, mais concretamente a 7 de Junho de 1995.



Demétrio Alves: «A diferença entre a política de segurança do cavaquismo e a deste governo socialista é que a primeira era estruturada e má e a segunda é desorientada e má»

Informava então Demétrio Alves que «a criminalidade, no Concelho de Loures, aumentara 25% de 1993 para 1994, salto que disparava na Freguesia de Moscavide, onde, de Janeiro (data de encerramento da respectiva esquadra) a Junho desse ano se registara um aumento de 75%».

Apontava, então, o autarca três necessidades mais ou menos urgentes: «a reactivação imediata da esquadra da PSP de Moscavide; o enquadramento das esquadradas de Moscavide e Pontinha no sistema de Segurança Pública de Loures, e não nas superesquadradas de Lisboa; reforço imediato das forças de Segurança Pública na Zona Oriental do Concelho, visando fazer face às grandes movimentações de pessoas e bens originadas pelas obras públicas já em curso ali e que se desenrolarão até 1998».

Acrescentava Demétrio Alves a não aceitação, pela autarquia, de que os postos/esquadradas previstos para o Concelho se reduzam a meros postos de atendimento, e a não concordância, quer da instalação de superesquadradas no Concelho quer da criação de uma polícia municipal em Loures com responsabilidades no âmbito da segurança pública.

Passaram seis meses e o que aconteceu foi isto: a deslocação, em peso, do Governo para caucionar uma «esquadra» que não é outra coisa senão o mesmo posto de atendimento que lá ficou desde o encerramento da esquadra primitiva, sem que a autarquia e o seu presidente tenham sido avisados ou convidados para o acto.

Entretanto, o Primeiro-Ministro não hesitou em proferir declarações que são pura ficção, nomeadamente a de que o índice de criminalidade «diminuiu» na Freguesia, quando disparou em flecha, ao ponto de bandos organizados já se deslocarem em carrinhas para, à luz do dia, sequestrarem e assaltarem os comerciantes da zona, como informou Demétrio Alves na conferência de Imprensa que, juntamente com os autarcas da Zona Oriental, deu em Moscavide na sequência da visita governamental, criticando os relatórios do superintendente da esquadra dos Olivais (a «superesquadra» que passou a tutelar a zona) que falam de uma «redução da criminalidade», estatísticas que, segundo Demétrio Alves, não correspondem à realidade porque as pessoas já nem participam as ocorrências por acharem que não vale a pena. «Falem com os residentes e logo verão!», sugeriu Demétrio Alves, em amarga ironia.

E aqui temos como promessas eleitorais se transformam em... promessas governamentais.

Que não são para cumprir, como se vê.

Eis a «35ª esquadra» de Moscavide inventada há dias pelo Governo...

... e uma solução que se ilude com promessas eleitorais

Esta reunião de trabalho de 7 de Junho de 1995 entre o presidente da Câmara de Loures, Demétrio Alves, e o Secretário de Estado do MAI do ainda Governo de Cavaco Silva, Carlos Encarnação, decorreu nos Paços do Concelho da edilidade e sob o



A população de Moscavide sempre protestou contra o encerramento da esquadra da PSP, nomeadamente através de manifestações como esta, ocorrida o ano passado frente às instalações (foto de Alexandre Fernandes)

calor da campanha eleitoral que se avizinhava, pelo que o governante cavaquista não se fez rogado nas promessas, cujas contemplaram, na altura, a quase generalidade das reivindicações de autarquia e das populações que representam: reforço imediato das forças de Segurança Pública na zona de Moscavide/Portela, assim como na restante Zona Oriental do Concelho, enquadramento das esquadradas de Moscavide e Pontinha nos sistemas de Segurança Pública do Concelho e as suas respectivas saídas da 2ª e 6ª Divisões de Lisboa, projecto de reestruturação das forças de Segurança do Concelho de Loures que contemplava a criação de uma divisão da PSP em Loures, com quatro secções e 14 postos/esquadradas, verbas definidas e «garantidas» (300 mil contos para a secção de Camarate, 500 mil contos para a Divisão em Loures), promessa de que a GNR iria ser gradualmente substituída pela PSP em zonas urbanas e de que não haveria superesquadradas em Loures nem polícia municipal com responsabilidades na Segurança Pública.

Uma maravilha. O governo PSD, que cinco meses antes - em Janeiro, mais exactamente - agravara abruptamente a insegurança no Concelho ao encerrar a esquadra de Moscavide, indiferente aos protestos e advertências da autarquia e das populações, prontificava-se agora a satisfazer tudo e mais alguma coisa, não se coibindo de afirmar à saída, para jornalista ouvir e pela boca do seu Secretário de Estado: «A minha presença aqui é a garantia de que este processo vai para a frente.»

A questão da esquadra de Moscavide seria igual e abundantemente explorada pela propaganda eleitoral socialista da altura, com o próprio António Guterres a deslocar-se à Freguesia criticando, por um lado, a «aberração» das superesquadradas (que se comprometeu a abolir) e prometendo que a reabertura da esquadra de Moscavide seria uma das «prioridades» do seu governo. Deixando pressuposto que, tal como Carlos Encarnação, a sua presença era «a garantia de que este processo vai para a frente»...

Por uns tempos - rigorosamente os da campanha eleitoral - Moscavide e o Concelho de Loures tornaram-se das zonas do País mais bem patrulhadas... de promessas.

Entretanto, continua-se à espera, enquanto a insegurança aumenta ao ritmo de 500 efectivos policiais a menos que aflige este Concelho com mais população que a cidade do Porto.

Segurança e liberdade não se podem desligar

«É conveniente recordar que, pelo nosso lado, qualquer diligência com vista à retoma da segurança pública se deverá enquadrar obrigatoriamente no referencial dos valores da liberdade e da democracia», afirmou-nos Demétrio Alves, presidente da Câmara Municipal de Loures, na conversa que teve conosco no seu gabinete.

E sublinhou: «As necessárias medidas de dissuasão e repressão do crime são insuficientes quando desacompanhadas de actuações profundas no domínio

da prevenção, que não podem deixar de passar por muitos e diversos aspectos, desde as políticas de humanização da cidade até à introdução de medidas económico-sociais que invertam as tendências ferocemente liberais e desregulamentadoras, globalmente seguidas nos últimos anos.»

Demétrio Alves também considera que «está demonstrado, salvo melhor opinião, que as crises socioeconómica e sociocultural, instaladas na sociedade portuguesa, adicionadas por uma política governamental até agora errada no domínio da administração interna/segurança pública», conduzem ao que está à vista de todos: a crescente insegurança de pessoas e bens, pondo em causa alguns dos alicerces do Estado Democrático e de Direito e levando ao afloramento de reacções desesperadas e perigosas.

Demétrio Alves, acompanhado pelos presidentes de Junta da Zona Oriental, durante a conferência de Imprensa dada na rua, frente à pretensa nova «esquadra» da PSP em Moscavide, na sequência da visita de Guterres que caucionou o evento. «Há neste momento muitos milhares de pessoas que têm medo de sair à rua por falta de condições de segurança», alertou o autarca



Terrenos à espera da instalação de esquadradas

No encontro do presidente da Câmara de Loures, Demétrio Alves, com o ministro da Administração Interna, Alberto Costa, ocorrido em 15 de Dezembro passado, e no qual o governante se comprometeu a reabrir a esquadra de Moscavide «dentro de dois ou três meses», foram apresentadas as principais preocupações que afligem o Concelho em matéria de Segurança Pública.

Foi então recordado - e recordado é o termo, porque tudo já havia sido dito ao anterior executivo de Cavaco Silva - que «a situação de segurança no Concelho de Loures tem-se vindo sistematicamente a agravar, registando-se um aumento da crimina-

lidade entre 1993 e 1994». O encerramento da esquadra de Moscavide em Janeiro de 1995 e a ameaça de encerramento da esquadra da Pontinha «trouxeram factores acrescidos de preocupação para a população dessas zonas, tendo-se inclusivamente verificado um acréscimo de 75% da criminalidade na Freguesia de Moscavide».

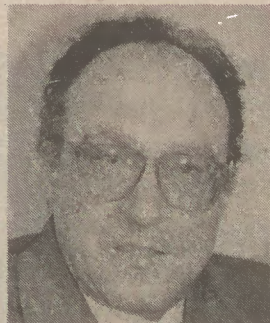
Outro aspecto focado foi a escassez de meios humanos e materiais postos à disposição das forças de segurança existentes, «que levam a que exista necessidade, só neste Concelho, de cerca de mais 500 agentes e respectivos meios».

Após a enumeração das reivindicações do

município em matéria de segurança (ver peça central) - com as quais o anterior Governo se tinha comprometido, através do Secretário de Estado da Administração Interna, Carlos Encarnação -, foram recordados «os terrenos disponibilizados, já há alguns anos, pelo município para instalação das forças de segurança pública (PSP e GNR)», nomeadamente com terrenos disponíveis em Camarate, Loures (Mealhada), Póvoa de Santo Adrião e Santo António dos Cavaleiros, mostrando também o município uma «total disponibilidade para estudar soluções com vista à implementação das forças de segurança em Caneças, Sacavém e Santa Iria da Azóia».

EM FOCO

A crise social, a violência patronal e a resposta dos trabalhadores



■ Domingos Abrantes

No decorrer do mês de Junho, quase em simultâneo com a Cimeira de Florença na qual os governos dos 15, contrariando as balelas do Eng. Guterres, enterraram os planos de combate ao desemprego, e com a Cimeira de Lyon, em que os 7 grandes (G7) insistiram no prosseguimento da política de desregulamentação e dismantelamento social, teve lugar na cidade de Bruxelas o Congresso da Confederação Internacional dos Sindicatos Livres (CISL), na qual foi levantado todo um conjunto de questões sobre a situação social e os direitos dos trabalhadores que merecem alguma reflexão, nomeadamente a conclusão de que existe uma ligação directa entre o crescente domínio das multinacionais e o aumento da violação de direitos sindicais no mundo.

Não deixa de ser surpreendente que seja precisamente a CISL a colocar esta questão, sabendo-se como se sabe que esta organização, dita de sindicatos livres, possui um vasto curriculum de enfeudamento ao patronato e ao imperialismo, servindo muitas vezes de ponta de lança das multinacionais na exploração dos trabalhadores, sobretudo do Terceiro Mundo. É que a gravidade da situação é tal que não pode ser silenciada.

Os números avançados pela CISL relativamente à violação dos direitos sindicais em 1995 (números muito longe de cobrir toda a realidade) são em si mesmos um libelo contra o sistema de exploração capitalista. Nesse ano, segundo os dados da CISL, 359 dirigentes sindicais foram assassinados, mais de 5 mil foram presos e cerca de 7 mil despedidos por realizarem actividade sindical.

E se é certo que parte significativa destas violações dos direitos sindicais e democráticos ocorrem em países do Terceiro Mundo onde as multinacionais, apoiando-se em governos e aparelhos políticos corruptos e sindicatos fantoches, espoliam brutalmente os trabalhadores, o panorama nas chamadas democracias ocidentais é pouco edificante e não deixa de ser extremamente preocupante.

Em países como Portugal, Espanha, França, Bélgica, Inglaterra, Estados Unidos, etc., multiplicam-se as acções repressivas contra trabalhadores em luta e contra os activistas sindicais, adoptam-se legislações limitativas de direitos, nomeadamente o direito à greve, à organização e à manifesta-

ção. Em vários países o patronato organiza grupos paramilitares que actuam com a maior impunidade.

O recrudescer da violência do patronato e dos poderes políticos instituídos contra o movimento operário e sindical radica em causas objectivas. A luta de classes entre o trabalho e o capital, no quadro de uma profunda crise social, agudiza-se com a

intensificação da exploração, com a ofensiva contra os direitos dos trabalhadores. A arrogância do patronato cresce na razão directa do desemprego, da degradação social, do acumular de vultuosos lucros obtidos pela intensificação da exploração e dos crescentes benefícios fiscais. Para a execução da política neoliberal não basta a desregulamentação laboral e o dismantelamento social, ela requer cada vez mais o recurso à repressão directa, a medidas coercivas no plano político e social, para quebrar a resistência dos trabalhadores. Desmentindo as análises e as profecias de alguns teóricos e escribas mercenários ao serviço do capital, os trabalhadores e o movimento sindical desempenham papel determinante na resistência à intensificação da exploração.

Actuando num quadro socioeconómico profundamente alterado, enfrentando enormes dificuldades, os sindicatos reagrupam forças, reanalisam experiências, procuram novos caminhos para responder à ofensiva do capital e reforçar a sua organização. Mesmo o movimento sindical reformista, não podendo ignorar o profundo descontentamento dos trabalhadores face à profundidade da crise, é obrigado a agir. O espaço para os conluios com o patronato torna-se-lhe cada vez mais estreito. Depois das grandiosas lutas de massas na Bélgica, no Luxemburgo e em França, em princípios de Junho 300 mil pessoas desfilarão pelas ruas de Washington para protestar contra a política anti-social do Sr. Clinton. Em 15 de Junho,

“A arrogância do patronato cresce na razão directa do desemprego, da degradação social, do acumular de vultuosos lucros obtidos pela intensificação da exploração e dos crescentes benefícios fiscais”

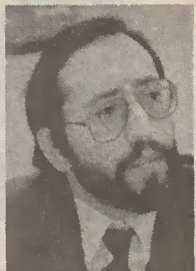
em Bona, a culminar grandes acções de luta, 350 mil pessoas reuniram-se na maior manifestação do pós-guerra, para protestar contra o plano de austeridade do Sr. Khol. Aquando da realização da Cimeira dos G7 em Lyon, mais de 50 mil desceram à rua para protestar contra a política anti-social.

Pela combatividade de que dão mostras, pela dimensão que assumem e pelo número de países que abarcam, o ascenso das lutas dos trabalhadores e das massas populares não é um fenómeno episódico, ele é a resposta necessária a uma política anti-social que, baseada nos baixos salários, na completa desregulamentação das relações laborais, no dismantelamento dos esquemas de protecção social, produz, só na União Europeia, mais de 20 milhões de desempregados (40 milhões na OCDE) e 60 milhões de pobres.

Os trabalhadores rejeitam cada vez mais a propaganda que faz da chamada rigidez do mercado de trabalho e dos pretensos elevados custos do trabalho a fonte do desemprego. Os trabalhadores rejeitam cada vez mais entrar numa guerra santa pela competitividade sacrificando milhões de pessoas ao desemprego e à miséria. Uma guerra que deifica a produção das coisas destruindo a principal riqueza, o trabalhador, no altar da rentabilização do capital.

A política ultraliberal suscita nas massas crescentes inquietações, resistência e determinação de lhe fazer frente. Avizinham-se novas e porventura mais poderosas acções de protesto, por uma política ao serviço dos trabalhadores e dos povos. Uma coisa temos como certa: os trabalhadores estarão à altura das suas responsabilidades.





■ António Filipe

Punição do consumo de drogas

Na passada semana, foi noticiada por vários órgãos de comunicação social uma conferência de imprensa do PP em que o Dr. Manuel Monteiro terá acusado todos os Partidos representados na Assembleia da República, à excepção do seu, de terem viabilizado um Projecto de Lei do PCP que visaria introduzir alterações no Código Penal de forma a despenalizar o consumo de drogas.

Tal conferência de imprensa, destinada a desviar as atenções da crise que dilacera o PP, não nos mereceria especial referência se não se desse o caso do Dr. Monteiro não ter encontrado outra solução para dar largas à sua demagogia que não fosse caluniar uma iniciativa do PCP contendo um conjunto importante de medidas que visam contribuir para um combate mais sério e eficaz ao flagelo que o consumo e o tráfico de drogas representam para a sociedade portuguesa.

E como seguramente terão sido em maior número os cidadãos que tiveram acesso às calúnias do Dr. Monteiro do que os que tiveram acesso ao conteúdo do Projecto de Lei do PCP, importa repor a verdade das coisas.

Passando de largo sobre questões menores como a de não ter sido discutida recentemente na Assembleia da República qualquer alteração ao Código Penal em matéria de droga, até pela simples razão de que a matéria de droga não consta do Código Penal mas de legislação especial, essa sim objecto de debate, importa sobretudo afirmar — como prontamente afirmou o grupo de trabalho do PCP para as questões da toxicoddependência e narcotráfico — ser inteiramente falso que o Projecto de Lei do PCP pretendesse consagrar a «despenalização» do consumo de drogas.

Como se afirma no próprio Projecto, o PCP considera que o consumo de drogas se deve manter como conduta ilícita e não propõe a sua despenalização. Entende, porém, que os efeitos que se procuram salvaguardar com esta ilicitude (dissuadir do consumo de drogas e encaminhar os toxicoddependentes para soluções de tratamento) serão mais eficaz e coerentemente atingidos se for excluída nestes casos a previsão de penas de prisão e utilizadas, em alternativa, outras formas de reacção penal.

Decorreu o debate sobre estas matérias no âmbito da apreciação de iniciativas legislativas do Governo e de diversos Partidos visando a revisão da chamada «lei da droga». Recusado na generalidade o Projecto de Lei apresentado pelo PP que nada mais propunha que aumentos indiscriminados de penas, foram aprovados para debate na especialidade, a Proposta do Governo, bem como os Projectos apresentados pelo PCP e pelo PSD.

No momento em que estas linhas são escritas, está em curso essa apreciação, devendo ocorrer a respectiva conclusão no próximo dia 12, com a votação final global das alterações à lei da droga. Deixando o balanço final deste processo e a análise das posições que cada Partido assumiu para um momento em que ele possa ser feito, importa, desde já, para desmentir falsificações, referir as propostas que o PCP verdadeiramente assumiu sobre algumas questões fundamentais.

Apesar de ser inquestionável a pertinência e importância da revisão da «lei da droga», esta não deve ser encarada como uma panaceia que irá resolver os gravíssimos problemas que o flagelo social da droga veio criar na sociedade portuguesa. O enquadramento legal de combate à droga deve ser aperfeiçoado e corresponder melhor aos objectivos que se propõe atingir, mas é inquestionável que a luta eficaz contra este flagelo não pode limitar-se à alteração desse quadro, tendo necessariamente que passar pela concretização de políticas globais e coerentes de combate à droga, que alterem as causas mais profundas da toxicoddependência e que articulem devidamente as vertentes de prevenção do consumo e de repressão do tráfico de drogas.

No ordenamento jurídico português de combate à droga, há alguns dados que podemos tomar por adquiridos: a ilicitude do tráfi-

co e do consumo de drogas; a consideração do tráfico de drogas como um crime de enorme gravidade; a consideração de que os toxicoddependentes não devem ser tratados como criminosos, mas como cidadãos que, praticando actos ilícitos de consumo de drogas, o fazem, seja por circunstâncias sociais que facilitaram a sua atracção pelo consumo de drogas, seja em consequência de condições psíquicas que, mais do que repressão, aconselham e exigem meios de tratamento. O PCP não só não preconiza a alteração destes princípios, como, ao contrário, propõe que a lei da droga os exprima de forma correcta e adequada.

Desde 1983 que a legislação portuguesa de combate à droga considera — e bem — que o simples consumidor de drogas (excluindo por-

perante o consumo de drogas tratando-o como algo que diga respeito apenas a cada um. Mas se o objectivo visado com a penalização do consumo de drogas consiste precisamente em evitá-lo e se para isso é indispensável encaminhar os toxicoddependentes para soluções de tratamento, resulta como inequívoco que este objectivo não será atingido através da aplicação de penas de prisão, mas antes através da utilização de formas alternativas de reacção penal sempre substituíveis por soluções de tratamento voluntário.

A proposta do PCP consiste, assim, na aplicação, aos casos de simples consumo de drogas, da pena de multa que já se encontra prevista, mas prevendo desde logo que essa punição possa ser substituída por dias de trabalho a favor da comunidade (a requerimento do próprio); e, ainda, que o tribunal possa suspender a obrigatoriedade de pagamento da multa se o condenado, sendo toxicoddependente, se sujeitar voluntariamente a tratamento adequado, comprovando-o pela forma e no tempo que o tribunal determinar.

Porém, as reais possibilidades de tratamento de toxicoddependentes não deixaram de merecer a adequada atenção da parte do PCP. Pouco sentido fará que o legislador deposite justas expectativas nas possibilidades de tratamento e reinserção social de toxicoddependentes e depois o Estado não cuide de assegurar os meios que tornem esse tratamento possível e acessível.

Assim, depois de ter apresentado o Projecto de Lei de criação de uma rede pública de serviços de atendimento e tratamento de toxicoddependentes, já aprovado na generalidade, o PCP propõe que também ao nível da lei da droga se estabelecesse a gratuidade da prestação de atendimento a toxicoddependentes pelos serviços públicos competentes; a urgência no atendimento dos cidadãos sujeitos a tratamento no âmbito de processos em curso ou de suspensão de execução de pena; a existência de meios e estruturas adequados de tratamento de toxicoddependentes nos estabelecimentos prisionais; e a consideração da reinserção social como um dos objectivos de uma política de prevenção do consumo de drogas.

Ficará para melhor oportunidade a referência a outras propostas

de revisão da lei da droga, apresentadas pelo PCP e cuja importância não será menor que a das referidas, para voltar ao Dr. Monteiro.

E só para lembrar que este partido, cujo presidente dá largas à sua demagogia caluniando propostas sérias do PCP, é o mesmo que votou contra o Projecto comunista de criação de uma rede pública de serviços de atendimento e tratamento de toxicoddependentes; o mesmo que defendeu na Assembleia da República o supremo disparate de que o Estado deveria entregar cheques aos toxicoddependentes para que estes se pudessem tratar em instituições privadas; o mesmo que atravessa um deserto tão grande de ideias que nada mais soube propor em matéria de lei da droga que não fosse aumentar penas de prisão, aumentar penas de multa e cumular de forma absurda penas de prisão e penas de multa, a torto e a direito, como se não estivesse já demonstrado que o aumento excessivo das penas não conduz ao abrandamento da criminalidade e como se fosse por falta de penas que a maioria dos traficantes permanece impune.

Entende o PCP que a solução para os milhares de jovens enredados no flagelo da toxicoddependência passa pelo tratamento e pela reinserção social. O PP quer prendê-los. São formas de encarar a vida.



tanto os casos de tráfico e mesmo de tráfico para consumo) não deve ser tratado como um criminoso, mas antes como um doente que, como tal, carece de tratamento. Acontece porém que tal consideração não passou da exposição de motivos para as disposições legais, que, continuam, não obstante, a manter a previsão da aplicação de penas de prisão aos casos de simples consumo de drogas.

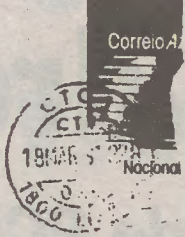
Dir-se-á que tal previsão terá um efeito meramente simbólico e que tal pena de prisão se destina tão-somente a dissuadir, podendo sempre ser suspensa ou substituída por multa. Dir-se-á também que não se encontrará ninguém nas prisões portuguesas cuja reclusão se deva à aplicação das penas de prisão previstas para o simples consumo. Mas se assim é, mais inadequada ainda se afigura a solução legal vigente, em que a lei prevê a aplicação de penas de prisão que o legislador assume não querer ver aplicadas.

Tratar em vez de prender

O consumo de drogas não só deve manter-se como conduta ilícita como não deve ser desvalorizada a sua perigosidade e devem ser combatidas ideias que apontem para uma maior indiferença social

O LEITOR

Manter a correspondência em dia não se revela coisa fácil. Basta um descuido - que é como quem diz os tradicionais problemas de falta de espaço e/ou de mãos - e logo as cartas dos nossos leitores se acumulam, tornando ainda mais complexa a tarefa de lhes dar o devido relevo. Pedindo antecipadamente desculpa por algumas omissões, ditadas pela natural desactualização das questões abordadas, retomamos neste número a secção do leitor.



Divulgar o "Avante!"

De Famalicão recebemos três cartas de Fernando Bessa, preocupado com a situação económica, social e cultural que se vive na Europa e principalmente em Portugal. Lamenta o nosso leitor que as propostas do PCP - de cujos ideais comunga apesar de não ser militante - sejam sistematicamente silenciadas, enquanto se propagandeam as opiniões de demagogos dos mais diversos quadrantes. Para contrariar esta situação, Fernando Bessa defende a necessidade do PCP apostar na frente da informação, em particular no que respeita à divulgação do "Avante!", por vezes esquecida pela própria organização do Partido, como refere:

A difusão do "Avante!" também é uma das prioridades, mas lamento dizer que tenho assistido a realizações do Partido em que o jornal não é lembrado (...). E quanto à Festa do "Avante!", permitam-me que manifeste a opinião de que nela o jornal deveria ser mais falado, deveria haver grandes painéis apelando à leitura do jornal, cada banca deveria ter uma banca com o jornal à venda e com impressos para recolher novas assinaturas, sem esquecermos a vantagem de haver «ardinas» voluntários a apregoar e vender o jornal saído no dia anterior à abertura da Festa, já que talvez seja desnecessário fazer uma emissão a seguir à abertura quando todos os esforços deveriam ser canalizados para, em cada Festa, se conquistarem mais uns milhares de leitores e/ou assinantes. (...)

Gralhas

Para as famigeradas "gralhas" que sistematicamente atacam o jornal chama-nos a atenção António Costa Moreira, da Amadora. Pretende o nosso leitor, com o seu reparo, contribuir para que o nosso "Avante!" saia «menos salpicado de erros, que não são aliás de conteúdo cultural mas de falha humana/técnica», como refere.

Hospital de S.^{to} António

Do Porto, via internet, escreve-nos o leitor João Carlos Sousa, chamando a atenção para a falta de higiene e de condições de acessibilidade no Hospital de S.^{to} António:

O Hospital tem um serviço interno impecável e ao nível de qualquer bom hospital, no entanto, os quartos de banho da sala de espera da urgência estão imundos (...). A entrada e saída da urgência (faz-se por) sete ou oito escadas de pedra (...). A entrada das ambulâncias e carros que transportam os doentes é muito exígua (...) e no pequeno espaço que há estão dois automóveis estacionados a roubar o precioso espaço dos veículos prioritários. (...) Vejam lá se podem alertar alguém para estas situações. A resolução nem ficaria tão cara assim.

Cadeira de rodas

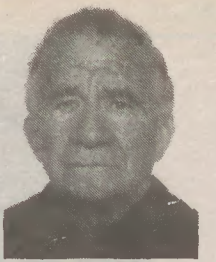
Um pedido de solidariedade chega-nos de Álvaro Antunes da Cruz, de Lisboa. Reformado por invalidez, com a pensão mínima nacional, o nosso leitor, a quem foram faltando as forças para se poder movimentar numa cadeira de rodas normal, como sempre fez durante toda a vida, precisa de uma cadeira de rodas eléctrica, que não tem meios para adquirir. Aqui fica o seu pedido de auxílio:

(...) Sou uma pessoa bastante obesa, e a única solução que os médicos me indicaram para a minha situação é a de adquirir uma cadeira de rodas eléctrica, pois de outra forma não consigo ser minimamente independente. (...) Os preços são inacessíveis e por intermédio de instituições respondem-me também que não há verbas.

(...) Ficarei muito grato se me puderem fazer um apelo (...) no sentido de conseguir alguém que tenha alguma cadeira de rodas eléctrica usada que eventualmente possa já não fazer falta, ou de um apoio monetário. (...)

A questão agrária

- o detonador social no Brasil



■ Miguel Urbano Rodrigues

De repente, o governo brasileiro tomou consciência de que a questão agrária ameaça fazer ruir a sua ambiciosa estratégia neoliberal. A consciência dessa realidade não é, porém, acompanhada de uma política que pretende dar resposta ao clamor, cada vez mais generalizado, em favor de uma autêntica Reforma Agrária

Nos últimos meses, a situação agravou-se de semana para semana, de dia para dia, com os conflitos no campo a assumirem facetas novas. A tensão social entre fazendeiros e trabalhadores do Movimento dos Sem Terra - MST cresce e o nível da violência aumenta de maneira preocupante.

O governo repete que está empenhado em levar adiante a Reforma Agrária. Mas não passa das palavras aos actos. A criação do Ministério da Política Fundiária (conhecido como o Ministério da Reforma Agrária), logo após a chacina de Eldorado de Carajás, não passou de uma pirueta política. O ministro Raul Jungmann fala pelos cotovelos, mas em dois meses de gestão nada fez de significativo e cometeu erros em cadeia. O seu prestígio foi, aliás, abalado quando tentou proibir a publicidade de uma empresa que apresentava chimpanzés bebendo um refrigerante, com o argumento de que feria direitos dos animais.

Em Junho, Jungmann dificultou mais o diálogo com os Sem Terra ao ameaçar camponeses, que ocupam fazendas improdutivas, com a intervenção do Exército. A manobra contribuiu para exasperar os ânimos nas áreas onde é maior a tensão.

No momento em que escrevo, elementos do MST estão envolvidos em conflitos graves na maioria dos Estados da União.

É diversificada a natureza dos choques ocorridos. Há um pouco de tudo. Em Salvador, na Bahia, reagindo ao incumprimento, pelo Ministério, de compromisso recente, o MST ocupou a sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA e tomou como refém o superintendente interino daquele organismo. No Pontal do Paranapanema, em São Paulo, os Sem Terra decidiram ocupar todas as fazendas da região onde o Estado previu a criação de assentamentos. A operação iniciou-se com a instalação, numa herdade de 1500 hectares, de uma brigada de trabalhadores com 40 tractores.

«A nossa estratégia - afirmou um dirigente do MST - é não parar as ocupações até que o governo do Estado apresente soluções concretas para a questão fundiária do Pontal.»

Em Muriticupu, no Maranhão, morreram quatro pessoas, no dia 11, num confronto entre trabalhadores do MST e jagunços de uma fazenda. A direcção nacional do Movimento apressou-se a desmentir com indignação notícias falsas divulgadas por fontes oficiais que atribuíam aos trabalhadores a responsabilidade de crimes praticados por gente a soldo dos fazendeiros.

Do massacre de Eldorado de Carajás (!) fala-se cada vez menos. O major que comandou a chacina foi transferido para outra cidade. Até hoje não há notícia de punições e os inquiridos correm na Justiça com lentidão exasperante. Somente há poucas semanas o governo tornou pública a sua intenção de expropriar a fazenda Macaxeira, onde foi cometida a chacina. Soube-se, aliás, que o próprio representante do INCRA em Marabá era cúmplice dos fazendeiros.

A corrupção, no tocante à questão agrária, funciona em todos os níveis, desde as polícias militares ao Congresso. A chamada *bancada ruralista* - o grupo de parlamentares que representam os interesses dos grandes fazendeiros - actua no Legislativo federal como autêntica mafia parlamentar. Não se limita a sabotar todas as iniciativas que possam abrir caminho à Reforma Agrária. Os senhores do latifúndio devem ao Banco do Brasil milhares de milhões de reais. Tradicionalmente são péssimo pagadores. Além disso, obtêm escandalosas isenções de impostos. Em Maio fizeram prova da sua força ao obrigarem o Presidente Fernando Henrique Cardoso a esvaziar uma proposta de lei, retirando do seu texto dispositivos moralizadores que os atingia financeiramente.

O Presidente da República expressa a sua amargura e indignação cada vez que litígios entre fazendeiros e camponeses dos Sem Terra terminam em matanças. Mas não demonstrou ainda vontade política de encontrar soluções que façam a Reforma Agrária sair dos gabinetes para o campo.

No próximo dia 14 de Julho vai reunir-se com governadores de todos os Estados da Federação para discutir o tema. A agenda, contudo, provocou decepção no MST porque o projecto oficial visa descentralizar a Reforma Agrária. Por outras palavras, o Executivo pretende transferir cada vez mais a responsabilidade para os Estados e Municípios. Ora, sendo ainda maiores a esse nível as complicitades entre os fazendeiros e as autoridades, a descentralização não contribuirá na prática para dinamizar o processo de desmantelamento da anacrónica estrutura dos observadores ao decidir que doravante as ocupações de terras serão tratadas como «assuntos de segurança nacional».

«Terra invadida não será distribuída» - afirmou após reunião de emergência na Câmara das Relações Exteriores e de Defesa do Estado.

O endurecimento do Executivo e as advertências sobre o eventual envolvimento das Forças Armadas para expulsar os Sem Terra de fazendas invadidas produziu, porém, um efeito oposto ao esperado.

O MST radicalizou a sua posição. Um dos principais líderes do Movimento, José Rainha, do Parapanema, acha absurda



a decisão de FHC de considerar assunto de segurança nacional as ocupações. Na sua opinião, esse gesto traduz o «desespero do presidente pela recusa dos seus projectos de governo».

«Não vamos recuar» - advertiu. E, para justificar a instalação de trabalhadores dos Sem Terra em fazendas improdutivas respondeu às críticas oficiais com uma pergunta: «Gostaria de saber qual foi, até hoje, a área que o Governo desapropriou antes que tivéssemos que ocupá-la à força.»

A situação existente apresenta-se como insustentável a médio prazo. Após anos de inércia total, as medidas do actual Executivo são meros paleativos. A questão agrária assume, por isso, contornos sociais dramáticos. A Reforma Agrária não avança e existe uma consciência cada vez mais ampla de que as soluções legais anunciadas pelo Governo são inadequadas e não saem do papel. No Congresso, a maioria continuará, pelo seu lado, a obstruir tudo o que possa contribuir para levar adiante a Reforma Agrária.

Entretanto, as próprias elites não desconhecem que o tempo está contra elas. A contestação ao latifúndio improdutivo desenvolve-se em ritmo acelerado. Manifesta-se praticamente em todos os Estados da União. Os camponeses sem terra tratam de empurrar para a frente a Reforma Agrária.

É muito arriscado prever qual será a fisionomia política e social do Brasil no início do século XXI. Mas o impasse da terra não pode manter-se por muitos anos. Os conflitos quase diários entre o MST e as forças que sustentam a estrutura agrária mais obsoleta e cruel da América Latina anunciam choques de uma gravidade e violência crescentes.

O MST não dispõe de organização e força suficiente para impor ao Governo a Reforma Agrária. Mas, a persistir a actual política - muita promessa e recusa de iniciativas concretas que atinjam os interesses da oligarquia fundiária -, o nível das tensões sociais poderá gerar uma situação de violência permanente e explosiva, susceptível de criar na vastidão do Brasil uma situação de caos. Do campo, as rupturas passariam, então, ao mundo urbano.

(!) In «Avante!», 16.5.96

Rectificação

No texto «A dialéctica da violência e do amor na vida brasileira», de Miguel Urbano Rodrigues, publicado a semana passada, referia-se a dado passo que «no Rio de Janeiro, 92 internados numa clínica para idosos faleceram desde Janeiro vítimas de infecções». Informações posteriormente divulgadas revelaram que o número de vítimas ascendia a mais de uma centena, tendo as mortes ocorrido em apenas dois meses.

A clínica foi entretanto fechada e presos alguns dos seus responsáveis.

Ao encerrar-se o «Euro 96»

■ Manoel de Lencastre

Ficou o futebol de mercado

O fim do Euro-96 foi o cair do pano sobre um enorme acontecimento desportivo que manteve as atenções das massas que ainda amam o futebol em mobilização quase permanente. Tombaram as esperanças de muitos. O título de campeão da Europa foi para um dos favoritos e pode conceder-se a ideia de que tudo constituiu um êxito notável. Mas a organização mostrou-se demasiado complexa e pesada e, em alguns aspectos, foi o espírito prático dos ingleses que resolveu certas burocracias desnecessárias. Houve dinheiro para todos.

As receitas foram elevadíssimas porque o custo dos bilhetes era bastante alto e, em alguns casos, inacessível para o público normal de certas cidades inglesas. Particularmente, o jogo entre a França e a República Checa que se disputou numa quarta-feira, à tarde, em Manchester, não registou a assistência que seria de esperar. Mas a organização, a cargo da UEFA, não teve capacidade para compreender que não há público naquela cidade inglesa para jogos à tarde, a meio da semana.

Assistimos a um elevado número de jogos em que a percentagem de lugares vazios nas bancadas era assinalável. Mas a UEFA disse que a culpa pertencia às Federações nacionais, incluindo a portuguesa, que não tinham devolvido as sobras de bilhetes anteriormente requisitados. Não foi por isso, contudo, que o sucesso financeiro correu riscos. Tudo estava garantido desde primeiro dia e, como acima se refere, houve dinheiro para tudo e para todos.

Futebolistas banqueiros

Os estádios ingleses onde o Euro-96 teve lugar foram um bom cenário para os 31 jogos que se realizaram nas cidades de Londres, Manchester, Liverpool, Leeds, Sheffield, Nottingham, Newcastle. Mas não pudemos deixar de notar que estes estádios foram construídos para futebol entre clubes ingleses e é o público desses clubes que lhes dá a melhor atmosfera. O estádio de Wembley, evidentemente, possui tal grandiosidade que é sempre um palco superior seja quem for que esteja no relvado. Mas, Old Trafford (Manchester) e St. James Park (Newcastle) estiveram longe de viver no Euro-96 as grandes jornadas de emoção colectiva e de paixão profunda que se lhes vê nos jogos do campeonato. Alguns jogos atingiram aspectos e momentos de proporções dramáticas. Vimos a queda da extremamente orgulhosa Itália diante de uma selecção checa trabalhadora, paciente e desejosa de êxitos. Assistimos às imensas dificuldades da Espanha, entu-

siasticamente apoiada pelo calor tradicional do seu público, perante uma Roménia já sem esperanças mas sabendo pôr em campo um futebol de fina qualidade. Os «comerciantes» búlgaros não estiveram à altura da reputação futebolística de alguns dos seus jogadores — chamamos-lhes comerciantes porque na selecção da Bulgária são os seus três principais jogadores (Stoitchkov, Letchkov, Kostadinov) quem dita todas as leis. Estes profissionais-ultra do futebol declararam-se, há meses, dispostos a dedicarem-se à indústria bancária...

No fim, o triunfo pertenceu à Alemanha que não foi, em nossa opinião, a selecção que melhor futebol praticou. Mas os alemães sabem imprimir ao seu futebol (talvez como ninguém mais...) as características próprias do povo germânico. Foi a vitória da organização e do método, da planificação e do estudo de todas as condições — a vitória do poder físico, da mais férrea vontade de vencer, da força, da objectividade, do desprezo pelo romantismo que também faz parte do futebol. Mas quando a República Checa fez o seu golo em Wembley, vimos o seleccionador alemão, Bertie Vogts, imensamente preocupado. Entretanto, foi com alguma sorte que os alemães chegaram à final. A eliminação da Inglaterra foi imerecida. Os ingleses, na inesquecível meia-final, fizeram tudo o que era possível e necessário para a vitória. Infelizmente, o jogo teve de ser resolvido através do sistema tirânico das grandes penalidades e o extraordinário falhanço de Southgate, que permitiu a entrada dos alemães na final, nunca mais será esquecido em Inglaterra.

Portugueses:

«Quem quer comprar-nos?»

A selecção portuguesa foi uma das poucas que adoptaram o estilo de futebol artístico, bem jogado, carregado de um belo perfume romântico, em certas alturas. Este futebol estava a entusiasmar o público e a crítica. A certa altura, a equipa nacional era tida como uma das favoritas para a vitória final. Mas, depois de um belo êxito sobre uma Croácia que não mereceu os comentários bastante favoráveis que recebeu antes do Euro-96, os portugueses não foram capazes de suplantar a República Checa. Esta, constituída por jogadores de considerável potencial físico e sem contemplos para com os artistas portugueses, pôs a nu, da mais gritante maneira, as deficiências da equipa preparada por António Oliveira. Na realidade, os chamados «emigrantes» (Rui

Costa, Paulo Sousa e Figo) não estiveram à altura da sua fama e viu-se com toda a clareza que eram homens exaustos pelas campanhas dos clubes estrangeiros a que pertencem. A observação dos jogadores portugueses deu-nos uma bela oportunidade para julgar a actualidade do futebol português. Na realidade, cada jogador era um cartaz da sua situação no negócio. Por exemplo: o golo estranho sofrido pelo guarda-redes Baía, no jogo com a Dinamarca, só foi possível devido ao facto de que o jogador estava com o espírito nos milhões que se relacionavam com a sua hipotética transferência para o Barcelona.

F. Couto, que fez um excelente campeonato, estava a «marketizar-se» perante observadores de certos clubes ingleses para onde deseja transferir-se. O mesmo verificámos na maneira de jogar do benfiquista Hélder que, segundo nos dizem, apenas quis assinar novo contrato com o seu clube português por alimentar a esperança de «passar-se», também, para o estrangeiro. Este estado de espírito, denunciado com bastante clareza por estes e por outros jogadores portugueses, não serviu os interesses da selecção. Pelo contrário, Sá Pinto e João Pinto, apesar de raramente terem mostrado o seu melhor, jogaram de acordo com o seu carácter de futebolistas e não nos deram a impressão de estarem a exhibir-se para a galeria formada por especuladores e «olheiros» de certos clubes estrangeiros.

O treinador e seleccionador, Oliveira, fez tudo o que era aconselhável fazer para que a equipa nacional pudesse sobreviver. Mas, sem «homens-golo» à sua disposição, era-lhe impossível conseguir o objectivo que todos nós desejávamos. Notámos-lhe o erro de, no jogo decisivo com os checos, haver feito sair Sá Pinto e feito substituir este por Domingos. Este jogador do Porto é um homem completamente esgotado, incapaz, inoperante. Dizem-nos que o seu estado físico que o faz arrastar-se tristemente pelo relvado se deve ao esforço titânico desenvolvido ao serviço do seu clube durante toda a temporada portuguesa.

Wembley=Waterloo ou El Alamein

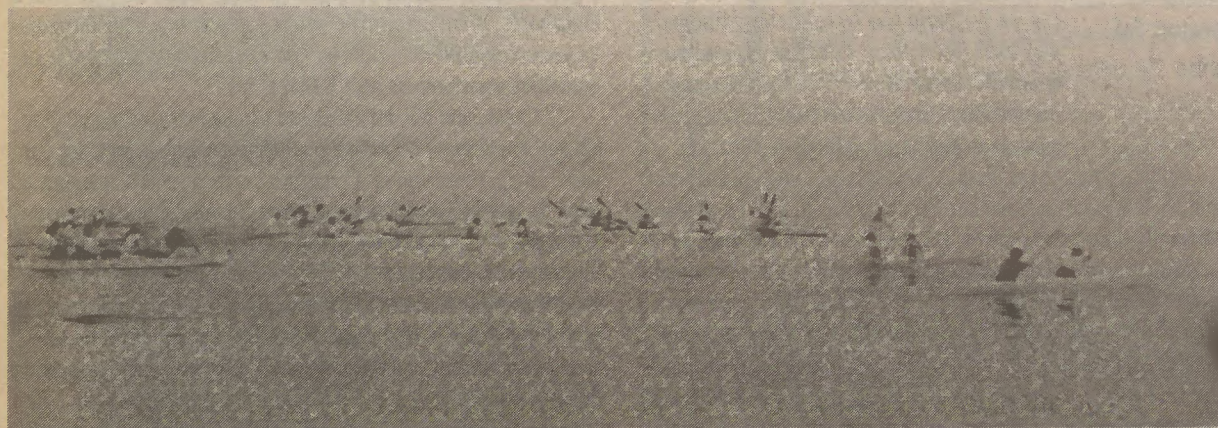
Naturalmente, o grande espectáculo dentro do Euro-96 foi constituído pela selecção inglesa. Quanto a nós, era a principal favorita. E verificou-se que a qualidade do futebol exibido foi suficiente para merecer o título. A extraordinária exibição produzida no jogo com a Holanda marcou uma data importante no futebol inglês e «transferiu» para Wembley as esperanças, as ilusões, todos os exageros em que os ingleses são pródigos sempre que em confronto com estrangeiros, em qualquer actividade.

No decorrer deste campeonato, a Inglaterra estava a fazer as pazes consigo própria. Atingia, finalmente, um grande momento de triunfo. Dominava a Europa e preparava-se para o «assalto» ao Mundial. As coisas, em Inglaterra, são vistas desta maneira. E o povo inglês está sempre pronto para esquecer os seus problemas internos desde que seja possível conseguir êxitos sobre estrangeiros. Neste estado de espírito, os ingleses viveram a meia-final com os alemães como se estivesse em jogo a própria honra nacional. Foi-se para Wembley como se se fosse para o campo de Waterloo ou para o deserto, em Tobruk e El Alamein. E a vitória esteve bem perto. Toda a nação inglesa parecia depender do resultado de um jogo de futebol. De repente, o «penalty» falhado por Southgate (jogador do Aston Villa) acordou o país para a realidade de mais uma derrota, para o ruir de um sonho. E alguns, não podendo resistir às consequências do fracasso, entregaram-se a manifestações de destruição bárbara e lançaram-se em ataques cegos contra tudo o que encontravam na sua frente. Estavam a exprimir através dos mais impróprios métodos a extraordinária dor que todo o povo inglês sofreu.

A Inglaterra, entretanto, resistiu à adversidade (como sempre acontece!) com grandeza. Quando se esperava que a final viesse a disputar-se num Wembley a meia-casa, o público inglês compareceu adequadamente e deu aos momentos derradeiros da competição a altura merecida. E tudo acabou no melhor dos mundos. Os ingleses começam a ganhar convicção de que as derrotas no futebol, que é o seu jogo, afinal, devem ter alguma coisa a ver com a organização da vida social no país. Os recursos são muitos, mas não vão para os mais sentidos objectivos. Por que razão há tanto dinheiro no futebol, mas os resultados são quase sempre tão decepcionantes? Por que motivo há tantos clubes lutando com ferozes problemas financeiros? Por que razão pretendem os jogadores ganhar o estatuto de milionários e agem, na prática, como simples homens de negócios? Por que há tantos especuladores, agentes, intermediários, oportunistas, parasitas no futebol? Vivemos na hora do futebol de mercado. O grande desporto da classe trabalhadora e do povo caiu nas garras dos abutres — já não é o futebol que ensinava um vasto número de virtudes e reflectia a vida em quase todos os seus aspectos.



EM FOCO

Partida da Doca de S.^{to} AmaroCanoagem
é no sábado

A prova de canoagem da Festa do «Avante!» parte no próximo sábado, pelas 10.30 horas, da Doca de Santo Amaro, em Alcântara. É uma forma de assinalar os 20 anos da Festa, já que a primeira edição se realizou ali por perto, na FIL, em 1976. Os canoístas têm como missão atravessar o Tejo e seguir rumo à Amora. Não é tarefa fácil, mas esta modalidade é mesmo assim - «um pouco arriscada, mas muito aliciante», disse ao nosso jornal Carlos Manuel, dirigente da Associação Naval Amorense e há vários anos ligado à organização da prova canoagem de divulgação da Festa.

Segundo Carlos Manuel, «é importante alterar o percurso da prova, para não ser sempre a mesma coisa. Este ano, o atractivo é atravessar o rio. Parte-se da Associação Naval de Lisboa, atravessamos em direcção ao Clube Náutico de Almada, seguindo em frente até à Amora. Este trajecto foi escolhido com algum simbolismo, já que une o local da primeira Festa com a Quinta da Atalaia».

A realização destas provas implica sempre o aviso prévio da Capitania, mas este ano a construção da nova Ponte obrigou a esforços acrescidos: «Os condicionalismos do tráfego são maiores, mas felizmente tudo foi resolvido com a polícia marítima e a delegação do Porto de Lisboa que informaram todas as entidades ligadas ao tráfego naquela zona de modo a não interferirem com a prova». Outro dos cuidados a ter é fazer coincidir o horário com o enchimento da maré de modo a que a corrente seja favorável. E como mesmo assim há sempre os

que desistem, é preciso garantir vários barcos de apoio. «Este ano estou a contar com cinco embarcações que acompanharão a prova.»

Quanto ao número de participantes previstos para este ano, Carlos Manuel referiu-nos que estavam já confirmadas 40 inscrições, 19 da Associação Naval de Lisboa, 18 da Associação Naval Amorense e as restantes do Montijo. À semelhança dos anos anteriores, a prova é aberta também a concorrentes individuais.

No final, será oferecido um almoço-convívio aos canoístas e outros participantes, que terá lugar no terreno da Festa. Na ocasião, serão entregues as medalhas e prémios de presença, distinguindo-se a equipa melhor classificada e o clube com maior número de atletas, bem como o canoísta mais novo e o mais velho.

Para além do sector de turismo, na competição são aceites as categorias de juniores e seniores: «Evitamos ao máximo as inscrições de

cadetes por tratar-se de um percurso longo com cerca de 16 quilómetros que pode apresentar alguns riscos para praticantes muito jovens e com pouca experiência.»

Para quem pretende iniciar-se na modalidade, fica a saber que um barco e a respectiva pagaia (remo) atingem facilmente uma centena de contos, sendo aconselhável a sua inscrição num dos oito clubes e associações que existem na região de Lisboa. É que neste desporto radical é preciso aprender a enfrentar a ondulação.



Jornada de Trabalho

Os militantes e amigos da Festa residentes no concelho de Cascais têm, no próximo domingo, 14, uma jornada de trabalho na Atalaia, promovida pela concelhia do PCP. O transporte está assegurado e parte de Cascais às 7.45 horas, com paragens em Alcabideche (7.55 h), Manique (8.00 h) Alto de Tires (8.10 h), Rana (8.15 h), Parede (8.20 h) e Sassoeiros (8.30 h).

Excursões

Com o objectivo de facilitar a deslocação de todos os interessados à Festa do «Avante!», as organizações do Partido promovem excursões em diversos pontos do país, algumas das quais já noticiadas em edições anteriores.

Assim, os residentes no distrito de Bragança podem contar com uma excursão que parte no dia 6 de Setembro e regressa no dia 8. Todas as informações podem ser obtidas nos centros de trabalho do PCP em Bragança (tel. 073 - 23365) e em Mirandela (078 - 22391).

De Vilarinho, a partida é à meia-noite de sexta-feira, dia 6 de Setembro, no Largo 25 de Abril. Tratam das inscrições os camaradas Bilita, Neca Couto, Catolino e António Castro.

De Santo Tirso, a excursão parte às 06.00 horas de sábado, dia 7 de Setembro, junto ao café «Estrela Foral». As inscrições podem ser feitas até 31 de Agosto, pelos telefones 055 - 52097/856234 ou 093 - 68388.

Barcelos

No distrito de Braga, continua a selecção de grupos que irão actuar no palco da Liberdade na festa do «Avante!». Para este fim-de-semana, a DORBraga anuncia dois espectáculos de novos valores musicais, que decorrem na Escola Secundária de Alcaides de Faria.

Assim, no sábado, com início às 16 horas, actuam os grupos «Dilema»; «Quito»; «Plebeus»; «Leitmotiv»; «Fuckmore»; «Servos da Gleba»; «Just Creation»; «The Gift» e «Oratory».

No domingo, actuam «Barulho do Cheiro»; «The Grandmothers Hole»; «Vallium»; «Mortuaria»; «The Distortionable Sent»; «Ribancira»; e duo Miguelito e Flávio.

O lago
já encheu

Foi durante a semana passada que as condutas foram abertas e o Lago Quinta da Atalaia encheu pela primeira vez com a maré do rio. É um espelho de água salgada com quatro mil metros quadrados que terá áreas envolventes arrelvadas.

Longe do movimento da Festa, esta zona foi pensada para proporcionar ao visitante um momento de merecido descanso. Por isso, ali perto vai ser instalado apenas a tenda do Avanteatro, um ecrã para projecção de cinema e dois bares.

Como referimos numa edição anterior, o projecto de aproveitamento da várzea estava há muito pensado, mas só este ano foi possível avançar com a primeira fase, que incluiu a construção do lago, o escoamento das águas pluviais e um sistema de retenção das águas das marés, para além da cobertura vegetal do terreno.

Integradas no plano global de recuperação e valorização da baía do Seixal, promovido pela Câmara Municipal, as obras irão prosseguir no futuro com a construção de um pavilhão polivalente e a instalação de um restaurante, equipamentos que serão utilizados durante todo o ano pela população.



AGENDA

Em Setúbal
hoje, às 21h30

EVOCACÃO DE MICHEL GIACOMETTI

Numa iniciativa integrada ainda nas comemorações do 75º aniversário do PCP que a DORS tem vindo a promover, realiza-se hoje, quinta-feira, no Edifício Arrábida, uma evocação de Michel Giacometti que terá a participação do camarada Ruben de Carvalho e de Luísa Tiago Oliveira e Jorge Freitas Branco, professores do ISCTE.

Em Gaia
sábado, às 21h30

DEBATE SOBRE TOXICODPENDÊNCIA

A JCP/Gaia organiza este sábado à noite no Centro de Trabalho de Oliveira do Douro mais uma noite de convívio e debate. O debate tem como tema a toxicodpendência e como convidado o camarada Francisco Lopes.

Em Algés
quinta-feira, 18

DEBATE SOBRE SEGURANÇA SOCIAL

Maria do Carmo Tavares, dirigente da CGTP, é a convidada para este debate, a realizar no Palácio Ribamar, quinta-feira, 18, às 21h30.

Em Queluz
CONFERÊNCIA CDU

Com a participação de Lino Paulo, realiza-se hoje, às 21h30, no Salão Paroquial da Igreja de Monte Abraão, uma Conferência promovida pela CDU sobre o Plano Director Municipal do Concelho de Sintra.

Viana do Castelo

12, 13 e 14 de Julho

IX Feira das Velharias

no Ex-Pavilhão da Portucel (junto ao rio Lima)



BRIGADA JUVENIL SOLIDARIEDADE COM CUBA

UMA LUDOTECA PARA CUBA

Este ano, a brigada juvenil de solidariedade com Cuba, que decorrerá de 24 Julho a 13 de Agosto, oferecerá uma Ludoteca para as crianças da Província de Holguin.

Para isso estamos a recolher o material necessário, como livros, jogos, brinquedos, canetas, lápis de cor, etc.

Participa, entrega aqui o teu apoio, ou contacta-nos para a CASA DA PAZ
Rua Rodrigo da Fonseca,
56, 2º, 1250 - Lisboa
tel. 3863375



Carlos Carvalhas sobre o Movimento Associativo

O Secretário-geral do PCP profere, no próximo sábado, às 16h, no Centro de Trabalho Vitória, uma declaração sobre a situação e problemas do Movimento Associativo popular e as propostas do PCP, nomeadamente no domínio legislativo.

Carlos Carvalhas vai estar acompanhado por dirigentes do PCP e dirigentes associativos.

Reuniões e Assembleias

Cacilhas

Plenário da organização da freguesia para discussão de questões autárquicas, 20ª Festa do "Avante!" e situação política: hoje, quinta-feira, às 21h30, no CT Alberto Araújo, em Almada.

Cascais

Plenário de militantes da freguesia de Alcabideche, para discussão das conclusões da reunião do CC e Festa do Avante!: sábado, 13, a partir das 15h, no CT de Alcabideche.

Sardinhada-convívio na Lousã

No parque da Filarmónica Lousanense realiza-se, no próximo sábado ao fim da tarde, uma sardinhada-convívio durante a qual será evocado um facto marcante da história do PCP - o seu IV Congresso (II Illegal), realizado em 1946, clandestinamente, na vila da Lousã. A sardinhada será antecedida por um encontro, às 18h, no Centro de Trabalho, em que estará presente o camarada Dias Lourenço, um dos participantes do Congresso e que esteve ligado à região em várias etapas da luta clandestina.

Do Feijó para Peniche

O CT do Feijó está a organizar para o próximo dia 28 uma jornada de convívio em Peniche, com visita ao Forte e uma genuína caldeirada de Peniche no Centro de Trabalho do PCP. As inscrições podem ser feitas através dos tels. 2590820 e 2104058, depois das 21h.

Almoço e convívio no Cercal...

A Comissão de Freguesia do Cercal do Alentejo promove no próximo sábado um almoço-convívio na cantina da Escola. Estará presente o camarada Octávio Teixeira.

... e também em Algés

É também no próximo sábado que a Comissão de Freguesia de Linda-a-Velha promove no CT de Algés uma sardinhada, que será também oportunidade para trocar impressões sobre a situação política e as tarefas do Partido. As inscrições podem ser feita até hoje, quinta-feira.

II Acampamento pela Esquerda VILA DO PAUL SERRA DA ESTRELA DE 18 A 21 DE JULHO



INSCREVE-TE PELO TEL: 075-25031
OU PELO FAX 075-25032



Regiões Administrativas para Portugal DEBATES COM O PCP

Em BEJA

Sexta-feira, 12, às 21h30, no Auditório da Biblioteca Municipal de Beja e por iniciativa da DORBE do PCP, Luís Sá será o animador de um debate sobre a criação das Regiões Administrativas e sua incidência no Alentejo.

Loures

Plenário de militantes da organização de Santo António dos Cavaleiros sobre a situação política e objectivos e linhas de desenvolvimento da acção local do PCP e da CDU, com a participação do camarada Carlos Brito: no Pavilhão da Associação de Moradores, sexta-feira, 12, às 21h30. Plenário de militantes de Santa Iria da Azóia: sexta-feira, 12, às 21h30 no Centro de Trabalho local.

Sintra

Plenário de militantes da freguesia de S. João das Lampas, com a participação do camarada Jaime da Mata: sexta-feira, 12, às 21h30, no Centro de Trabalho local.

Em Festa!

Convívio de Pesca Desportiva

A Barragem Marechal Carmona, em Idanha-a-Nova, vai ser animada mais uma vez no próximo domingo com o Convívio de Pesca Desportiva que a Comissão Concelhia do PCP ali promove tradicionalmente. A concentração de participantes está marcada para as 7h30, junto ao dique, e 300\$00 é quanto custa a inscrição. Para o almoço está prevista uma sardinhada.

Torneio de Chinquillo na Gâmbia

Praticantes e aficionados do chinquillo têm encontro marcado no próximo domingo para um torneio que começa às 15h no Clube Desportivo, Cultural e Recreativo da Gâmbia.

Apresentação do

cadern Vermelh^o 2

Festa - Jantar

Terraço do Vitória - 12 Julho - 6ª - 20h

Comida Africana
Catchupa
Muamba

Música Africana
Música Portuguesa
Jazz
João Queiroz
Viola
Alexandre Simões
Sax



SECTOR INTELLECTUAL DE LISBOA DO PCP

TELEVISÃO

Quinta, 11

CANAL 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Cinzas
10.30 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.30 País Real
14.00 Clássicos da RTP
14.35 Herman Total
15.30 Infantil / Juvenil
16.20 Malha de Intrigas
17.45 Canal Aberto
19.10 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telejornal
20.50 Primeiro Amor
22.05 Maria Elisa
24.00 Ciclismo - Volta à França
00.10 24 Horas
00.25 RTP/Financial Times
00.40 Cláudia
(de Anwar Kawadri, Gr.-Br.-1985.
Melodrama)

CANAL 2

15.00 Voleibol de Praia
17.05 Ciclismo - Volta à França
18.00 Um, Dó, Li, Tá
18.40 Caderno Diário
18.50 Magazine «Ver Artes»
19.35 TV Nostalgia: «Colditz»
20.30 A Última Fronteira
21.05 «Watergate»
22.05 Acontece
22.20 RTP/Financial Times
22.30 Jornal 2

Sexta, 12

CANAL 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.40 Cinzas
10.30 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.30 País Real
14.00 Clássicos da RTP - «Os
Andrades»
14.30 Quem é o Quê?
15.40 Infantil / Juvenil
16.30 Malha de Intrigas
17.45 Canal Aberto
19.10 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telejornal
20.50 Primeiro Amor
22.05 A Mulher do Sr. Ministro
22.40 Tartarugas Ninja
(de Steve Barron, EUA-1990. Acção /
Fantástico)
00.10 Ciclismo - Volta à França
00.20 24 Horas
00.35 RTP/Financial Times
00.50 Missão Contacto

CANAL 2

15.00 Voleibol de Praia
17.00 Notícias
17.05 Ciclismo - Volta à França
18.00 Um, Dó, Li, Tá
18.45 Caderno Diário
18.50 Máquinas
19.25 TV Nostalgia - «5ª
Dimensão»
20.30 A Par e Passo

Sábado, 13

CANAL 1

08.00 Sempre a Abrir
12.15 Cybermaster
12.45 Jornal da Tarde
13.00 Fórmula 1: GP da Grã-
-Bretanha
14.00 Top +
15.15 Beverly Hills
16.15 Dinossaurius
(de Brett Thompson, EUA-1990.
Infantil / Fantasia)
18.00 86-60-86
18.50 Clube dos Totalistas
20.00 Telejornal
21.00 Primeiro Amor
21.50 Parabéns
00.20 Ciclismo - Volta à França
00.30 24 Horas
00.50 Corrida Contra o Futuro
(de Geoff Murphy, EUA-1992, com
Emilio Estevez, Anthony Hopkins.
Ficção Científica)
02.35 A Marcha da Revolta (de
Martin Sheen, EUA-1990, com
Charlie e Martin Sheen. Drama /
Guerra)

CANAL 2

09.00 Universidade Aberta
12.00 Fórum Musical
12.50 Parlamento
14.00 Euronews
15.00 Desporto 2
19.10 7ª W
19.45 Como Sobreviver a um

Domingo, 14

CANAL 1

08.00 Sempre a Abrir
12.00 NBA
12.30 Sem Limites
13.00 Jornal da Tarde
13.15 Alta Voltagem
13.45 Fórmula 1 - GP da Grã-
-Bretanha
16.00 Made in Portugal
17.15 Desenhos Animados
17.45 100% Natural
18.15 Portugal ao Desafio
19.10 Casa Cheia
20.00 Telejornal
20.45 Enviado Especial
21.15 Primeiro Amor
21.50 Domingo em Cheio
23.05 24 Horas
23.30 Fórmula 1 - GP da Grã-
-Bretanha
23.45 Fuga e Regresso
(de Dick Clement, Gr.-Br.-1979.
Comédia)

CANAL 2

09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 70 x 7
10.30 Missa
11.30 O Homem e a Cidade -
«Falal»
11.50 Euronews
13.00 Coleção Platinum
14.00 Uma Cidade, Dois Mundos
15.00 Campos de Fogo

Segunda, 15

CANAL 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Vizinhos
09.40 Cinzas
10.30 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.30 País Real
14.00 Clássicos da RTP:
«Clubíssimo»
15.10 Marco Paulo
16.25 Infantil/Juvenil
17.15 Notícias 1
17.20 Malha de Intrigas
17.45 Canal Aberto
19.10 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telejornal
20.50 Primeiro Amor
22.05 Queridas e Maduras
22.40 O Renegado
23.40 Ciclismo: Volta à França
23.50 24 Horas
00.05 RTP / Financial Times
00.20 Perigo e Paixão no Extremo
Oriente
(de John Duigan, Austrália-1982.
Acção / Aventuras)

CANAL 2

17.00 Notícias
17.10 Huckleberry Finn
17.40 Um, Dó, Li, Tá
18.35 Caderno Diário
18.40 Rotações
19.15 Remate
19.30 TV Nostalgia
- «Os Vingadores»
20.35 Civilizações Perdidas
21.35 Rumo à Lua

Terça, 16

CANAL 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.40 Cinzas
10.30 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.30 País Real
14.00 Clássicos da RTP:
«Lá em Casa Tudo Bem»
14.30 Todos ao Palco
15.55 Infantil / Juvenil
16.50 Malha de Intrigas
17.45 Canal Aberto
19.10 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telejornal
20.50 Primeiro Amor
22.05 Jogos Sem Fronteiras
23.35 Ligações Perigosas
00.55 24 Horas
01.05 RTP / Financial Times
01.20 Um Verão Perigoso
(de Quentin Masters, Austrália-
1981. Drama)

CANAL 2

17.00 Notícias
17.10 Huckleberry Finn
17.40 Um, Dó, Li, Tá
18.35 Caderno Diário
18.40 Rotações
19.15 Remate
19.30 TV Nostalgia
- «Os Vingadores»
20.35 Civilizações Perdidas
21.35 Rumo à Lua

Quarta, 17

CANAL 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.40 Cinzas
10.30 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.30 País Real
14.00 Clássicos da RTP:
«Canto Alegre»
14.50 Uma Promessa de Amor
15.30 Infantil / Juvenil
16.50 Malha de Intrigas
17.45 Canal Aberto
18.50 Pedra Sobre Pedra
19.45 Vamos Jogar no Totobola
20.00 Telejornal
20.50 Primeiro Amor
22.05 Todos ao Palco
23.15 Herman Total
00.15 Virus Assassino
01.20 24 Horas
01.45 RTP / Financial Times
01.55 Lena's Holiday
(de Michael Keuch, EUA-1990.
Comédia)

CANAL 2

17.00 Notícias
17.10 Huckleberry Finn
17.40 Um, Dó, Li, Tá
18.35 Caderno Diário
18.40 Olho Clínico
19.20 Remate
19.35 TV Nostalgia-
«Eu, Cláudio»



«Histórias de Arrepiar» em série, recheadas de estrelas e heróis: a partir de segunda-feira na SIC

Os Jogos Olímpicos, que decorrem de 19 de Julho a 4 de Agosto, já animam todos os canais

Nabucco, a famosa ópera de Verdi, encenada e filmada no Teatro de S. Carlos, sábado na RTP2

«As Viagens de Gulliver» agora também em série para televisão, com Ted Danson no protagonista: terça, na SIC

Boa música de todos os géneros no «Planeta Música»

23.10 Os Destemidos
(de Henri Verneuil, Fr.-1984, com
Jean-Paul Belmondo, Marie Laforêt.
Aventuras)
00.50 Planeta Música: «Ritmos do
Mundo»

SIC

10.30 Dias Felizes
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.00 Ponto de Encontro
15.00 Os Donos do Jogo
15.30 Notícias
15.45 Buêrére
17.40 Renascer
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.45 Explode Coração + História
de Amor
22.00 Os Trapalhões
22.30 Marina, Dona Revista
23.30 Grande Reportagem
00.35 Último Jornal
00.50 Verdes Anos
01.50 Sonhar Acordado
02.30 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Dez Prá Uma
13.30 Jornal da Uma
14.20 A Fúria do Destino
14.55 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 A Menina Prodigio
18.35 Marés Vivas
19.30 Novo Jornal
20.10 Negócios em Dia
20.30 Ninho de Cucos
21.30 Martin
22.00 As Aventuras
de Ned Blessing
23.50 TVI Jornal
00.20 Fora de Jogo
00.30 Jornal do Mundo
01.00 A Balada de Hill Street

21.05 Musical: «The Queen
Fenomenal»
22.00 Acontece
22.20 RTP/Financial Times
22.30 Jornal 2
23.10 Cyrano
00.55 Planeta Música: «The
Boston Pops Orchestra»

SIC

10.30 Dias Felizes
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 O Juiz Decide
14.00 Verdes Anos
15.00 Os Donos do Jogo
15.30 Notícias
15.45 Buêrére
17.40 Renascer
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.45 Explode Coração + História
de Amor
22.00 Os Malucos do Riso
22.30 Sim ou Não
23.30 A Noite da Má Língua
00.30 Donos da Bola
01.35 Último Jornal
01.50 Playboy
02.50 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Dez Prá Uma
13.30 Jornal da Uma
14.20 A Fúria do Destino
14.55 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 A Menina Prodigio
18.35 Marés Vivas
19.30 Novo Jornal
20.10 Negócios em Dia
20.30 O Poder da Lei
21.30 Doido por Ti
22.00 As Aventuras
de Ned Blessing
23.50 TVI Jornal
00.20 Fora de Jogo
00.30 Booker

Coração Despedaçado
(de Paul Rubem, Hol.-1991. Drama)
21.10 Semana ao Sábado
22.00 Notícias 2
22.05 Um Homem em Casa
22.35 Figuras de Estilo
23.35 Ópera: «Nabucco»

SIC

08.30 Buêrére
12.00 O Mundo dos Animais
13.00 Primeiro Jornal
13.30 Tostões e Milhões
14.00 Malhação
15.00 Portugal Radical
15.30 A Leste do Paraíso
16.50 Médicos Sem Fronteiras
17.40 Físt
20.00 Jornal da Noite
20.45 Clube VIP
21.20 Vira Lata
22.30 Big Show Sic
01.00 Último Jornal
01.20 A Charada da Morte
(de Herbert Ross, EUA-1973, com
James Coburn, James Mason,
Raquel Welch. Ver Destaque)

TVI

09.40 Animação
12.00 Novos Ventos
13.00 Contra-Ataque
14.15 Troféu Carina
14.30 Odisseia Submarina
15.30 Ténis
16.00 O Ataque dos Tomates
Assassinos
(de John De Bello, EUA-1977.
Comédia / Terror)
18.00 California Dreams
18.30 Os Novos Intocáveis
19.30 Telejornal
20.30 Babylon 5
21.30 As Aventuras
de Ned Blessing
23.30 Últimas Notícias
23.50 Ginger e Fred
(de Federico Fellini, com Marcello
Mastroianni, Giulietta Massina. Ver
Destaque)

16.00 Desporto 2
19.45 Planeta Música - Plácido
Domingo em Praga
20.25 Encontros Imperfeitos
(de Jorge Marecos Duarte, Port.-
1992, com Diogo Infante, João
Perry. Ver Destaque)
22.05 Bombordo
22.50 Tauromaquia

SIC

08.30 Buêrére
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
13.30 Internacional Sic
14.00 Malhação
15.20 Portugal Radical
15.55 Bruce Lee
16.15 Guerra dos Mundos
17.15 Walker, o Ranger do Texas
18.15 O Papá Fantasma
(de Sidney Poitier, EUA-1990.
Comédia Fantástica)
20.00 Jornal da Noite
20.45 Vira Lata
22.00 Pensão Estrela
22.30 Que Paródia de Férias - II
(de Amy Heckerling, EUA-1985.
Comédia)
00.35 Último Jornal
00.50 Justiça de Cahill
(de Andrew V. McLaglen, EUA-
1973, com John Wayne. «Western»)

TVI

09.40 Clube da Manhã
12.00 Missa
13.30 O 8º Dia
14.25 Portugal Português
16.00 Dezembro Quente
(de Sidney Poitier, EUA-1973, com
Sidney Poitier, George Baker.
Drama)
18.15 Desafios
18.35 Adultos à Força
19.30 Telejornal
20.15 Confissões de Adolescentes
20.50 Melrose Place
21.45 Inês de Castro
(de Leitão de Barros, Port.-1945,
com António Vilar, João Villaret.
Drama)
00.25 Últimas Notícias

19.35 TV Nostalgia: «A Jóia da
Coroa»
20.30 Foyer: «A Europa do
Cinema» (3)
21.35 O Dinheiro Não Dorme
22.05 Acontece
22.30 Jornal 2
23.10 Negros Hábitos
(de Pedro Almodovar, Esp.-1984,
com Carmen Maura, Marisa
Paredes. Ver Destaque)
00.45 Planeta Música - Árias
de Ópera

SIC

09.00 Os Conquistadores
09.30 Buêrére
11.00 Olimpíadas Radicais
11.40 As Receitas do Dia
12.10 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Os Imortais
15.00 Buêrére
17.25 Notícias
17.40 Renascer
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.45 História de Amor
21.50 Al, os Homens!
23.30 As Viagens de Gulliver
00.35 Último Jornal
00.50 Especialmente ao Domingo
(de vários, Itália-1991, com
Philippe Noiret, Bryuno Ganz. Ver
Destaque)
02.50 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Dez Prá Uma
13.30 Jornal da Uma
14.25 A Fúria do Destino
14.55 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 A Menina Prodigio
18.35 Marés Vivas
19.30 Novo Jornal
20.10 Negócios em Dia
20.30 Picket Fences
21.30 Frasier
22.00 Sexo e Crime
(de John Herzfeld, EUA-1993.
Telefilme)
23.50 TVI Jornal
00.20 Fora de Jogo
00.30 Jornal de Negócios
01.00 Os Mistérios de Bill Cosby

22.05 Acontece
22.20 RTP / Financial Times
22.30 Jornal 2
23.10 Que Fiz Eu para Merecer
Isto?
(de Pedro Almodovar, Esp.-1985,
com Carmen Maura. Ver Destaque)
01.40 Planeta Música - Jazz

SIC

09.00 Os Conquistadores
09.30 Buêrére
11.00 Olimpíadas Radicais
11.40 As Receitas do Dia
12.10 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Os Imortais
15.00 Buêrére
17.25 Notícias
17.40 Renascer
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.45 História de Amor
21.50 Al, os Homens!
23.30 As Viagens de Gulliver
00.35 Último Jornal
00.50 Especialmente ao Domingo
(de vários, Itália-1991, com
Philippe Noiret, Bryuno Ganz. Ver
Destaque)
02.50 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Dez Prá Uma
13.30 Jornal da Uma
14.25 A Fúria do Destino
14.55 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 A Menina Prodigio
18.35 Marés Vivas
19.30 Novo Jornal
20.10 Negócios em Dia
20.30 Picket Fences
21.30 Frasier
22.00 Sexo e Crime
(de John Herzfeld, EUA-1993.
Telefilme)
23.50 TVI Jornal
00.20 Fora de Jogo
00.30 Jornal de Negócios
01.00 Os Mistérios de Bill Cosby

20.30 Lendas e Narrativas
21.10 Sinais do Tempo
22.05 Acontece
22.20 RTP / Financial Times
22.30 Jornal 2
23.10 A Lei do Desejo
(de Pedro Almodovar, Esp.-1987,
com Antonio Banderas, Carmen
Maura. Ver Destaque)
00.35 Planeta Música: «Beat
Special»

SIC

09.00 Os Conquistadores
09.30 Buêrére
11.00 Olimpíadas Radicais
11.40 As Receitas do Dia
12.10 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Os Imortais
15.00 Buêrére
17.25 Notícias
17.40 Renascer
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.45 História de Amor
21.45 Barba e Cabelo
22.30 Comédia da Vida Privada
23.35 Último Jornal
23.50 Toda a Verdade
00.50 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Dez Prá Uma
13.30 Jornal da Uma
14.25 A Fúria do Destino
14.55 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 A Menina Prodigio
18.35 Marés Vivas
19.30 Novo Jornal
20.10 Negócios em Dia
20.30 Os Julgamentos
de Rosie O'Neil
21.30 Competente e Descarada
22.00 O Meu Chauffeur
(de Daniel Beird, EUA-1986.
Comédia)
24.00 TVI Jornal
00.30 Fora de Jogo
00.40 Quase Modelo,
Quase Detective

TELEVISÃO

Por isto e por aquilo...

Ginger e Fred

(Sábado, 23.45, TVI)

Um antigo e medíocre par de artistas de variedades encontra-se após uma separação de vinte anos durante um grande espectáculo de Natal na televisão no qual retomam o seu antigo número de sapateado imaginado à imagem de Ginger Rogers e Fred Astaire... Pode ser assim, aparentemente simples, a superficial descrição do argumento deste filme de mestre Fellini. Mas é preciso dizer-se que o grande cineasta aproveita esta história para desancar impiedosamente a televisão dos nossos dias, o carácter efémero e destruidor das suas imagens, dos seus sons, das suas palavras, e a obscena alienação que quotidianamente provoca. Com duas soberbas interpretações de Giulietta Massina e Marcello Mastroianni, *Ginger e Fred* é um filme a não perder.

A Charada da Morte

(Sábado, 01.20, SIC)

Dirigida com evidente sabedoria e eficácia por Herbert Ross, *A Charada da Morte* conta-nos uma história (digna do género de romances policiais de Agatha Christie) em que um produtor cinematográfico pretende descobrir quem assassinou a sua mulher e, para tal, convida um punhado de amigos chegados, todos eles com a particularidade de terem motivos para o crime. Entre eles, figuram (na pele de adequadíssimas personagens) James Coburn, James Mason, Dyan Cannon ou Raquel Welch, todos visivelmente gozando com a história em que estão metidos.

Encontros Imperfeitos

(Domingo, 20.25, RTP2)

Estreia do realizador Jorge Marecos Duarte no cinema de ficção, este filme explora a atmosfera do *thriller* ao contar-nos os rumos dos encontros e desencontros entre um homem e uma mulher que tentam compreender o passado. Como pano de fundo, há ainda uma perseguição que lhes é feita por um bando de criminosos que tentam eliminar o primeiro, porque este havia sido testemunha de um assassinato político. Com Paula Guedes, Diogo Infante e João Perry.

Negros Hábitos

(Segunda, 23.10, RTP2)

Mais uma vez os temas caros ao espanhol Almodóvar que vamos encontrar em um dos seus primeiros filmes agora trazido ao circuito internacional na esteira das suas mais recentes e melhores obras que



Federico Fellini, realizador de «Ginger e Fred», com Giulietta Massina e Marcello Mastroianni

lhe trouxeram fama e proveito. O "profano" e o "sagrado" (para sermos parcimoniosos) coabitam por entre os muros austeros de um velho convento de freiras...

Que Fiz Eu Para Merecer Isto?

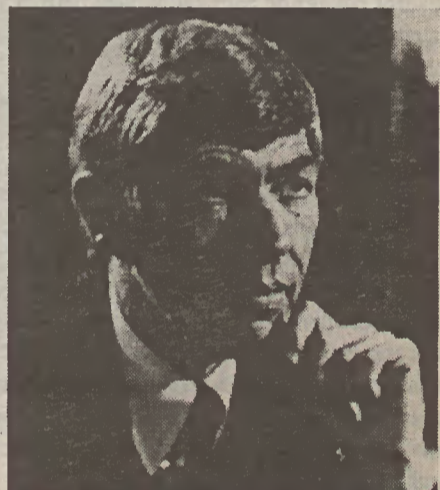
(Terça, 23.10, RTP2)

Este é, sem dúvida, o título que projectou o nome de Almodóvar para os píncaros da fama internacional - na sua qualidade de realizador que sabia associar a circunstância, exótica, de transportar consigo a «raça espanhola», de mistura com o talento, a inteligência e a oficina suplementar de saber fazer filmes que, ao mesmo tempo, eram intervenientes e inteligentes e que apeteia às pessoas (muitas e de várias culturas e paragens) ver e rever. Coisa que não é de pouca monta. Aqui, o realizador encena uma comédia negra sobre as aventuras e des-

Se tudo correr como anunciado, começa segunda-feira, na RTP2, um ciclo dedicado ao cineasta espanhol Pedro Almodóvar e no qual uma das principais actrizes é Carmen Maura



James Coburn, James Mason e Raquel Welch, intérpretes principais de «A Charada da Morte» de Herbert Ross



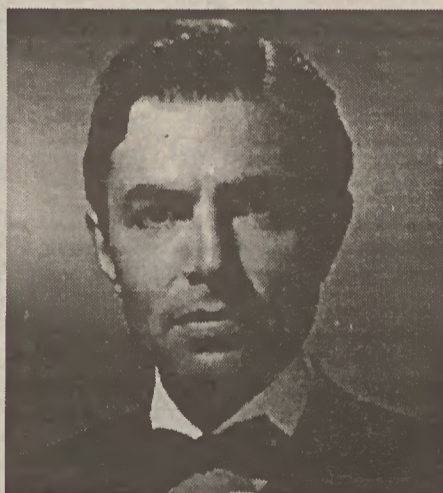
Qualidade para vastas audiências(?!)

Sob o título em epígrafe - a que evidentemente acrescentámos um parêntesis com um ponto de interrogação e outro de exclamação lá dentro - publicava o número 0 de um nova revista sobre «cinema na televisão» entrevistas com os responsáveis pela programação dos quatro canais de televisão nacionais, entre os quais Joaquim Vieira, um dos novos dirigentes da RTP. Nessa entrevista, entre outras coisas, afirmava o referido responsável: «Sendo um canal dirigido ao grande público, a RTP 1 procura uma programação de cinema atractiva aos olhos da maioria e, ao mesmo tempo, respeitadora de padrões de qualidade. (...) O serviço público cumpre-se na exibição de filmes de qualidade para vastas audiências, habituando o público a padrões exigentes de selecção cinematográfica. (...) A RTP 1 procurará associar algumas películas por afinidade temática ou outra, de modo a dar um fio condutor à sua programação cinematográfica e contribuir para a compreensão do fenómeno filmico por parte dos espectadores.»

Bastaria olhar para os filmes esta semana oferecidos pela RTP 1 para chegar à conclusão de que aquela que, em tempos, foi uma das melhores estações de televisão da Europa neste domínio, está hoje em dia pelas ruas da amargura - com tudo o que isso acarreta de desprestígio para o serviço público de TV. De facto, nenhuma

das afirmações acima citadas pode corresponder à realidade, mesmo usando um critério extremamente lato e benevolente em matéria de qualidade. Quem conhece produtos de quinta categoria como *Cláudia, Perigo e Paixão no Extremo Oriente*, *Um Verão Perigoso* ou *Lena's Holiday* (cuja tradução nem sequer é fornecida) ou «realizadores» como Anwar Kawadri, John Duggan, Quentin Masters ou Michael Keuch para apenas referir alguns dos produtos e seus mixórdios oferecidos esta semana? E que «afinidade temática» digna de um serviço público é aquela que caracteriza a normal escolha da violência mais imbecil e sanguinolenta e do sexo mais ordinário que costuma abrilhantar os filmes transmitidos em final de emissão, quer na modalidade *Última Sessão*, *Sessão Dupla* ou *Pancada de Meia Noite* quer na modalidade de «enchidos» *Pela Noite Dentro* (ou qualquer coisa do género) praticada de sábado para domingo até ao início do Verão? E que dizer das constantes alterações, mesmo à programação da RTP 2, como aconteceu com um ciclo sobre a II Guerra Mundial há algumas semanas transmitido à revelia das informações sobre a programação mensal destinadas à imprensa?

Programação respeitadora de «padrões exigentes de selecção cinematográfica»? Não nos façam rir!



aventuras de uma dona de casa. Com Carmen Maura, pois claro!

Especialmente ao Domingo

(Terça, 00.50, SIC)

Com o especial interesse de alguns dos seus realizadores pertencerem ao primeiro plano do cinema italiano (como, por exemplo, Giuseppe Tornatore), trata-se de um filme em quatro episódios que, em geral, se debruçam sobre as várias formas de enfrentar a vida e os problemas do quotidiano. Nos primeiros papéis o destaque vai



para Philippe Noiret, Ornella Mutti e Bruno Ganz. Datado de 1991 e desconhecido entre nós no circuito comercial, *Especialmente ao Domingo* é um filme a descobrir.

A Lei do Desejo

(Quarta, 23.10, RTP2)

Partindo de um gozo intenso, feito de exagerados absurdos, aos melodramas à maneira de Hollywood, Pedro Almodóvar aborda aqui (neste terceiro filme do ciclo que a RTP2 lhe dedica) a história de um triângulo homossexual numa atmosfera de tragicomédia surreal. E, como em outros filmes-chave do realizador espanhol, Carmen Maura (essa excelente actriz espanhola que faz lembrar, pela originalidade e raça das personagens que cria, uma Anna Magnani dos anos 80) é muito bem acompanhada por um cast adequadíssimo, aqui com Antonio Banderas em primeiro plano, no papel do filho de um ministro, e, ainda, por Eusebio Poncela, o realizador por quem aquele se apaixona. Um filme que, evidentemente, requer a predisposição do espectador para o choque e a provocação de algumas cenas.

TELEVISÃO

Flores e passarinhos

■ Francisco Costa

Ao contrário do que o título possa sugerir, não se trata aqui de fazer a análise de um qualquer programa para donas de casa sobre arranjos de centros de mesa; ou, mesmo, da referência a uma eventual receita que o jeitoso apresentador do programa de culinária da SIC tenha apresentado nos últimos tempos. Não. Trata-se tão-só de já ser tempo de dizer bem da televisão. Daí a bonomia, e ao mesmo tempo o bucolismo, de tão lusitana expressão.

Claro que, antes disso, há que referir uma ocorrência com a qual bem gostaria de não ter topado, o que me permitiria poder levar sem desvios, até ao fim, os louváveis propósitos referidos no parágrafo anterior. Mas não é que, para fugir a uma mistela qualquer, fui buscar refúgio à RTP 2 no passado Domingo e dei comigo a ver e ouvir um concerto realizado durante o 12º Concurso de Piano da Cidade do Porto? Ora bem! Antes não tivesse ficado por lá! Mas que querem? Eu até gosto de música!

Um «serviço público» envergonhado

Nos tempos em que a RTP não tinha vergonha de se assumir como verdadeiro «serviço público», de vez em quando até transmitia através da «Eurovisão» - em directo ou em diferido - concertos musicais realizados por estações de televisão estrangeiras, na sua esmagadora maioria «serviços públicos» congéneres pertencentes a países europeus e não só. Por outro lado, se bem que com muito menor frequência (sempre houve, em todos os tempos, quem lhe apetecesse puxar da pistola face a eventualidades destas), também a RTP por vezes se atrevia a mandar um carro de exteriores a uma sala de concertos ou a um teatro para gravar música de câmara ou música sinfónica e até, imagine-se!, bailado ou ópera. Eram, também estes, tempos em que a RTP, apesar de tudo, punha a funcionar os seus meios de produção e dava trabalho aos profissionais que tinha nos seus quadros em vez de entregar de mão beijada aos produtores externos o grosso de uma programação nacional indigente e remeter aqueles para as prateleiras.

Gostaria, entretanto, de perguntar aos leitores que têm a possibilidade e a felicidade de frequentar o teatro, a ópera ou as salas de concertos, quantas vezes olharam em volta e sentiram esta coisa tão familiar em plateias de outros países - pertencentes, como o nosso, à União Europeia - que é verem por lá carros de exteriores e câmaras de televisão? Ou então, perguntar aqueles que não se encontram neste grupo (portanto, à esmagadora maioria dos portugueses) se terão muitas vezes visto compensada essa impossibilidade com a felicidade de se sentirem regularmente contemplados, na programação da mesma RTP, com os reflexos positivos dessa eventual presença? Não é preciso ser adivinho para saber o sentido dessa resposta: raríssimas ou nenhuma vez!

Realização televisiva e pedagogia musical

O problema é que este afastamento e esta ausência sistemática dos nossos profissionais em relação a acontecimentos deste tipo lhes emperra a desenvoltura e lhes cria uma progressiva falta de habituação, cada vez mais traduzida na incapacidade de encarar, com naturalidade e adequado profissionalismo, estes contextos de realização e transmissão para eles cada vez mais raros, quando não completamente novos. É, portanto, tendo em conta esta lamentável e inadmissível situação (da exclusiva responsabilidade dos altos responsáveis pela RTP ao longo dos últimos anos), e procurando exprimir a maior compreensão pelo trabalho e pela dedicação profissional que não se duvida tenha sido posta em prática, que não podemos deixar de considerar francamente negativa e por vezes roçando o mais ridículo analfabetismo musical a transmissão do referido concerto.

Entendamo-nos. A estrutura formal de tal ou tal peça a transmitir pela televisão deve preferencialmente corresponder uma adequada noção de estrutura formal que presida à sua realização. Se o compositor imaginou a construção da sua obra a partir de temas musicais e seus desenvolvimentos; se, em termos de dinâmica, ele dividiu a obra em vários andamentos com carácter diverso (dando-lhes nomes como *Allegro*, *Andante*, *Adagio*, *Presto*, etc., etc.) ou, mesmo no âmbito de um dado andamento, decidiu inserir cortes ou derivações, aceleramentos ou retardamentos, na sua cadência inicial; se (no caso de uma obra de câmara ou sinfónica) ele atribuiu a música que escreveu a diversos instrumentos, isoladamente considerados ou globalmente agrupados nos naipes de uma orquestra; se, para além disso, ele chegou ao ponto de incluir na partitura referências quanto à expressividade ou intensidade da interpretação (*forte*, *piano*, *con brio*, *con passione*, etc. etc.) - se ele fez isso tudo, então é evidente que os intérpretes musicais dessa obra, seguindo com maior ou menor liberdade e criatividade essa estrutura

e essas indicações, deverão aproximar-se o mais rigorosamente possível da concepção original do compositor.

Praticamente pelas mesmas razões, a realização televisiva de uma obra musical deve também ela procurar respeitar essa estrutura e essas indicações, sob pena de atraícoar ou contrariar (no acto da sua tradução em imagens) a própria arquitectura da obra. Mais

importante, ainda, essa realização deve ser arquitectada com tal rigor que, de preferência mal se dando por ela, afinal seja capaz de nos ajudar a compreender a própria construção da música e de melhor nos guiar na sua audição: no realce dos vários temas expostos ou desenvolvidos; no sublinhar dos contracantos de outros instrumentos à melodia principal a cargo de um instrumento solista; na atenção e sincronismo face às sucessivas entradas de diferentes naipes; no realce do confronto ou do diálogo entre diferentes secções da orquestra; na escolha de tal ou tal plano ou de tais ou tais sequências de planos enquanto tradução por imagem de tal ou tal passagem musical que regularmente se repita; na parcimoniosa mudança de câmara através de *cut* (quando o andamento é rápido) ou em *mixing* (quando o andamento é lento); enfim, na escolha adequada da escala dos planos e do contraste entre eles. Isto é ponto assente, há muitos e muitos anos, em relação a qualquer transmissão a que assistamos, seja ela proveniente da BBC ou da ORF ou da NOS ou da TVE! Mas claro que tal só é possível concretizar-se quando o responsável pela realização, para além do indispensável e natural domínio da técnica televisiva, tem conhecimentos musicais ou quando tem a humildade e a inteligência de saber rodear-se do apoio de especialistas. E aceitá-lo.

Um resultado desastroso

A este respeito, o que se passou durante a transmissão das provas finais, para piano e orquestra, do referido 12º Concurso

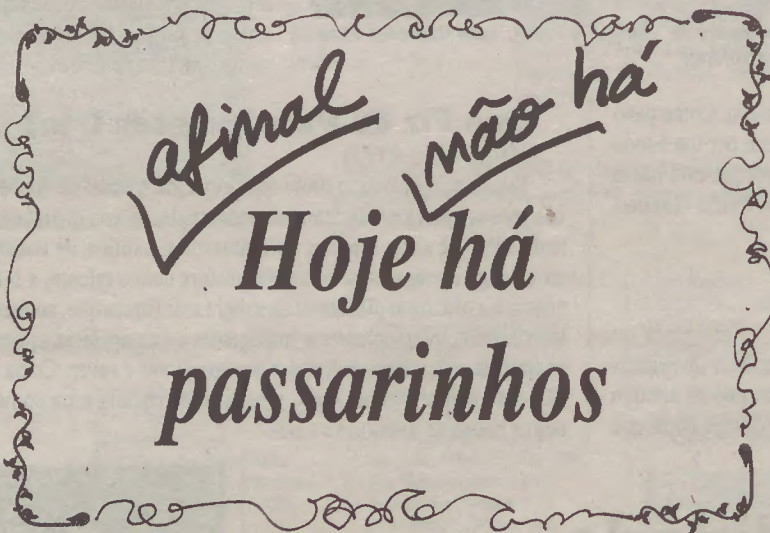
de Piano da Cidade do Porto foi a todos os títulos confrangedor - e não me refiro sequer ao facto, por toda a gente notado com estupefacção, de que raramente se conseguia arranjar um plano em que não entrassem de chapa, pela câmara dentro, os projectores da iluminação! O problema maior residiu na própria concepção da planificação e realização.

Tendo à sua disposição seis câmaras, o realizador resolveu atribuir duas ao piano - uma perpendicular ao teclado, que lhe permitia ir desde o *grande plano* das mãos até ao *plano americano* ou *geral-apertado* do solista e outra colocada do lado da cauda do instrumento que abarcava desde a focagem em *grande plano* do rosto até um *plano* quase *geral* do piano com orquestra - e as restantes quatro à orquestra, dedicando três à captação em planos de várias escalas de diferentes zonas da orquestra (primeiros e segundos violinos; violas, violoncelos e contrabaixos; e madeiras e metais - desde o *plano próximo* ao *plano de conjunto*) e ainda uma quarta num ângulo menos frontal que conseguia também apanhar, para além de uma outra zona da orquestra, o próprio maestro, agora menos de esguelha, mas sem lograr escapar ao contra luz!

Independentemente da mais ou menos feliz localização das câmaras e das próprias características (eventualmente traiçoeiras) da sala onde o concerto se realizou, este dispositivo era «teoricamente» adequado às circunstâncias - mas de um ponto de vista preguiçoso, já que se destinava meramente a que o realizador nunca fosse surpreendido pela inadvertida captação de um instrumentista ou grupo de instrumentistas apanhados a não tocar! Quer dizer, desde que houvesse boneco a mexer e música a ouvir-se, não haveria azar! Assim, o sistema em geral utilizado era este: ir mandando fazer *zoom* para trás e para diante («no ar» ou «fora do ar») a cada um dos operadores de câmara e ir alternando a entrada da sua câmara um pouco à medida das necessidades, mas sem que um qualquer *critério musical* se sentisse perfeitamente assumido. Não porque estivesse ausente da *régie* (iria jurar que estava presente) um assistente musical - porque, por vezes, a mudança das câmaras conseguia mascarar o acompanhamento da evolução das incidências da partitura - mas,

sobretudo, porque o realizador terá entendido que era rei e senhor naquele posto, postura que, regra geral, costuma dar mau resultado.

Ora qui está como as melhores e mais louváveis intenções podem sair frustradas. Enfim, do mal o menos: a RTP 2 fez-nos ver e ouvir música clássica tocada em Portugal, coisa que não pode deixar de se saudar e aplaudir, pela raridade do evento. O que agora se espera ardentemente é que, embora com a participação de finalistas e premiados estrangeiros, este programa jamais seja enviado para a Eurovisão e apenas sirva para consumo interno. Como costuma dizer-se: com os nossos males pode a gente bem!



Afina!...

Afinal, reparo agora que já não me sobra espaço para vos falar do que aqui inicialmente me trazia: dar-vos conta de duas séries documentais notáveis cujo visionamento vivamente aconselho, uma no campo da Música, outra no campo do Cinema, e ambas transmitidas também na RTP 2, o canal da nossa conjuntural salvação. No primeiro caso está «Contos da Ópera», apresentada por Plácido Domingo, no seu melhor plano, fora do contexto mais mercantil dos «três tenores»; no segundo caso, conta-se uma série admirável, em tempos completamente desprezada pela estação na constante alteração de horários e supressão ou adiamento de episódios, e que dá pelo nome de «A Europa do Cinema» - uma exaustiva abordagem e análise, a cargo de reputados especialistas, da História da grande Arte cinematográfica europeia. A não perder!

ESCAPARATE

EXPOSIÇÕES



«Ninguém será submetido a torturas nem a penas ou tratos cruéis, inhumanos e degradantes» - Ilustração de Manuel San Payo

30 Direitos - 30 Artistas

Numa iniciativa da Secção Portuguesa da Amnistia Internacional, com o apoio da Câmara Municipal de Loures, está patente ao público no Centro Cultural da Malaposta, desde o passado dia 2 de Julho até ao próximo mês de Setembro, uma exposição de ilustrações de 30 artistas plásticos portugueses de várias tendências estéticas correspondentes aos 30 artigos que constituem a «Declaração Universal dos Direitos Humanos», proclamada em 10 de Dezembro de 1948 pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Uma iniciativa tão interessante quanto importante, já que, nas palavras de Demétrio Alves, Presidente do Município de Loures (que extraímos do Livro de Ilustrações editado a propósito), «perante o recrudescimento da indiferença sobre os fenómenos de

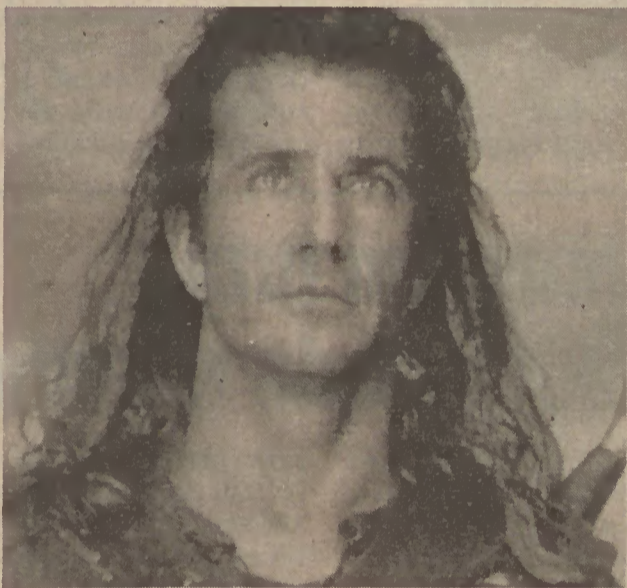
violação dos direitos humanos, é importante a divulgação da declaração da ONU, tendo-se em vista a institucionalização de uma pedagogia para e pelos Direitos do Homem na construção de uma nova ordem social que novamente se revela como urgente».

CINEMA

«Drive» nos arredores de Lisboa

Numa época em que o calor aperta cada vez mais e é desperdiçar tempo e meninge ficar em casa agarrado a televisão, não há nada como tele-

Centro Comercial «Pingo Doce», onde todas as noites, pelas 22 horas, estão este mês a ser projectados filmes diferentes, alguns deles bem

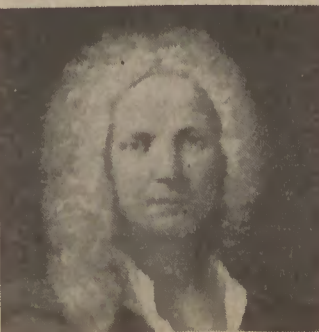


«Braveheart», de Mel Gibson

fonar à namorada, sair e apagar ar. Se, neste caso, quiser também aproveitar a saída para ao mesmo tempo ver cinema, sem sair do automóvel, temos um sítio para lhe aconselhar. É o «Drive In», uma iniciativa da Câmara de Loures, situado próximo do estacionamento do

recentes, a saber: dia 11, «Braveheart»; 12, «Fim-de-Semana em Família»; 13, «Cinco Dias, Cinco Noites»; 14, «A Sombra do Caçador»; 15, «O Mundo Perfeito»; 16, «Poderosa Afrodite»; 17, «Blade Runner»; e 18, «Casablanca».

CLASSICA



Vivaldi (1678-1741) e Poulenc (1899-1963)



Chega ao fim o Festival de Almada

Com direcção de Joaquim Benite e apoio do Município de Almada, chega esta semana ao seu término o reputado 13º Festival de Teatro de Almada. É precisamente a Companhia de Teatro desta cidade que hoje começará esta ronda final com «Razões e Corações» («Auto da Índia» e «Farsa dos Físicos»), de Gil Vicente, às 20 horas, na Nimbus-Portugal; também hoje, mas às 22 horas, na Escola D. António da Costa, o grupo Axioma (Andaluzia) apresentará «Simplesmente Não», um espectáculo baseado em textos bíblicos; dias 12 e 13, às 19.30 horas, no Teatro Municipal, «Prometeu - Ras-cunhos», de Jorge Silva Melo, pelo grupo Artistas Unidos; dia 12, 22 horas, na Escola D. António da Costa, «Romeu», Versão Montecsa da Tragédia de Verona, em tradução e adaptação de Julio Salvatierra, pelo Teatro Meridional (Lisboa); dia 12, 24 horas, «Os Piratas», de Carlos J. Pessoa, pelo Teatro da Garagem (Lisboa) na Casa da Cerca; dia 13, 19 horas, «A Noite de Molly Bloom», a partir de James Joyce, numa adaptação de J. S. Sinisterra (intérprete: Natália Luiza), pelo Teatro Meridional, na Escola D. António da Costa; dia 13, 24 horas, na Casa da Cerca, «Dora», de José Meireles, numa co-produção com o Teatro da Cornucópia (intérprete: Rogério Vieira); dia 13, 22 horas, Recital de Poesia Ibérica do Século XX, pelas atrizes Eunice Muñoz (Portugal) e Núria Espert (Espanha), na Escola

D. António da Costa; dia 14, 16 horas, «Isto é que é a República?», uma colagem de textos de Karl Valentin, Roque e Lyra e Armando Caldas, pelo grupo Intervalo (Algés), na Escola D. António da Costa; dia 14, 18 horas, «A Noite Somos Todos Primos», de Gilberto Mendes, pelo grupo Gungulinho (Maputo, Moçambique), na Nimbus-Portugal; dias 14 (23.30) e 15 (20 horas), «O Poder do Dinheiro», montagem de textos, poemas e canções pelo Teatro Nacional D. Maria II, no Teatro Municipal; dia 14, 22 horas, a ópera cómica «Sem Vergonha» («Shameless!») pela Ópera Circus (Londres) na Escola D. António da Costa; dia 15, 22 horas, «Aeroplanos», de Carlos Gorostiza, pelo Teatro Circular (Montevideo), na Escola D. António da Costa; dia 16, 19 horas, «A Morte», de Woody Allen, pelo Teatro de Papel (Costa da Caparica), na Escola D. António da Costa; dia 16, 22 horas, «Viagem ao Centro da Terra», de Júlio Verne, pelo Teatro la Troppa (Chile) na Escola D. António da Costa; dias 17 (20 horas) e 18 (19 horas) «IP 5», de Regina Guimarães, pelo Teatro de Marionetas do Porto, no Teatro Municipal; dia 17, 22.30, «Hora de Visita», de José Luís Alonso de Santos, pelo grupo Pentacion (Madrid), na Escola D. António da Costa; e dia 18, 22 horas, «A Travessia», de Erico Veríssimo / João Mota, pela Comuna (Lisboa) na Escola D. António da Costa.



CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA - COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

LIVROS

Um Amor Cortês

Um romance atravessado de poesia e de memórias da língua e da história, povoado de Clarimundas e Valdevinos, Beltrões e donas Belas, este que Filomena Cabral escreveu, chamando-lhe Um Amor Cortês, avisando que assim conclui uma «triologia da



ilusão», iniciada com Madrigal, em 1993. Mais uma edição da Campo das Letras. A autora, que nasceu no Porto, e junta a sua qualidade de romancista e poeta de vasta obra publicada com a de jornalista, viveu em Angola nos anos 60/70 e mantém estreitas relações com o Brasil, onde viu livros seus editados. De Madrigal - o primeiro livro da triologia - disse Óscar Lopes que há ali «uma dialéctica entre progresso e regresso, que se levanta a cada tempo (...) Ficamos perante uma obra de meditação que levanta uma série de problemas actuais que nos atingem a todos».

O Buraco na Parede

Do brasileiro Rubem Fonseca - um autor conhecido em Portugal, de que a Campo das Letras já publicou há dois anos o Romance Negro e Outras Histórias, sai agora esta edição de

O BURACO NA PAREDE



contos, onde se pode reencontrar a sua prosa muito particular, que ergue com aparente facilidade rápidas histórias, onde cresce o absurdo e a fantasia num mundo espesso e real. Um mundo onde passam e tomam a palavra polícias e marginais e aquelas pessoas normais que afinal não são tão simples como isso e com quem nos cruzamos todos os dias. Há até uma história contada em forma de peça de teatro, a que o autor chamou Idiotas que Falam Outra Língua. Vai-se a ler e a língua é a nossa.

JAZZ



O trompete de João Moreira e o piano (e orquestra) de Carla Bley

Entre Estoril e Belém

O Festival «Jazz Num Dia de Verão» regressa, por dois dias, à sua zona de origem, com dois concertos nas noites de hoje e de amanhã no Teatro Auditório do Casino do Estoril: no primeiro, actuará um «histórico» do Jazz vocal, Jon



Hendricks (com o seu grupo) e o trompetista convidado Brian Lynch e, no segundo, o grupo TanaReid (de Rufus Reid e Akira Tana) terá como convidado um grande saxofonista-barítono, Nick Brignola. E o festival deste ano terminará no próximo sábado, novamente no CCB, com um concerto no qual, na primeira parte, actuará o grupo português Moreiras Jazztet e, na segunda parte, o trio da organista Shirley Scott, com David «Fathead» Newman (sax-tenor) e Bobby Durham (bateria).

Mas já segunda-feira, 15, no Tivoli de Lisboa, ou no dia seguinte, sexta-feira 16, no Auditório da Exponor em Matosinhos, não são de perder dois concertos pela Big Band de Carla Bley, ambos às 22 horas.

Vivaldi e Poulenc em Setúbal

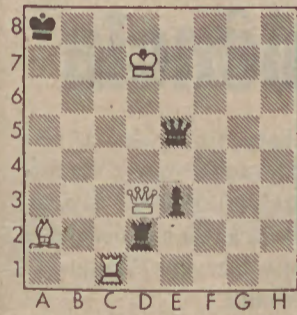
Entre as várias manifestações integradas num outro festival a decorrer neste momento - o «Festival de Música dos Capuchos» -, o destaque vai hoje para a audição de duas obras, subordinadas à mesma temática - um Glória - da autoria de dois vultos da música, um do século XVII e o outro

do século XX: respectivamente, Antonio Vivaldi e Francis Poulenc. A interpretação estará a cargo do Coro e da Orquestra Gulbenkian, sob a direcção do maestro Michel Corboz. A solista será Sandrine Piau. E o local do concerto será a Igreja de São Sebastião, em Setúbal.

XADREZ

DLXVIII - 11 DE JULHO DE 1996
PROPOSIÇÃO Nº 1996X029
Por: WILHELM HAGEMANN
Deutsche Schachbätter, 1940

Pr.: [4]: P63 - Td2 - D65 - Ra8
Br.: [4]: Ba2 - Tc1 - Dd3 - Rd7



Branças jogam e ganham

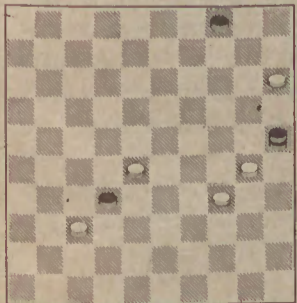
SOLUÇÕES DO Nº DLXVIII

Nº 1996X029 [W. H.]: 1. Bd5+, D:d5; 2. D:d5+, T: d5+; 3. Rc7, Ta5; 4. Rb6 e g.

DAMAS

DLXVI - 11 DE JULHO DE 1996
PROPOSIÇÃO Nº 1996D029
Por: MARCEL BONNARD
Tribune Marseille, 1.IX.1917

Pr.: [3]: 4-(25)-32
Br.: [5]: 15-28-30-34-37



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO Nº DLXVI

Nº 1996D029 [M. B.]: 1. 30-24!, (25x17.../25x26); 2. 37x28/28x37, (x20); 3. 15x24 e + 1... (25x22/25x31); 2. 37x17/28x26 e + A. de M. M.

ATALHE DE FOICE

A papeira

«Quero ter papeira!», reivindicava há dias o benjamim lá de casa, mergulhando o olhar e a colher na sopa que, em geral, detesta.

«Isso há-de ter uma explicação...», obtemperei à espera duma pista, embora não resistindo a denunciar, pelo franzir do sobrolho, que havia limites no meu equipamento de cifra.

Quando o vi, em silêncio, enfiar três colheres de seguida para camuflar um olhar de esguelha, pressenti que a questão requeria tacto.

«Não te posso dar uma papeira se não me disseres o que vais fazer com ela!», brinquei eu, ainda na fase da subtilidade interactiva. Mais umas colheradas de sopa foi a resposta que tive, e já sem direito ao olhar de esguelha.

«Sabes que a diferença entre uma parvoíce e uma coisa séria está na explicação que se dá...», perorei então, com a profundidade de um sargento em aula de aplicação militar.

«Não quero ficar histérico!», fuzilou-me ele, erguendo os olhos do prato e aproveitando a indignação para largar definitivamente a colher.

Suspeitei que o infante me estava a dar a volta com uma piada certeira, como é de seu uso e talento, ainda comecei a rir, mas o guardanapo, já todo enrodilhado nas suas mãos, advertiu-me que tinha de me portar com juízo.

«Histérico, Alexandre?!...», aguardei então, unguado da mais mansa expectativa.

«Pois claro! Ouvi dizer que os rapazes, quando não têm papeira em miúdos, podem tê-la em adultos e depois ficam histéricos! Ora eu não quero ser um adulto histérico!», explicava ele, abanando a cabeça à doida para exemplificar.

A explosão de gargalhadas que se seguiu não o afectou, esboçando até um sorriso entre o perplexo e o curioso. Mais uma vez, o jovem evidenciava que não resiste a uma boa piada, mesmo quando a não percebe.

«Estéril, Alexandre! É estéril e não histérico!», explicou-se-lhe no desfazer do riso e devolvendo ao assunto a seriedade requerida.

Foi pior a emenda que o soneto: desembainhando imediatamente os seus conhecimentos da mecânica das espécies e respectiva evolução, o rapaz entrou-me em pânico. «Antes histérico! Antes histérico!», bramava ele quase histérico e já fora da cadeira, fremente de instinto reprodutor, o rosto esbraseado a perguntar por vacinas, por remédios, por sarampos ao domicílio. O mano João, mais velho, foi abrandando lentamente o cofiar da penugem do rosto com que seguia as aflições do mais novo, até estacionar numa pergunta que lhe apagou a ironia do sorriso.

«Eu já tive isso?»

Aguentou, com estoicismo, a nova explosão de gargalhadas, aparafusou à preocupação um ar de superior condescendência, mas só voltou a rir quando lhe foi recordada a papada monumental com que andou por volta dos oito anos.

Quanto à tempestade do Alexandre, apenas serenou contra a promessa de imediata averiguação das contramedidas a adoptar, responsabilidade que assumi sob um desconfiado «Vê lá, Pai!» pouco abonatório. Vou tê-lo à perna e é muito bem feito.

Vem isto a propósito - imagine-se! - das minhas preocupações com o comportamento da «esquerda» que dizem estar no Governo através do Executivo do PS chefiado pelo engenheiro Guterres.

Uma «esquerda» assim, só se apanhou a papeira em adulta.

Ainda por cima, como esquerda tem-se mostrado tão estéril, que ainda acaba mas é histérica...

Se fosse pai dela, ainda a levava à vacina com o Alexandre...

O problema é que não sou.

Aliás, uma esquerda destas, vá mas é chamar pai a outro.

■ HC

ÚLTIMAS

Sociedade da Informação PCP defende políticas democráticas

A Comissão do PCP para as questões da Ciência e Tecnologia e o Grupo Parlamentar do PCP na Assembleia da República promoveram, na passada terça-feira, uma Audição sobre a Sociedade da Informação.

Na iniciativa participaram, além de personalidades convidadas, dirigentes e deputados do PCP.

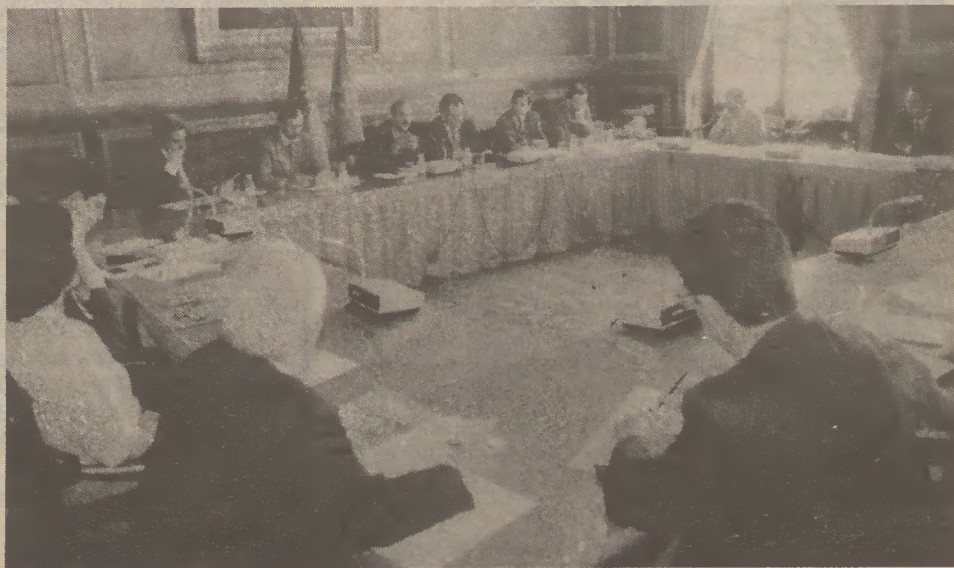
A Sociedade da Informação é uma questão que tem vindo a ser abordada pelos comunistas portugueses, nomeadamente no Programa Eleitoral de 1995, como "uma importante realidade, com profundos reflexos na vida das pessoas e das sociedades" que representará "uma transformação fundamental do nosso tempo".

Transformação que - como todas as mudanças profundas - envolve grandes potencialidades e perigos reais. Assim, de par das "grandes oportunidades de desenvolvimento económico, bem como de uma elevação da participação social, política e cultural das pessoas e de aprofundamento da democracia", são reais os perigos que esta mesma evolução comporta, nomeadamente quanto à liberdade e privacidade dos indivíduos, agravamento das desigualdades, pressão para o desemprego estrutural, pressões negativas sobre pessoas com necessidades especiais e sobre identidades culturais e nacionais diversas.

O PCP defende entretanto que seria possível afastar estes peri-

necessidades em serviços e aplicações; promoção generalizada do armazenamento, transporte e processamento digital da informação existente e a criar; promoção da coordenação do uso dos novos meios com o dos existentes (livros, audiovisual); criação

tos de propriedade intelectual; estabelecimentos de educação "como área fundamental a promover no âmbito da sociedade da informação"; lançamento de uma acção para digitalização das obras de valor artístico, filosófico e científico; tornar acessí-



Audição sobre a Sociedade da Informação

gos assumindo políticas democráticas adequadas, que se poderiam sintetizar em cinco orientações fundamentais: o desenvolvimento das "respostas adequadas aos desafios da universalidade de acesso colocados pela sociedade da informação, por forma a que venha a abranger todo o país e a ser acessível a todos os segmentos da sociedade"; promoção da participação dos utilizadores na definição das suas próprias

de um Conselho Nacional para a Sociedade da Informação.

Neste quadro, o PCP defende, para esta legislatura - a elaboração de uma lei-quadro para a sociedade da informação; criação da legislação necessária à garantia da privacidade e liberdade dos indivíduos; criação da legislação necessária à protecção dos direitos e liberdades de expressão no novo espaço; adequação da legislação dos direi-

veis, através de bases de dados nacionais preparadas para portugueses, obras significativas da cultura universal; lançamento de acções de Investigação e de Desenvolvimento Experimental "dando particular atenção aos requisitos das pessoas com necessidades especiais, às traduções de e para língua portuguesa e aos aspectos de integração humana e social, no trabalho, na residência e no lazer".

Metalúrgicos em luta contra flexibilidade e polivalência

Os metalúrgicos do Porto, Aveiro, Braga e Viana do Castelo realizaram na manhã de ontem um plenário, nas instalações da Junta de Freguesia de Santo Ildefonso, para analisar a situação em que muitos trabalhadores se encontram, nomeadamente mercê da não actualiza-

ção dos seus salários, e para decidir de futuras formas de luta, caso o patronato da Metalurgia se mantenha numa posição inflexível.

O plenário insere-se numa jornada de luta, que decorreu entre 3 e 10 de Julho, com concentrações diárias de denúncia

pública junto das Associações Patronais da Metalurgia e do Automóvel, de par de acções de luta em empresas onde ainda não houve aumentos ou estes foram insuficientes (caso da Siderurgia Nacional) e acções de esclarecimento nas demais empresas.

Esta jornada de luta visa ultrapassar o impasse negocial gerado pela pretensão do patronato de incluir a flexibilidade e polivalência na Contratação Colectiva.

A Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas denuncia, em comunicado, que "sendo urgente a actualização dos salários mínimos do sector e a redução do horário de trabalho, o patronato continua a fazer chantagem com isso para incluir a flexibilidade e a polivalência no nosso Contrato".

A Federação lança ainda o aviso de que longe de fazer esquecer a necessidade do acordo, as férias "servirão para retemperar forças e retomar a luta com maior vontade", por aumentos salariais justos, pelas 40 horas, contra a flexibilidade e a polivalência, pela defesa da contratação.



Conferência de Imprensa para a apresentação da 20ª Festa do «Avante!», que este ano se realiza na Atalaia, de 6 a 8 de Setembro. Na mesa, Jorge Pires, do Secretariado do CC do PCP e responsável da Festa, Fernando Vicente, membro do CC do PCP e coordenador do Secretariado da Festa, Ruben de Carvalho, do CC e do CN do PCP e da Direcção da Festa, e Manuela Bernardino, do CC do PCP e da Direcção da Festa. As principais novidades divulgadas na Conferência de Imprensa constam do suplemento especial da Festa que publicamos neste número.



Avante!

Director
Carlos Brito
SUPLEMENTO
11 de Julho de 1996
Não pode ser vendido
separadamente

Festa!

AMORA-SEIXAL

6, 7 e 8 SETEMBRO



TCHAIKOWSKY

Concerto Sinfónico

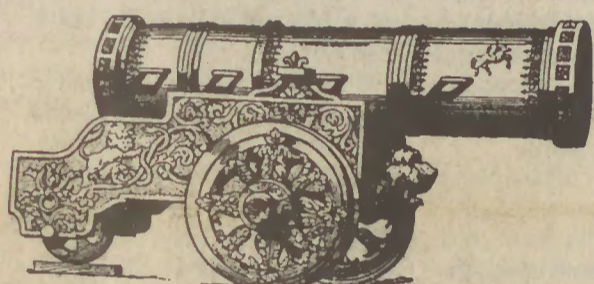
no Palco

25 de Abril

Piano
António Rosado

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Dirigida por
MIGUEL GRAÇA MOURA



PROGRAMA

- Capriccio Italien, Op. 45
- Concerto para piano e orquestra n.º 1 em Si bemol menor, Op. 23
- Abertura Solene «1812», Op. 45



RUI VELOSO

+ Vozes da Rádio

+ Bernardo Sassetti



RAUL MARQUEZ e Os Amigos da Salsa

NEW ORLEANS RHYTHM & BLUES

CATORZE
MÚSICOS
EM PALCO



EDDIE BO



WALTER «WOLFAN» HASHINGTON
RED MORGAN * HERLIN RILEY
FRED KEMP * ALFRED UGAND and band



QUINTA DO BILL

MÚSICA SINFÓNICA NO PALCO "25 DE ABRIL"

Porquê um concerto de música sinfónica na Festa do «Avante!»

A resposta que imediatamente surge é outra pergunta: e por que não um concerto de música sinfónica na Festa do «Avante!»?... Há de facto razões para que, em vinte anos de Festa, não tenha havido um concerto de música sinfónica na Festa, e muito particularmente no Palco «25 de Abril». Aliás e em rigor, é preciso acrescentar a questão do palco, porque música clássica - de câmara e sinfónica - já esteve presente mais de uma vez na Festa: em 1985 com a Orquestra de Câmara de Bratislava, em 1976 (logo na primeira) com a Orquestra Sinfónica Popular, o ano passado com a Sinfónica de Lisboa. Mas o motivo por que até agora não se apresentou música clássica no Palco «25 de Abril» é, afinal, o mesmo por que tais espectáculos não são comuns em cenários ao ar livre. E a razão por que se fazem este ano é exactamente a mesma por que, um pouco por todo o mundo, de Pavarotti a Carreras, da Sinfónica de Sidney às regências de Karajan, a música clássica pôde sair das salas de concertos e partilhar os grandes auditórios e as grandes audiências ao vivo com os outros espectáculos.

Essa razão chama-se condições técnicas. A constituição desse majestoso instrumento que se chama *orquestra sinfónica* deriva de uma evolução da música nos seus aspectos formais e na sua relação com o auditor. A *orquestra* enquanto conjunto de instrumentos tocando simultaneamente pode considerar-se como uma realidade relativamente antiga, mas, até ao século XVIII, ela é quase exclusivamente isso mesmo: um conjunto de instrumentos tocando ao mesmo tempo, uma pura soma do que cada um deles tocaria sozinho. Seria difícil fazer aqui a história da orquestra, mas, rapidamente, digamos que é sobretudo após Claudio Monteverdi que se pode falar propriamente de *orquestra*, isto é, não de uma pura soma de instrumentos, mas de um conjunto criterioso de instrumentos, escolhidos em função das suas características sonoras que ditam os seus equilíbrios relativos e que tocam explorando essas diferenças no sentido de criarem uma peça musical com maior expressividade e riqueza sonora. Se há um traço permanente na linha de evolução da composição das orquestras entre o reduzido número de instrumentistas de Monteverdi (cerca de duas dezenas) e as formações contemporâneas, definidas no essencial no final do século passado, esse traço é o do constante aumento do número de instrumentos e de executantes.

Este aumento corresponde a dois percursos simultâneos: por um lado, o maior número de instrumentos, a diversidade de timbres e sonoridades assim adquirida multiplicado ao infinito pelas suas combinações constitui uma matéria-prima preciosa para os compositores para os quais, para além da melodia e harmonias simples se abre um inesgotável manancial de possibilidades de criação de sons e de capacidade de manifestação de sentimentos e ideias.

Por outro, o aumento do número de executantes (uma orquestra post-romântica oscila entre os 50 e os 90 músicos), para além de em muitas circunstâncias corresponder ao acréscimo de instrumentos não habituais, proporciona sobretudo um maior *volume* de som, que tem de ser entendido no seu duplo significado de criar um outro elemento expressivo (um som *ainda* mais forte), mas sobretudo poder multiplicar a capacidade de uma mesma sonoridade chegar a um maior público.

O desenvolvimento da orquestra sinfónica está assim ligado a uma certa concepção de *democratização* da música, ao surgimento do público e a um tipo de funcionamento social do músico diferente do seu anterior estatuto de empregado do senhor feudal ou titular aristocrático.

Ao anseio de música para maiores audiências correspondeu um conceito de uma música capaz de atingir *simultaneamente* maiores audiências, o que requeria um instrumento mais poderoso - e esse instrumento foi claramente a orquestra sinfónica. Mas, note-se, a própria cultura que estava por detrás da composição era igualmente outra: no século XIX post-Revolução Francesa, as realidades, as paixões, os sentimentos, as ideias que percorriam o mundo, os homens, os artistas, os seus públicos já não eram as serenatas dos palácios mas antes o turbilhão que assinalava as grandes transformações, o irromper dos povos no quotidiano da sua História.

O passo dado da sala de música da senhora marquesa para as salas de concertos do século XIX, aumentadas ainda pela investigação acústica e nas técnicas de construção no século XX, é, já se vê, muito grande. Passou-se das audiências de algumas dezenas para as de muitas centenas e mesmo alguns milhares.

Mas os meios técnicos criados pelo homem no século XX, se permitiram trazer, mediante o disco, a cassette, o CD, para dentro de casa todos os volumes de som, enfrentaram algumas dificuldades com esse tão poderoso quanto subtil instrumento que é a orquestra.

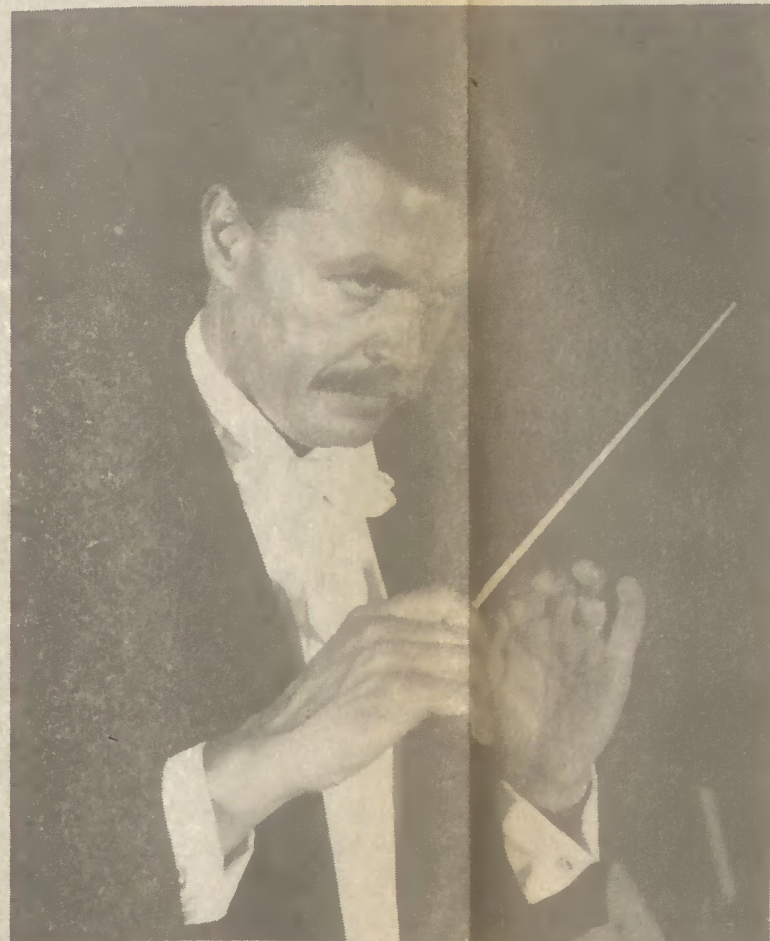
A electricidade e a electrónica criaram a amplificação sonora e com isso deram origem à maior explosão da música popular na vida da humanidade. Gravaram-na, reproduziram-na, transmitiram-na e amplificaram-na para o grande espectáculo ao vivo. Mas a electricidade e a electrónica fizeram-no não apenas porque amplificaram instrumentos: criaram também os instrumentos para serem amplificados. A música popular da segunda metade do século XX assenta essencialmente em instrumentos surgidos neste período: a guitarra eléctrica, o baixo eléctrico, a bateria, mais recentemente, os sintetizadores.

Aumentar a potência da amplificação e assim a possibilidade de atingir *simultaneamente* mais vastas audiências era relativamente simples para a música popular contemporânea e para os seus instrumentos electricificados e amplificados: sons, técnicas, exigências acústicas, tudo era coerente com as possibilidades da electrónica.

Mas com a orquestra - como com todos os instrumentos acústicos - o problema era diverso. Havia que se captar com microfones e se a captação para amplificação de um único instrumento acústico já é complexa, compreende-se que a questão se agrava para a vasta soma que é a orquestra, que além do mais não é uma pura soma, antes na sua diversidade cria sonoridades novas, particulares, fruto de combinações que constituem o génio mesmo do compositor. Foi necessário esperar pela década de 90 para que a crescente ligação entre a informática e a electrónica fornecesse alifalantes e amplificadores processados, microfones processados, mesas de mistura com possibilidades inimagináveis de equilíbrios de tonalidades, timbres, volumes.

Com estes equipamentos, os técnicos de som partiram para o que era a grande aposta do espectáculo deste final de século: fazer a música clássica franquear as portas das salas de concerto e trazê-la para o ar livre, para as grandes audiências que entretanto com ela se encontraram com a explosão do CD.

O primeiro passo foi dado pela ópera. Cantores com uma formação moderna, interessados nas possibilidades do progresso e também no crescimento do seu público, tomaram a iniciativa. Plácido Domingo, Pavarotti, Carreras, Cotrubas enfrentaram os palcos e os microfones pop-rock - e ganharam! Estava ultrapassada a única barreira. Por isso, na 20ª Festa do «Avante!», a música sinfónica no Palco «25 de Abril».



Miguel Graça Moura

* A formação da *Orquestra Metropolitana de Lisboa* terá de ser reforçada para o concerto da Festa do «Avante!»: as orquestras exigidas pelas obras de Tchaikowsky são mais numerosas do que a habitual composição da Metropolitana.

Trata-se de uma situação habitual criada pela variedade das exigências orquestrais, mas que no caso da *Metropolitana* conta com o precioso facto de, fruto da actividade pedagógica entretanto desenvolvida, ter a seu lado a *Orquestra Académica Metropolitana*, constituída por alunos do Conservatório Metropolitano de Música de Lisboa. Para alguns naipes recorrer-se-á, como habitualmente, a reforço por músicos das outras orquestras existentes em Lisboa e Porto.

A formação final é a seguinte: 16 primeiros violinos, 14 segundos violinos, 12 violas, 10 violoncelos, 8 contrabaixos, 2 flautas, 2 oboés, 2 clarinetes, 2 fagotes, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, 1 tuba, 1 tímpano, percussão, isto é, um total de 81 figuras.

O programa: Peter Tchaikowsky

Capriccio italien, Op. 45

Concerto para piano e orquestra n.º 1 em Si bemol menor, Op. 23

Abertura solene «1812», Op. 45

A situação de Tchaikowsky na música europeia do século XIX é particularmente curiosa. Por um lado, os críticos da Europa ocidental - franceses e alemães, nomeadamente - condenam-lhe a «europeização» excessiva, em detrimento do eslavismo presente nos seus contemporâneos dos «Cinco» (Borodin, Cui, Mussorgsky, Balakirev e Rimsky-Korsakov) e soluções de facilidade, por vezes ditada pela sua notável criatividade melódica e harmónica. Mas, em contrapartida, os músicos russos - incluindo nomes tão inquestionáveis como Stravinsky e Prokofief - dedicam-lhe uma verdadeira veneração e exactamente como um expoente de música profundamente enraizada na cultura eslava! Esta opinião era aliás partilhada pelos «Cinco» e muito particularmente por Balakirev que não só foi um admirador assumido da música de Tchaikowsky como um companheiro particularmente importante em momentos de depressão e desespero do compositor.

A vida de Peter Tchaikowsky foi aliás uma estranha sucessão de períodos de desespero, de angústias, de descrenças e dramas vividos muito mais na sua sensibilidade quase doentia do que propriamente na realidade. Na verdade, o compositor conheceu em vida e tanto no estrangeiro como na sua Pátria um reconhecimento que não foi comum a outros grandes músicos. Porém, uma vida sentimental particularmente infeliz e uma personalidade instável e angustiada pa-

taram um estado de espírito que, afinal, muito se ressentia na sua obra, especialmente nas obras de maior valor.

Dotado de uma invulgar intuição musical, Tchaikowsky começou a sua aprendizagem tardiamente porque os seus pais, nada virados para a música, tardaram em descobrir o claro talento do seu filho. Alguns dos seus biógrafos radicam aliás nos contraditórios episódios da infância e juventude e no relacionamento com os pais algumas das dúvidas face a si próprio que o acompanharam toda a vida.

Após um curso de piano e composição no Conservatório de Moscovo, Tchaikowsky encontraria nos irmãos Anton e Nicolai Rubinstein, à época figuras dominantes do meio musical russo, um apoio e estímulo que se manifestou das mais diversas formas, desde o convite para ensinar no conservatório até encomendas (no número das quais viria aliás a figurar a *Abertura «1812»*).

A composição do famoso *Concerto para piano e orquestra n.º 1* (que ouviremos na Festa na interpretação do pianista António Rosado) data do primeiro período de composição de Tchaikowsky e talvez o efectivamente mais complexo período da sua existência, após um casamento falhado com uma sua aluna e que lhe deixaria marcas profundas.

Peça de invulgar brilhantismo, o *Concerto* não foi bem recebido pelo público moscovita na sua estreia, o que não deixa de conter alguma ironia quan-

do ele viria a ser o primeiro LP de música clássica a vender mais de 1 milhão de exemplares na histórica gravação do pianista americano Van Cliburn em 1958, com a Sinfónica de Moscovo dirigida por Vasil Kondrashin e após Cliburn ganhar na então capital soviética o Concurso Internacional de Piano... Peter Tchaikowsky!

O *Concerto* constituiria aliás um extraordinário êxito durante a digressão que realizou em 1888-89 pela Europa ocidental e pelos Estados Unidos, onde era já conhecido por interpretações anteriores de outros pianistas.

Peça de particular brilhantismo oferecendo largas possibilidades ao solista, o *Concerto n.º 1* revela dois traços constantes do trabalho de Tchaikowsky: a sua ímpar capacidade melódica e o seu domínio dos timbres orquestrais e a capacidade de manter o diálogo entre a orquestra e o solista com uma dinâmica muito própria. Aliás, este traço do equilíbrio entre o solo e a orquestra constitui um pormenor técnico que muito tem favorecido a peça como parte de reportórios de interpretação em grandes auditórios pela continuidade de tensão e impacto sonoro.

O *Capriccio italien* é, com o *Capriccio espanhol*, uma peça sugerida a Tchaikowsky pela sua viagem europeia de 1888. A sua formação de músico romântico tornou-o sempre particularmente sensível a ambientes, cores e atmosferas e o contraste do céu, dos

campos e das cores mediterrânicas com a sua Rússia natal impressionou-o fortemente, a isso se juntando a atenção igualmente característica da escola eslava pelas melodias e pelas sonoridades da música popular tradicional.

Finalmente, a terceira peça do concerto da Festa, a *Abertura solene «1812»* foi encomendada a Tchaikowsky em 1880 pelo pianista Nicolai Rubinstein, fundador, em 1866, do Conservatório de Moscovo. A encomenda referia-se a uma peça para uma de três circunstâncias à escolha do compositor: a celebração dos 25 anos de reinado do czar Alexandre II, a consagração da catedral ortodoxa de Moscovo ou a inauguração da Exposição Industrial e Artística de Moscovo, a realizar nesse ano.

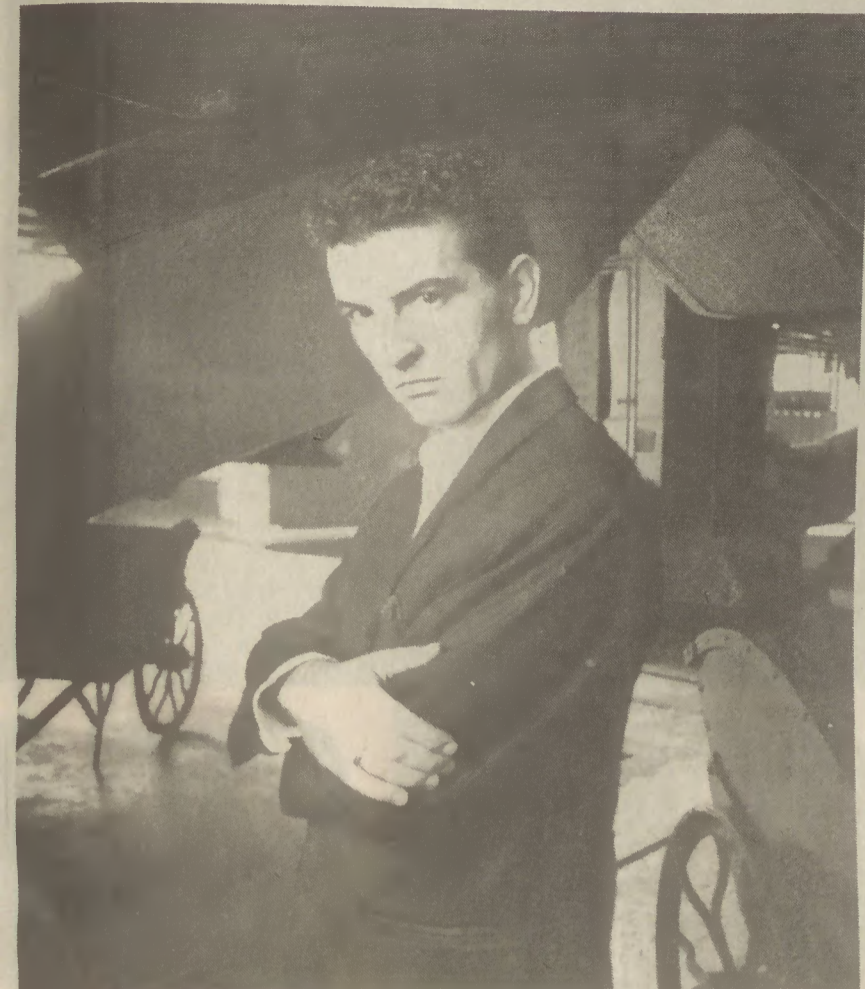
Das três possibilidades, Tchaikowsky terá escolhido a terceira, embora se levantem algumas dúvidas sobre ter sido efectivamente essa a opção. A obra foi de facto estreada durante a Exposição, mas a verdade é que o tema escolhido se relaciona directamente com o motivo da construção da catedral de Moscovo (que só seria consagrada em 1881): a celebração da batalha de Borodino que marcou a derrota de Napoleão na Rússia.

Travada às portas de Moscovo a 7 de Setembro de 1812, a batalha de Borodino opôs 120 000 soldados russos comandados por Mikhail Kutuzov a 130 000 franceses dos 428 000 da



A orquestra sinfónica, segundo o grande desenhador humorista Hoggung

ABRIL II



António Rosado

Grande Armée com a qual Napoleão invadira a Rússia em Junho daquele ano. Uma das mais mortíferas batalhas da História (alguns números apontam mais de 50% de baixas nos dois exércitos), Borodino é reclamada pelos russos como sua vitória: Koutuzov manteve de facto as suas posições até ao final da batalha, mas as baixas sofridas obrigaram-no a retirar, deixando Moscovo incendiada à mercê de Napoleão. Como se sabe, este não tinha contido a mais pequena hipótese de ocupar estavelmente a cidade e após Borodino o que restava da Grande Armée iniciou a dramática retirada que deixou para trás 135 000 mortos, 215 000 prisioneiros, mais de um milhão de canhões.

Ao escolher como tema para a peça encomendada a data de 1812 e a batalha de Borodino parece assim que Tchaikovsky terá querido corresponder a dois dos temas que lhe haviam sido sugeridos, associando a prevista consagração da catedral à inauguração da exposição, inicialmente programadas para o mesmo ano.

Neste sentido irão também os elementos sonoros que fizeram a fama da *Abertura solene*: a utilização de disparos de canhões e de carrilhões. Alguns elementos permitem supor que a peça foi pensada para ser executada ao ar livre, previsivelmente junto às muralhas do Kremlin, sendo aqueles efeitos obtidos mediante a utilização da artilharia instalada no próprio Kremlin e pelos sinos das numerosas igrejas ali existentes, além dos da própria catedral. Refira-se de passagem que as crónicas referem que no século XIX Moscovo chegou a ter mais de 5 000 sinos, dizendo-se que se todos tocassem ao mesmo tempo as pessoas não conseguiriam falar umas com as outras nas ruas...

A *Abertura solene*, com uma duração total de cerca de 15 minutos, compreende seis episódios bem distintos. Como escreve o crítico André Lischke, «começa com o tema coral do exército russo Deus protege o teu povo; após uma sequência que evoca os preparativos da batalha (sinos, rufar de tambores), são apresentados sucessivamente o lado francês, com ecos de A Marselhesa, e o lado russo com dois temas de canções populares. O episódio seguinte opõe os dois campos. A apoteose final retoma o tema coral do início ouvindo-se, à semelhança do que também sucede com a Marcha eslava, o hino russo da época.»

A utilização de artilharia em peças musicais conhecera já um precedente na Rússia: em 1789. O compositor italiano Giuseppe Sarti, então músico titular da

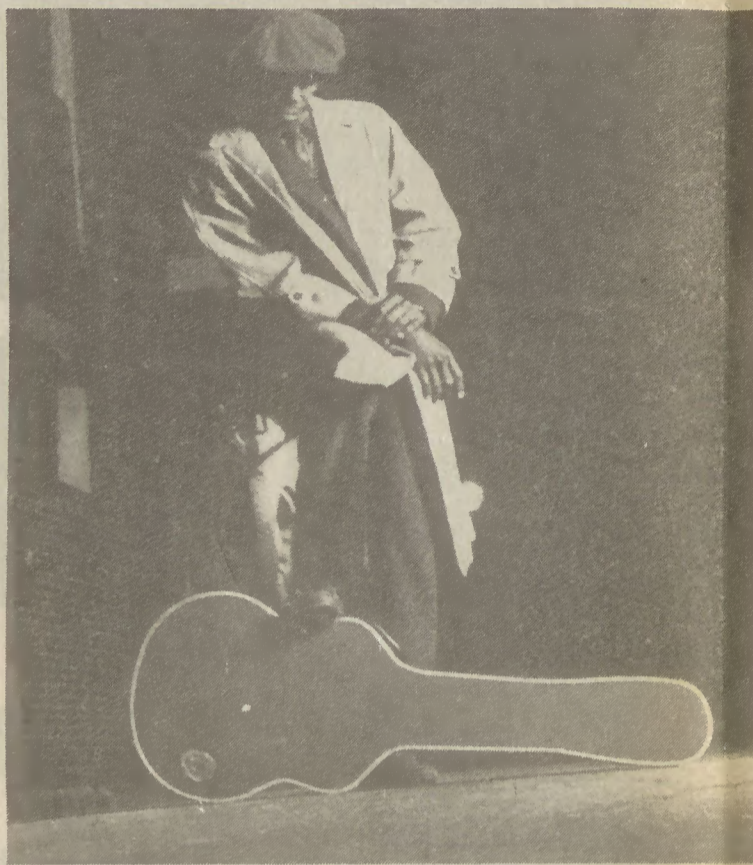
O rhythm & blues de New Orleans: Eddie Bo Walter «Wolfman» Washington and band!

Foi em 1718 que dois aristocratas franceses, os irmãos De Iberville e De Bienville escolheram um ponto a uma centena de quilómetros da foz do Mississipi e nas margens do lago Pontchartrain para construir uma cidade a que, em clara referência à sua França natal e à poderosa casa aristocrática a que estavam ligados, baptizaram de Nouvelle Orleans.

A escolha do local foi tudo menos assisada, uma vez que o clima era lamentável, o terreno pantanoso, o próprio nível médio do terreno idêntico ao do mar (e, por vezes, inferior...), o que tornava as inundações constantes e devastadoras, para além de tornar a construção de edifícios muito problemática. Durante anos disse-se que em New Orleans não se sabia o que era uma cave: era impossível cavar ali-cercas sem encontrar água...

A nova cidade foi-se entretanto desenvolvendo pela sua proximidade da foz do Mississipi, decisiva linha de comunicação dos estados do sul, e do Golfo do México. Ao longo do século XVIII a cidade foi governada por franceses, ocupada por espanhóis, mais tarde viu a chegada dos ingleses e, finalmente, em 1803, integrou os novos Estados Unidos na sequência da compra a Napoleão de toda a Louisiana. Durante a segunda guerra anglo-americana, a batalha de New Orleans entraria na crónica da nova nação pela derrota infligida aos exércitos britânicos, após o que começaria o seu caminho para se transformar na musicalmente talvez mais célebre cidade do mundo.

Os motivos por que New Orleans viria a ser o cadinho musical em que se transformou derivam do mesmo motivo que atribuiu papéis similares a



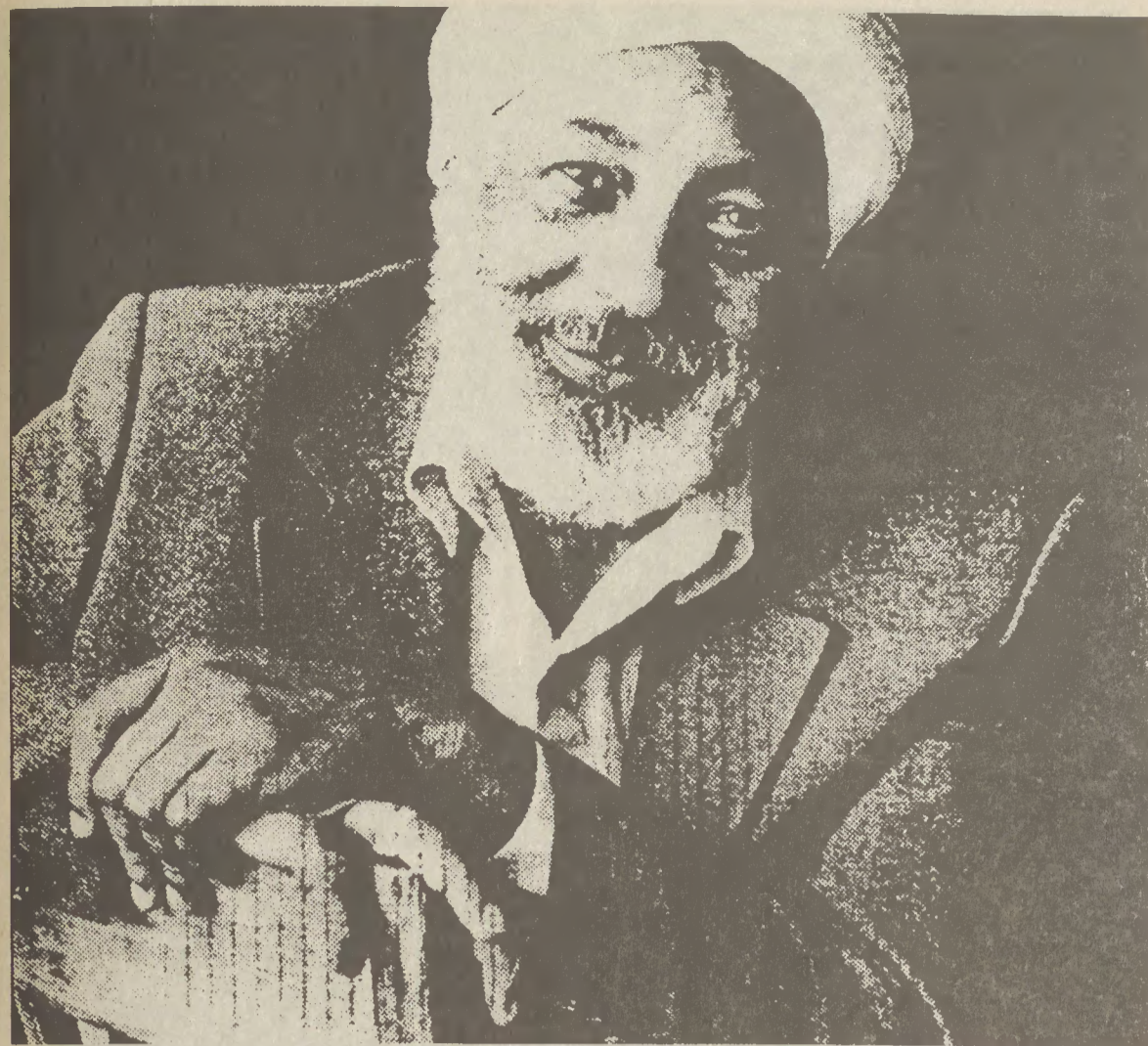
outras cidades: o ser um ponto de cruzamento de culturas. Só que New Orleans é de facto especial.

Cidade portuária, pelos seus cais, bares e entrepostos passaram ao longo de anos gentes de todas as nacionalidades e línguas. Mas, na própria população fixa (e que cresceu de umas 5 000 almas em 1775 a 250 mil em 1900) se podiam encontrar espanhóis, irlandeses, ingleses, franceses, italianos, uns de fixação mais antiga, outros mais recentes, acadianos de língua francesa vindos do Canadá e, sobretudo, negros.

Mas negros também de diferentes culturas. Todos escravos ou filhos de escravos (New Orleans foi importante entreposto negreiro), mas de diversos pontos de África e, tempos decorridos, de diversas evoluções. Como em nenhuma outra

cidade norte-americana, sempre se fez sentir a presença dos negros do Caribe, dos crioulos, de língua espanhola e evangelização católica e que deram origem à cultura afro-cubana. Mas, vindos do Norte, ao longo do Mississipi ou para lá partindo, no tráfego entre as plantações de algodão e o seu embarque no porto, igualmente os negros norte-americanos, catequizados pelos missionários protestantes, com uma religiosidade de que nasceriam *gospel* e espirituais.

Cidade portuária significa bares e animação, tornada tanto mais feérica quanto todas as culturas se cruzavam afinal na parte antiga da cidade, o bairro francês, o Vieux Carré que ainda hoje se mantém como o centro histórico e cultural de New Orleans.



Após a Guerra da Secessão e a abolição da escravatura, seria ainda para New Orleans, cidade tradicionalmente mais cosmopolita e aberta, que convergiram os milhares e milhares de escravos libertos das plantações, mas sem destino, sem trabalho.

Nos primeiros tempos de liberdade, acolhidos por um clima que favorece a vida ao ar livre, a nova população negra encontrou nos instrumentos das bandas militares dos desmobilizados exércitos da Guerra da Secessão forma de fazer a sua festa. Cornetas, trombones, caixas, pratos, bombos deram origem à primeira música instrumental da cultura afro-americana, ou seja, como se sabe, ao jazz.

Ali também, em New Orleans, no delta do Mississipi, do diálogo entre as canções de espirituais, as baladas irlandesas e as canções francesas, marcada pela dureza da vida e pela musicalidade africana, nasciam os *blues*.

O jazz criaria em New Orleans um estilo próprio baptizado com o nome da cidade, mas a verdade é que nela surgiram muitos outros estilos.

Entre os brancos de cultura francesa afirmar-se-ia o cajun que daria origem a uma vertente *afro*, mesclada com ritmos do Caribe, o zydeco.

O jazz de rua, das bandas de metais desfilando em alegre improviso colectivo, daria, passado o período da euforia e regressado o

racismo e mantendo-se a pobreza negra, uma forma de música mais interiorizada, de bares e cabarets, onde o piano surgia, o contrabaixo substituída a tuba, a bateria reunia o bombo, a caixa, os pratos.

Os negros iniciavam entretanto a sua migração para o Norte, ao longo do Mississipi, procurando trabalho nas cidades industriais: Kansas, Memphis, Detroit, Chicago, Nova Iorque. Em cada uma dessas cidades surgiria um jazz novo, um jazz marcado pela vida nos ghettos.

Em New Orleans o jazz intimista convive com as velhas *brass bands*, mas o ritmo da vida ia exigindo novas fórmulas. Em New Orleans realiza-se o que é talvez a mais antiga e profundamente crioula festa dos Estados Unidos, o *mardi gras*, um carnaval muito próximo das festividades afro-cubanas e brasileiras. New Orleans é uma cidade onde se dança muito e aqui mais do que em qualquer outro sítio do jazz teria que nascer uma música de dança: o *rhythm & blues* vem buscar a New Orleans o piano (Fats Domino, por exemplo), tal como vai buscar a guitarra a Chicago e os metais a Memphis.

O *rhythm & blues* de New Orleans é talvez o mais festivo, o mais dançante e, sobretudo, comporta uma das mais ricas tradições de música para piano de todos os Estados Unidos.

O músico que chefia uma banda de 14 elementos que actuará

Sábado à noite na 20ª Festa do «Avante!» é unanimemente considerado hoje o mais importante representante dessa escola: trata-se do sr. Edwin Joseph Bocage, musicalmente conhecido por Eddie Bo.

Fazer a história de Eddie Bo é quase fazer a história dos últimos 40 anos da música da New Orleans em que nasceu. Compôs canções que fizeram famosos cantores como Etta James, Little Richard, Art Neville; nos grupos que dirigiu ao longo dos anos iniciaram-se voca-listas como Joe Turner, Lloyd Price e os Platters. Influenciou pianistas de todos os estilos e os nomes mais consagrados, de Bill Evans a Oscar Peterson, sobre ele teceram elogios sem fim.

Ao lado de Eddie Bo vem a maior revelação dos R&B de New Orleans, o guitarrista Walter «Wolfman» Washington. Dele se escreveu que tem «o ritmo crioulo de New Orleans, a energia dos *slides* de guitarra de Chicago e a energia vocal de um pastor protestante num *gospel* de Sábado à noite».

Em New Orleans raramente há grupos pequenos. Há músicos em cada esquina, constituir uma grande formação é fácil. Tocar é uma festa e por isso a banda montada por Eddie Bo para trazer à Festa parou nos catorze elementos - mas não foi por vontade dele!

E há quem diga que é a melhor música do Mundo!

* A captação de som do concerto foi objecto de estudo tendo sido contratado especialmente para ela um técnico inglês, Barry Bartlett, responsável pela sonorização de vários eventos envolvendo orquestras clássicas. O trabalho de Bartlett, para além da sonorização propriamente dita, inclui a montagem da captação, o que envolve material (especialmente microfones) vindos expressamente da Grã-Bretanha.

* O concerto constituirá a abertura da 20ª Festa, na noite de sexta-feira. A complexidade da montagem do palco, instrumentos, estantes, iluminação, etc., requer praticamente todo o dia de sexta-feira e a desmontagem ocupará grande parte da noite de sexta para Sábado, uma vez que Sábado de manhã se realizarão os ensaios de som (também algo complexos) do numeroso grupo de músicos de New Orleans.

* Pelo carácter especial do concerto, está a ser considerada a possibilidade de efectuar uma gravação para eventual posterior edição em CD.

* Está igualmente a ser estudada a possibilidade de o concerto ser acompanhado por um especial programa de iluminação de palco.



Da Argentina Marisa Santos e Carlos Porta

Depois de na década de 70 ter conhecido um período áureo de expansão em todo o mundo e especialmente na Europa, a música latino-americana tem estado nos últimos afastada dos palcos e dos êxitos discográficos. Entretanto, lá do outro lado do Atlântico nada parou e o rico filão das tradições populares e da elaboração dos anos 60 e 70 está longe de estar esgotado.

Percorrendo as publicações musicais argentinas, chilenas, peruanas verifica-se que, um pouco por toda a parte, começa a despontar uma nova geração, com vinte e poucos anos e mais jovens ainda, onde se começam a definir os herdeiros de Mercedes Sosa, dos Parra, dos Ortegá, dos Viglietti.

Na Argentina, mais particularmente em Buenos Aires, uma voz feminina tem vindo a afirmar-se, tendo franqueado já o importante passo da gravação para uma multinacional: Marisa Santos, nascida em 1970 na capital argentina que, em 1993, na sequência do primeiro lugar obtido Festival de Rádio e Televisão Iberoamericanas, gravou um interessante CD para a Warner Chappel Argentina.

Acompanhada por um compositor de créditos já firmados, Carlos Porta, Marisa actuou já em diversos países latino-americanos, no Festival de Viña del Mar e iniciou o trabalho para um registo com um dos fundadores da Nueva Trova Cubana, Lázaro García.

No próximo mês de Setembro Marisa inicia na Festa do «Avante!» a sua primeira digressão europeia que a levará a Espanha e a França

Com ela, regressa a balada latino-americana aos palcos da Festa!

Violino, sapateado, Kevin Burke, Irlanda Open House

O fundador do grupo é considerado um dos principais violinistas da música tradicional irlandesa e, a comprová-lo, pode apresentar-se uma impressionante lista dos grupos e cantores com os quais já tocou: Patrick Street, Christy Moore, Kate Bush, Arlo Guthrie, Ry Cooder, The Birds. A lista podia continuar, mas Kevin Burke não necessita de maiores apresentações.

Personalidade irrequieta, Burke resolveu há um par de anos fixar-se em Nova Iorque onde, aliás, existe um vasto público irlandês, mas o resultado acabaria a ser bem diferente: um novo grupo surgiria, os *Open House*, com uma formação de características pouco vulgares reunindo três músicos americanos: Mark Graham, um homem que tem feito passear a sua harmónica e o seu clarinete por géneros bem diferentes, do cajun à música tradicional dos Apalaches criando uma justa reputação de grande executante, tal, aliás, como de bem humo-

rado compositor; Paul Kotapish, um multi-instrumentista à vontade em quase todos os instrumentos de cordas patilhadas, do bandolim ao banjo, passando pelas guitarras; e, finalmente, Sandy, Silva, uma bailarina que introduz nos *Open House* não apenas

uma fascinante presença de palco, mas também a componente rítmica do seu sapateado.

O primeiro CD do grupo foi saudado pela crítica da especialidade, quer nos EUA quer na Irlanda, merecendo elogios tão significativos quanto o que

lhe foi dedicado pelo «Rock'n'Reel»: «O álbum tem originalidade, variedade, grande maestria musical e algumas canções verdadeiramente sedutoras. Ou seja, trata-se de Open House e trata-se de facto de um estabelecimento de cinco estrelas.»



corte de Catarina a Grande, compôs um *Te Deum* para celebração da conquista aos turcos pelo favorito da imperatriz, o príncipe Grigori Potemkin, da cidade de Otchakow. Na peça foram utilizados diversos canhões e sinos de igrejas e, embora o trabalho de compositor de Sarti não tenha conhecido grande projecção, aquela obra deixou memória.

Mas é evidente que a grande influência para a *Abertura solene* é a sinfonia em dois andamentos de Ludwig van Beethoven *A batalha de Vitória* ou *A vitória de Wellington*, Op. 91 composta em 1813 para um instrumento mecânico, o «phanharmonium» inventado por Maelzel, mas que incluiu um segundo andamento só para orquestra e que constituiu um extraordinário êxito na sua estreia em Viena.

Beethoven, fruto talvez dos conflitos com Maelzel, viria posteriormente a considerar de forma muito crítica a *Vitória de Wellington*, mas, quando da composição, escrevera no seu diário uma observação que de todo se poderia igualmente aplicar à «1812»: «É certo que realizamos melhor quando escrevemos para o público e se o fazemos depressa.» Por seu turno, Tchaikovsky tinha em relação à *Abertura solene* uma posição inteiramente diversa da postura crítica que assumia relativamente a outras obras que realizara por encomenda, nomeadamente a *Marcha eslava*, considerando que a «1812» continha - como é hoje geralmente reconhecido - elementos de composição e brilhantismo dignos das suas obras de maior destaque.

A verdade é que a música de Tchaikovsky ganhou uma imensa popularidade entre os públicos da Europa e dos Estados Unidos, sejam as peças consideradas menores pela crítica, sejam as composições universalmente aceites (como é nomeadamente o caso do *Concerto para piano e orquestra nº 1*). Exactamente aquele público que Beethoven sentira nascer na primeira década do século XIX.



Brigada Victor Jara

1995



Gaiteiros de Lisboa



Mísia

1994

NA FESTA COMO SEMPRE O MELHOR DA MÚSICA

Mais uma vez, a Festa do «Avante!» apresenta-se como uma verdadeira mostra de música feita em Portugal, nos seus mais variados estilos, influências e ritmos. Dos espectáculos mais intimistas a decorrer no Auditório «1º de Maio», até às formações adequadas para se apresentarem no Palco «25 de Abril» - que é a maior estrutura cénica permanente do País -, a programação de espectáculos portugueses da 20ª edição da Festa reafirma a sua principal característica: a diversidade e pluralidade estéticas, a recusa em ser um festival de um único género de música. Deste ponto de vista, a programação de música portuguesa anualmente apresentada é uma verdadeira selecção de valores artísticos nacionais, cuja valia corresponde às mais recentes correntes de expressão adoptadas pelos profissionais da música em Portugal. Por esse simples facto, a Festa é sempre um acontecimento com uma inevitável índole de modernidade.

Música popular, fado, jazz, vanguarda, pop, rock, dança. Os géneros da música em Portugal estão, todos eles, representados na 20ª edição da Festa do «Avante!», através de um lote que reúne certamente a maioria dos melhores músicos nacionais. Muitos trazem convidados especiais, alguns deles estrangeiros, num fenómeno de colaboração artística rara em Portugal mas que, em contraste, na Festa do «Avante!», tomou-se hábito, fruto das condições próprias do evento e da relação especial entretida criada entre quem cria, quem organiza e quem usufrui.

música popular feita no nosso país, e aquela maneira ensolada dos homens do sul se exprimem nas canções.

Rui Veloso

Rui Veloso é outro regresso à Festa e, mais uma vez, prepara para a Atalaia um espectáculo especial. À passagem obrigatória por todas as grandes canções da carreira do músico junta-se um lote de músicos convidados, onde se conta o grupo Vozes da Rádio e o pianista de

jazz Bernardo Sassetti. A lógica destes convites não é certamente estranha a duas facetas da obra do próprio Rui Veloso: o cuidado nos arranjos vocais e o cruzamento do estilo que o tornou fenómeno de popularidade - o rock - com a paixão que sempre devotou aos blues e, logo, ao jazz de uma forma geral.

Aliás, trata-se mesmo de uma ligação a seguir com particular curiosidade. Bernardo Sassetti - como todos os críticos portugueses prenunciaram - iniciou já uma carreira interna-

cional que faz dele presença habitual nos circuitos de jazz de Nova Iorque e da Europa, com actuações e registos ao lado de nomes consagrados, muito especialmente na área do *latin jazz*, que particularmente tem seduzido o pianista. O *swing* do piano de Sassetti com a muito *bluesy* guitarra de Rui Veloso constituem uma combinação muito sedutora.

Por outro lado, só à primeira vista o aparecimento das Vozes da Rádio parece insólito. Grupo revelação do duplo CD «Filhos da Madrugada Cantam José Afonso», o grupo vocal surpreendeu por um trabalho de grande originalidade entre nós, mas que tem grandes tradições nos EUA e essencialmente por influência dos grupos vocais negros (Ink Spots, Platters, Golden Gate Quartet) e que viriam a dar um grupo branco de grande impacto, os Manhattan Transfer. Ou seja, as vocalizações das Vozes da Rádio têm também elas uma clara e profunda raiz jazzística que será igualmente fascinante ver como se entrelaça com os absolutamente *jazzy* Sassetti e Veloso.

Gaiteiros de Lisboa

Ouvir o último álbum dos Gaiteiros de Lisboa é uma experiência quase violenta de tão gratificante: escutar a sabedoria que se revela na instrumentação, o respeito e o carinho com que é tratada a música tradicional portuguesa e, ao mesmo tempo, a talentosa insinuação de ideias novas, de sensibilidade dinâmica é a prova que esta música - seja qual for o rótulo que se lhe queira colocar - já nos deu muito mas tem ainda muito para nos dar.

Tal como outros artistas da Festa deste ano, também os Gaiteiros de Lisboa não vão à Atalaia sozinhos: convidados estão músicos participantes na gravação deste disco que, sem querer cometer injustiças, nos parece ser das mais importantes gravações dos últimos tempos no nosso país.

Quarteto de Carlos Martins

Mais um músico, mais convidados. Desta vez da área do jazz, Carlos Martins volta a actuar na Festa do «Avante!» acompanhado de uma formação de músicos portugueses e de uma baterista norte-americana. Trata-se de Cindy Blackman, que assim aparece na Europa para espalhar o talento que já a consagrou nos Estados Unidos, onde tocou com músicos fundamentais e fez aplaudidas gravações com o seu grupo-base de músicos. Uma revelação para o público da Festa que pode também tomar conhecimento desta colaboração que, para além do jazz, busca inspiração na *world music* e no rock e resultou, de resto, numa gravação do Quinteto de Carlos Martins com Cindy Blackman cujas audição só pode aguçar o apetite de visualizar o espectáculo da Atalaia.

Acrescente-se que, além de Cindy, o quarteto de Carlos

Martins é o que se pode chamar uma *formação de luxo* no quadro do actual jazz português: no piano, Bernardo Sassetti e no contrabaixo Carlos Barreto!

Brigada de Victor Jara

É, simplesmente, o grupo com trabalho mais duradouro e significativo de recolha e reelaboração da música do nosso povo. É um grupo que, simplesmente, está com a Festa do «Avante!» desde a primeira hora. Na 20ª edição da iniciativa não poderiam faltar num trabalho que, após a grande apresentação do ano passado que assinalou igualmente o lançamento do seu último trabalho, releva da vontade dos veteranos da Brigada de estarem numa Festa a que estão, com toda a justiça, profundamente ligados.

Telectu

O duo de Jorge Lima Barreto e Vítor Rua tem um dos percursos mais originais, duradouros e profícuos da música feita em Portugal, sendo o Telectu um dos nomes da fila da frente da plateia de actores da música de vanguarda europeia. A sua presença regular na Festa justifica-se pela constante inovação na concepção dos espectáculos do grupo, sempre «apimentada» com um convite feito a um músico ou a um grupo de músicos, da mesma área ou provenientes de outras origens musicais, cujo diálogo com os músicos do Telectu tem proporcionado momentos surpreendentes na Festa. Este ano, Lima Barreto e Rua vão trazer à Atalaia dois músicos estrangeiros com experiência já de presença em palcos portugueses: o saxofonista britânico Evan Parker que, depois de uma

vasta carreira ao lado dos maiores nomes do jazz europeu, iniciou há alguns anos um interessantíssimo trabalho com o grupo *Zoviet France*, e o baterista e performer holandês Han Bennink, um companheiro de Paul Bley e Anette Peacock

saberão, muito elevado, já que garante frequentemente lugares cimeiros no *top* de vendas nacional - acaba por nunca fazer justiça à que nos parece ser a verdadeira «forma de estar» da Quinta do Bill: o espectáculo para grandes plateias.

gritos, cantando em coro, dançando freneticamente ao longo da hora de actuação do grupo. Já se constatou isso mesmo na própria Atalaia: um espectáculo da Quinta do Bill é um pouco mais que isso: é um espectáculo da Quinta do Bill e do público



Clá



Danças Ocultas

e que em Portugal colaborou mais de uma vez com Jorge Peixinho.

Quinta do Bill

Este é daqueles grupos cujo sucesso em disco - como todos

A partir de uma raiz *folk*, a Quinta do Bill é uma formação que se transcende nas grandes actuações para públicos numerosos, transmitindo uma vitalidade e uma energia autenticamente demolidoras: o resultado é sempre o de ver milhares e milhares de pessoas aos pulos,

que, de assistente, passa a participante.

Danças Ocultas

Um quarteto de concertinas poderia ser, à partida, formação sobre a qual não se manifestari-

Janita Salomé

É o caso de Janita Salomé, que no ano de preparação de um novo trabalho a solo escolheu os palcos da Festa para um primeiro espectáculo ligado ao novo disco, a um novo *cante*. Para o espectáculo da Atalaia deste ano, Janita trata de organizar um acontecimento especial de onde se realça a entrada em palco, durante a actuação do cantor, de grupos corais alentejanos participantes na gravação que dará origem ao novo trabalho de longa duração do cantor.

Janita retoma assim linhas que marcaram os seus álbuns, fundamentais no domínio da



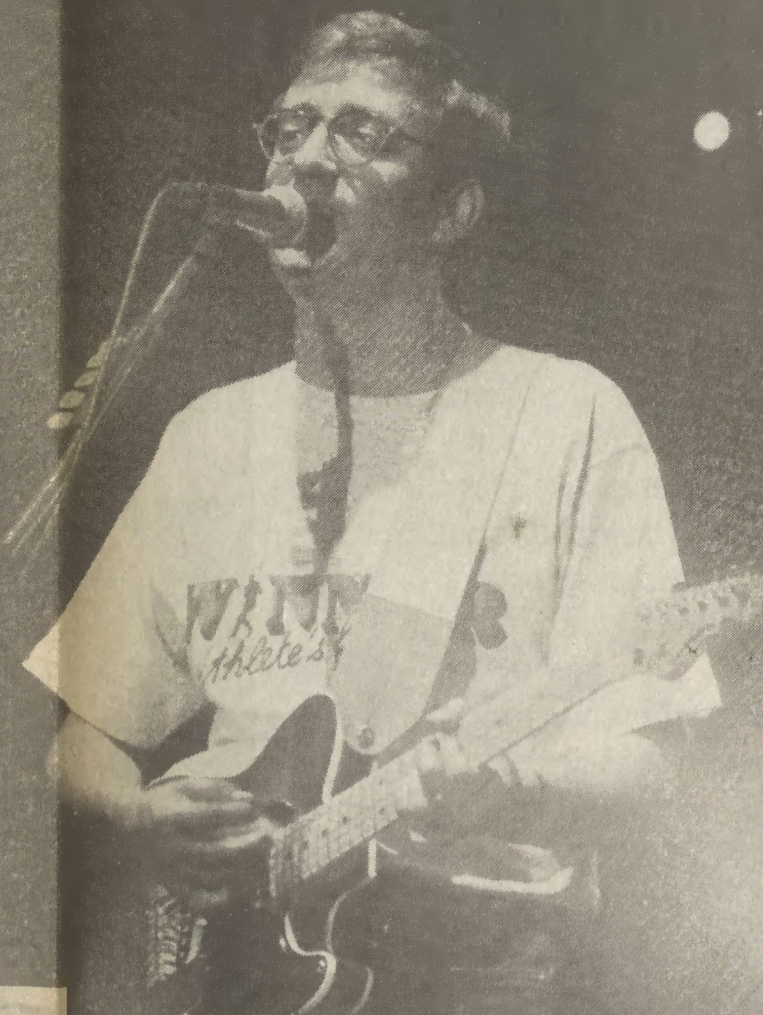
Telectu

1990

Vozes da Rádio



Rui Veloso



1992

PRE A PORTUGUESA



Bernardo Sasseti

1993

Quinta do Bill



Carlos Martins + Cindy Blackman

1991



Raul Marquez & Amigos da Salsa

am particulares entusiasmos. Sucede que este grupo, o Danças Ocultas, fez estrada com um repertório de música erudita, arranjos de temas tradicionais e de música brasileira. Foi em 1992.

Os bons resultados motivaram o início da elaboração de composições originais e a experiência de levar os instrumentos ao afinador, de forma a aproximar a afinação das três palhetas que compõem cada nota. Contrariou-se a tradição mas obteve-se um som novo que está na base de um primeiro álbum, editado este ano.

Os espetáculos subsequentes deram origem a largas páginas de jornal com artigos entusiasmados de críticos assombrados com o que «apenas quatro concertinas podem fazer». Depois disto, como é que podiam faltar à Festa?

Osório iniciara já e que agora ganha nova voz com Mísia. Diga-se de passagem que, tratando-se de um primeiro passo incidindo sobre um número reduzido de temas, revelam-se algumas das complexidades deste tipo de trabalho quando feito com rigor. Na verdade, se é possível encontrar numerosos poemas do chamado *fado libertário*, a verdade é que a memória e as fontes são omissas quase sempre quanto às suas músicas. O *fado libertário* tem o seu apogeu numa fase anterior a algumas fixações dos códigos musicais do fado clássico, tudo criando um campo de labor lento e persistente. Mas, resumindo, a oportunidade de ouvir cantar grandes poetas e grandes compositores lado a lado com a poesia popular da Lisboa operária do princípio do século.

Mísia

Depois de ter efectuado o lançamento de um álbum no Auditório 1º de Maio, na Festa do «Avante!», a fadista Mísia viu aumentar a sua popularidade em Portugal e, para além de todas as melhores expectativas, obteve uma elevada repercussão internacional em países como a vizinha Espanha, em França e no Oriente, nomeadamente no Japão e na Coreia, o que aliás motivou *tournées* por esses países verdadeiramente épicas.

Factos que não serão estranhos o extremo bom gosto na selecção musical e poética, a interpretação vocal a um tempo forte e sensível, o misto de respeito pela tradição e indole inovadora do seu trabalho. Uma volta à Festa necessária, este ano enriquecida com um trabalho especialmente criado: a recolha de alguns velhos fados anarquistas e socialistas do princípio do século, uma recolha que José Manuel

Paulo Saraiva

Aqui o fado é de Coimbra. O disco «Canções com Lágrimas» de Paulo Saraiva revelou, aos amantes deste género específico do fado nacional, que a «música dos doutores» tem herdeiros dignos dos maiores nomes do género. Se os anos 50 e 60 fizeram desta canção, entretanto popularizada no seio universitário, um fenómeno transversal de Norte a Sul do País, nos dias de hoje é reconhecida a importância de contributos como os que são dados por cantores como Paulo Saraiva, não só no sentido de manter viva esta «chama coimbrã», mas, sobretudo, para dela retirar, com saber artístico, toda a potencialidade social e estética que fazem do Fado de Coimbra uma original expressão capaz, como já o foi, de atingir níveis de extrema popularidade. A seriedade do trabalho de Paulo Saraiva é um caminho nesse sentido.

MDA

A experiência foi feita este ano: pegar numa inteligente e significativa selecção de temas portugueses de grande sucesso nos anos 80 e 90, utilizar o computador e as técnicas digitais e obter mais de uma hora de música dançável. A repercussão da ideia foi um disco, visionariamente subintitulado «Volume I», que enche de som todas as pistas de dança do País.

Palco historicamente privilegiado para a música de dança, em múltiplos ritmos, batidas e maneiras de menear o corpo, a Festa teria necessariamente de dar lugar a uma experiência inovadora: a passagem para um «ao vivo» do trabalho laboratorial que esteve na origem do MDA.

São os *samplers* e toda a rentabilidade sonora que proporcionam, transpostas para uma exibição cujo objectivo será transformar a plateia numa enorme pista de dança.

Clã

Igualmente entusiasmante pode ser a actuação deste grupo que, depois do álbum de estreia, demonstrou que o seu novo som tem potencialidades para, ao vivo, proporcionar um espectáculo cuja revelação poderá multiplicar ainda mais o importante sucesso já alcançado.

Na esteira de muitos outros grupos portugueses que na Festa do «Avante!» encontraram o «motor de arranque» para uma carreira de voos bem elavados no panorama artístico nacional, o Clã surge na Atalaia com credenciais que garantem um espectáculo importante. A observar com atenção!

Raul Marquez e Os Amigos da Salsa

O Porto tem produzido indiscutivelmente muita da melhor música popular surgida em Portugal nos últimos anos - e em todas as áreas. Na música tradicional, no jazz, no rock, na pop, das margens do Douro têm começado a tocar e a cantar músicos e conjuntos que marcaram indelevelmente o ambiente musical das duas últimas décadas.

A lista é infinda, dos Táxi aos Jáfumega, dos sucessivos grupos animados pelos irmãos Barreiros a Abrunhosa, passando por tantos e tantos outros nomes. Acrescente-se, aliás, que é possível afirmar que um traço característico deste «viveiro» é o grande número de excelentes executantes, de músicos de elevada craveira, com um peso significativo de influências de jazz que tem permitido que muitos dos grupos portuenses saiam do figurino mais clássico da guitarra-baixo-bateria para surgirem com naipes de sopros, solistas de excelente nível e formações de dimensões apreciáveis.

A mais recente afirmação deste tipo é o grupo de Raul Marquez e Os Amigos da Salsa, uma formação de onze figuras que inclui alguns dos melhores músicos do Porto, presentes, aliás, noutros grupos, como nomeadamente no Bandemónio de Abrunhosa.

Dois trompetes, sax alto, sax tenor, piano, baixo eléctrico, bateria, numerosas percussões, vozes, bailarinos, enfim o clássico grupo de salsa com uma energia que não deixa nada a dever aos mais encartados grupos da cena latina de Nova Iorque.

Raul Marquez e os Amigos da Salsa são uma estreia na Festa do «Avante!», tentada já em 94 e 95, mas que, por motivos vários, não foi possível. Este ano - é de vez!



1986



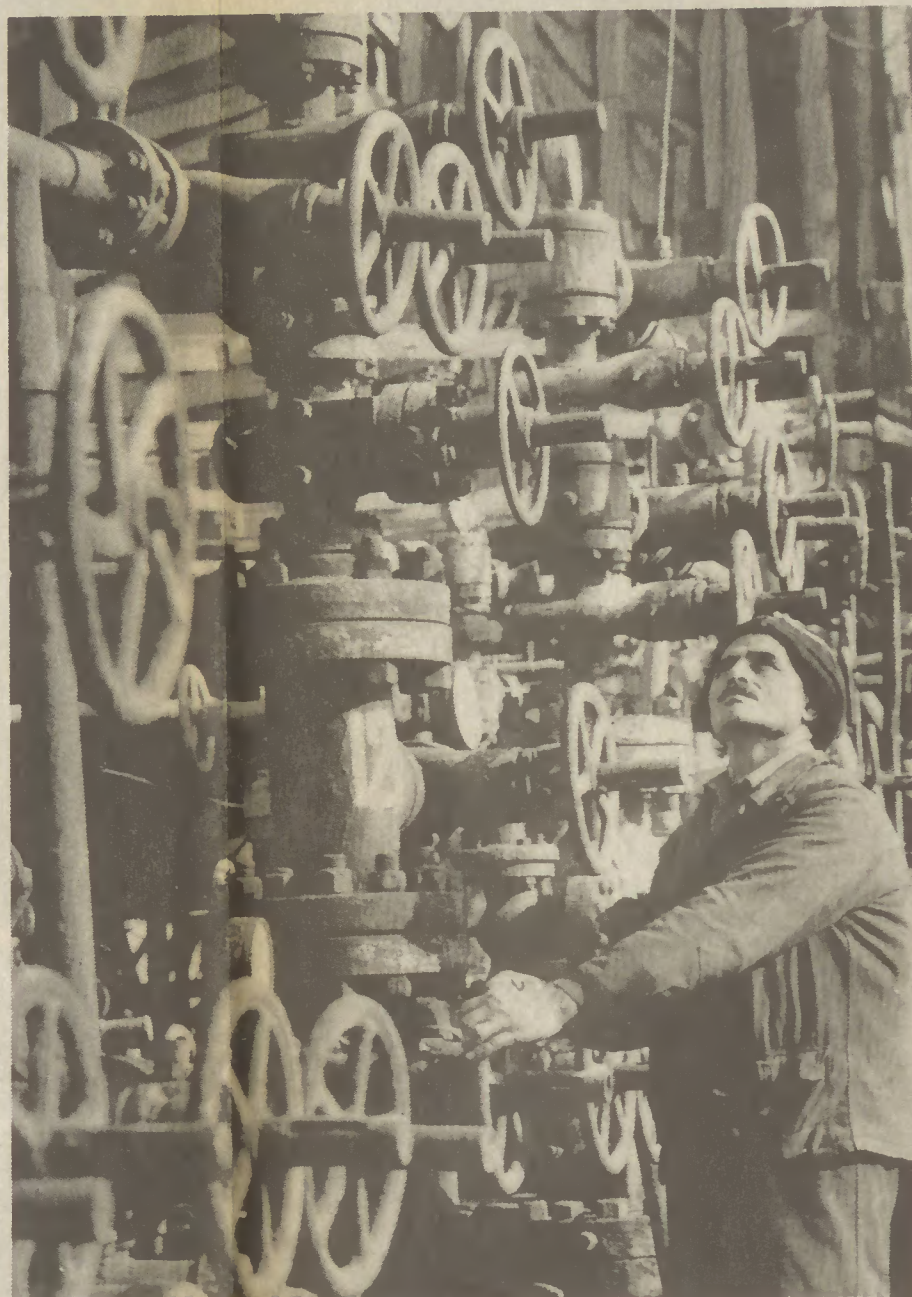
Janita Salomé + Coro Alentejano

SEBASTIÃO SALGADO

Mais de seis dezenas de fotografias da série «Trabalho», seleccionadas por Sebastião Salgado, vão estar patentes na área central da Festa do «Avante!», em ampliações de 50 por 70 centímetros. Trata-se de uma importante mostra fotográfica que inclui imagens impressionantes colhidas em diferentes pontos do globo, entre 1987 e 1991. Todas elas, porém, apresentam um traço comum: «são o registo de uma era - uma espécie de arqueologia de um tempo que a história conhece pelo nome de Revolução Industrial. Um tempo no qual o eixo central do mundo estava naquilo que estas imagens registam: o trabalhador, a mão do homem» - lê-se no texto que acompanha a exposição.

Viajando pelo mundo, o fotógrafo e a sua câmara encontraram «o Planeta dividido, sempre. O Norte em nova crise: a do excesso. O Sul, cada vez mais mergulhado na de sempre: a carência. O fim do século viu a falência do modelo de socialismo aplicado num bloco de países. «Criar um mundo novo, revelar a nova vida, recordar que existe um limite, uma fronteira para tudo, excepto para o sonho humano. Moldar com as mãos o mundo, revelar com os olhos a vida, recordar nos sonhos aquilo que virá. «A trajetória do bicho-homem, o que se adapta, o que sobrevive, o que crê. O que resiste, se preserva.(...) «Numa parte do Mundo, a história é a espiral sem fim de opressões, humilhações, devastação, mas também da infinita capacidade humana de sobreviver a todas as pestes, a todos os males, inclusive o mais cruel: a ambição (...)».

São ideias presentes ao longo desta exposição a não perder este ano no espaço central da Festa.



Arte contemporânea Novos talentos novas tendências

Denominada «Sequências, Confrontos, Rupturas», a exposição de arte contemporânea da edição deste ano da Festa é dedicada exclusivamente ao trabalho dos jovens artistas. É uma excelente oportunidade para contactar com o trabalho das novas gerações e espreitar as novas tendências em diversas áreas das artes plásticas, do design e da arquitectura nacionais.

Na mostra participam artistas por convite, abrangendo 14 disciplinas que vão da arquitectura ao design gráfico, passando pelo design de equipamento, pintura, desenho, escultura, tapeçaria, joalheria, medalhística, estilismo, fotografia, banda desenhada, cerâmica e gravura.

Para tanto, foi constituída uma comissão composta por 14 artistas de mérito reconhecido a quem coube indicar quatro jovens talentos em cada uma destas áreas que serão convidados a expor.

Da comissão fazem parte, entre outros, Rogério Ribeiro, Manuel Tainha, Daciano Costa, José Rodrigues, João Machado, Eduardo Gajeiro, Manuela Bronze, Alberto Gordilho, Gisela Santi, Virgínia Fróis, João Duarte e José Rui.

A exposição estará patente num pavilhão próprio no espaço central e conta com cerca de uma centena de obras.



Novos valores

A criação do Palco da Liberdade, situado na área da Organização de Setúbal, é uma novidade que visa dar oportunidade a novos valores da música portuguesa de divulgarem o seu trabalho na Festa.

A selecção prévia começou há vários meses através das organizações regionais do Partido, estando apurados nesta altura os seguintes nomes: «Irmãos de Sangue», «Sírios» e «Alquímia», de Setúbal; «Cor da Lua» (Coimbra); «Strange Airplane» (Aveiro); João Batista (Bragança); «Cood Blood» (Porto); Kamikazes (Viana do Castelo); «Atrito» (Santarém); Caty, uma cantora vinda da Emigração, e os «Psyco Maniacs», seleccionados pela JCP.

Um lago na Atalaia

DESPORTO já começou

O desporto começa muito antes da Festa abrir. Nos meses de Julho e Agosto são promovidas provas em várias modalidades em que participam centenas de atletas.

Exemplo disso é o **torneio de futebol de salão** já a decorrer em Lisboa, Braga, Beja, Setúbal, Porto e Covilhã, cujas meias-finais e finais se disputam nos dias 7 e 8 de Setembro, no polidesportivo da Atalaia.

Já no próximo sábado, dia 13 de Julho, tem lugar a prova de **canoagem**, que desta vez cumpre o percurso entre o Cais de S. Amaro, em Alcântara, e a baía do Seixal. Ainda neste mês realiza-se um concurso de pesca no distrito de Castelo Branco, estando marcado outro encontro de pescadores para 11 de Agosto, em Lisboa.

No dia 1 Setembro, é a vez dos **cicloturistas** participarem no raid da Festa do «Avante!». São 126 quilómetros de prova com partida da FIL pelas 9.00 horas. O percurso passa pela Av. 24 de Julho, P. Comércio, R. da Prata, Av. da Liberdade, M. Pombal, Saldanha, C. Pequeno, C. Grande, 2ª Circular, Sacavém, Alverca, Alhandra, VF de Xira, Porto Alto, Infantado, Alcochete e Montijo. Após paragem para almoço, a prova segue pela Moita, Barreiro, Coíma, Paio Pires, Seixal, Arrentela, Paivas e chegada à Quinta da Atalaia, cerca das 17.30 horas.

Durante os dias da Festa, a programação do **polidesportivo** está orientada para permitir a participação dos visitantes. Na sexta-feira, aquele espaço é aberto aos praticantes de patins em linha, na manhã de sábado é organizado um circuito pedestre de



orientação, e à noite experimente fazer **aeróbica**. Também para visitantes, no domingo, há **básquete 3x3**.

Para além dos jogos tradicionais, ali decorrem **exibições de patinagem artística**, um sarau de ginástica e **futebol feminino**.

Como nas edições anteriores, realizam-se ainda torneios de damas e xadrez, tiro com chumbo, parede de escalada, petanca e triatlo, que conjuga provas de xadrez, escalada e tiro.



A Corrida

Atrairão todos os anos mais de um milhão de atletas, a Corrida é sem dúvida o maior acontecimento desportivo promovido no âmbito da Festa do «Avante!», que esta edição irá de novo confirmar.

Com partida pelas 9.30 horas de domingo, dia 8 de Setembro, junto às Bombas da Cipol, a prova passa pela Quinta da Medideira, Fábrica da Resina, Rua 1º de Maio, Cruzeiro, Rua 25 de Abril, EN 10, Fogueteiro, EN 328, Rotunda da Torre da Marinha, EN 10-2, Farinheiras, Av. General H. Delgado, Paio Pires, Cruzamento do Seixal, Av. dos Metalúrgicos, Av. Vasco da Gama, Largo dos Restauradores, Av. D. Nuno Álvares Pereira, Praça 1º de Maio, Av. da República na Arrentela, Rua MFA, Av. Silva Gomes, Rua dos Lobatos, Largo Manuel da Costa, Rua da Fonte de Prata, Quinta da Medideira e Campo do Amora, onde estará a linha de chegada.

A prova destina-se aos escalões juniores, seniores e veteranos masculinos e femininos, e tem inscrições gratuitas, as quais podem ser feitas entre 27 de Julho e 30 de Agosto para o endereço: Corrida da Festa do «Avante!», Av. António Serpa nº 26 - 2º Esq., 1050 Lisboa. Tel. 793 09 73 ou fax 796 98 97.

Os atletas receberão os dorsais a partir das 8.00 horas junto do Campo do Amora, não sendo aceites em caso algum inscrições no dia da prova. Haverá abastecimentos aos 5 e 10 quilómetros e no final da prova.

Os vencedores absolutos femininos e masculinos terão direito a participar na Corrida do L'Humanité, em Paris. As 15 primeiras equipas, bem como os primeiros quatro atletas de cada escalão recebem troféus ou taças. A organização da prova distribuirá ainda camisolas até ao 1000º atleta a cortar a meta.

A zona ribeirinha da Quinta da Atalaia é uma extensa área plana que representa cerca de um terço do espaço até aqui ocupado pela Festa. Este ano será aberta aos visitantes que terão a agradável surpresa de ali encontrar um enorme lago, com quatro mil metros quadrados. O projecto está dividido em várias fases de execução e integra-se no plano global de recuperação e valorização da baía do Seixal lançado pela autarquia.

No futuro, esta zona poderá ser utilizada pela população, devendo ali surgir um pavilhão polivalente, para a realização de

encontros e outras iniciativas, bem como um equipamento de restauração.

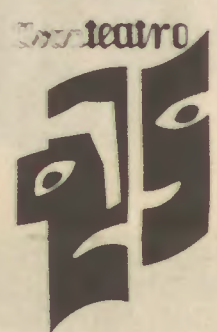
A primeira fase, agora realizada, compreendeu a construção do lago que aproveita a água do rio, o encaminhamento das águas pluviais, a retenção da água da maré e a cobertura vegetal da área envolvente.

Nos dias da Festa, será aqui instalado o **Avanteatro**, um ecrã para projecção de cinema, uma exposição com modelos de embarcações tradicionais do rio e dois bares. É uma espaço calmo de lazer, onde o visitante poderá fazer uma pausa no bulício da Festa.

TEATRO à beira rio

O aproveitamento da área ribeirinha da Quinta da Atalaia, entre outras vantagens, vai permitir a transferência do **Avanteatro** para um local mais protegido dos sons produzidos pelos diversos palcos da Festa. É uma alteração importante que certamente agradará ao público que todos os anos esgota as plateias, bem como facilitará o trabalho dos actores.

A programação, para além da presença de diversos grupos teatrais, como «O Bando» e o «Bonifrates» de Coimbra, inclui ainda apontamentos musicais, com o grupo coral «Negros de Luz» e a Orquestra Ligeira da Banda do Barreiro, entre outros. Nas manhãs de sábado e domingo, os mais pequenos já sabem - há teatro para eles na Festa.



CINEMA

Este ano há cinema na Festa. Um ecrã de generosas dimensões vai ser montado ao ar livre, na zona junto ao rio. Num ambiente sossegado e agradável pode assistir à passagem de curtas metragens portuguesas, num momento em que se assinala o 100º aniversário da sétima arte em Portugal.

PALCO ARRAIAL

Dedicado às diferentes expressões da música popular portuguesa, pelo Palco Arraial passam este ano a Banda Filarmónica Timbre Seixalense (que participa igualmente na abertura da Festa), os ranchos do Vouga (Aveiro), de Chafé (Viana do Castelo), de Alcochete, e vários ranchos corais alentejanos, onde se inclui um de mulheres. Jorge Lomba, um músico de Braga, actua na tarde de sábado, enquanto as noites serão animadas por grupo de baile popular, caso da Banda Seis.





«TRABALHO»

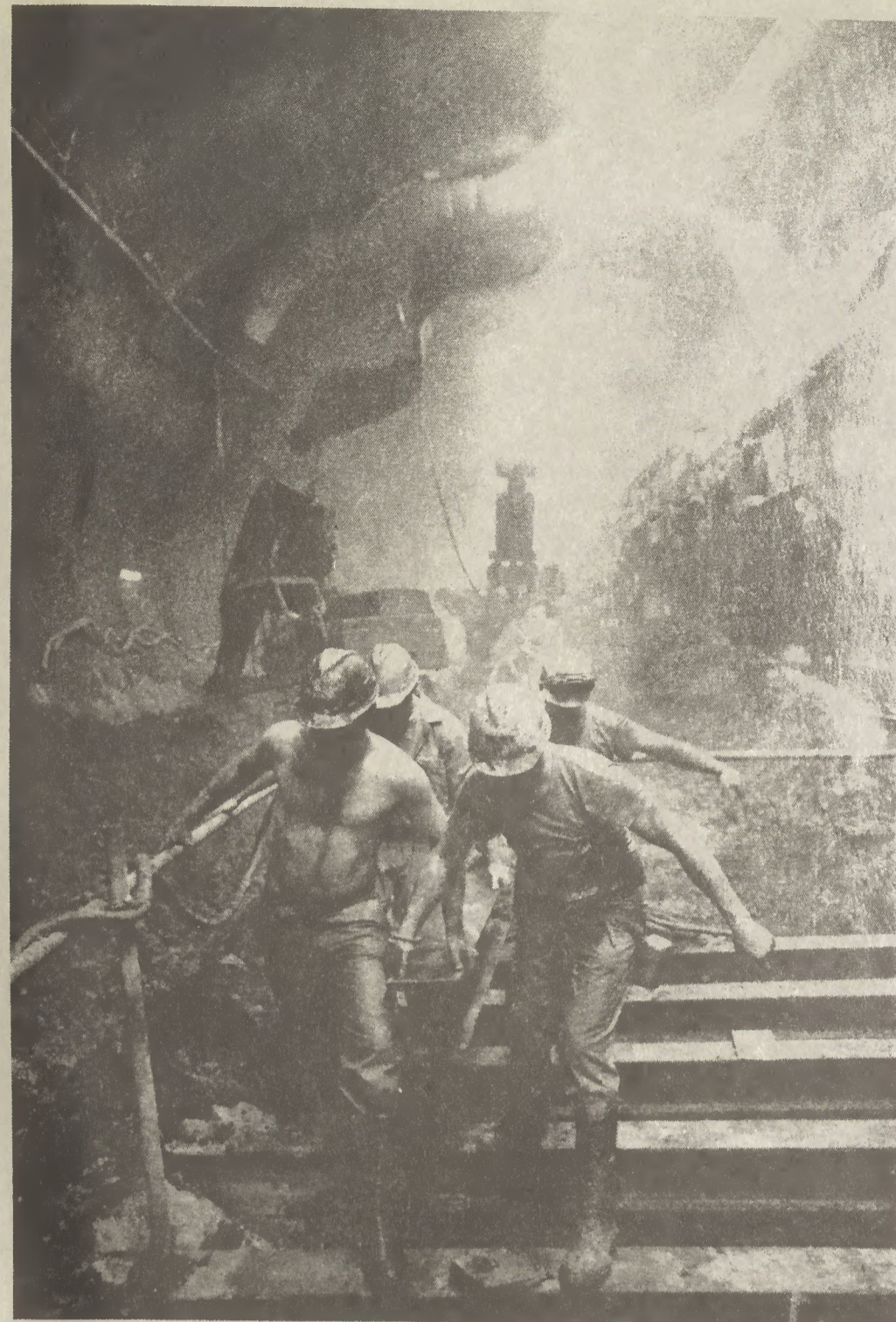
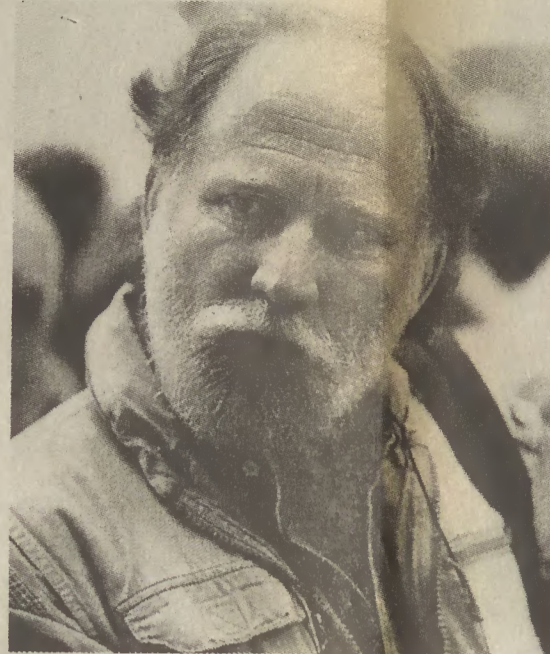
Biografia

Sebastião Salgado nasceu em 1944, no estado de Minas Gerais. Em 1968, um ano depois de concluir a licenciatura, obtém o mestrado em Economia, nas universidades de São Paulo e Vanderbilt (EUA). De 1969 a 1971, frequenta, em Paris, a Escola Nacional de Estatística e Administração Económica, doutorando-se em 1971 na Universidade da capital francesa.

A fotografia surge quando, de 1971 a 1973, trabalha em África para a Organização Internacional do Café. Demite-se, regressa a Paris e começa a trabalhar como repórter fotográfico.

Os seus primeiros trabalhos registam a seca no Sahel, em África, e trabalhadores imigrados na Europa. De 1977 a 1983, para um projecto documental sobre camponeses, desloca-se várias vezes à América Latina; o resultado seria o livro «Autres Amériques». Em 1979, entra para a Magnum.

Em 1986, dá início a um projecto sobre o desaparecimento das indústrias manuais, que seria concretizado em 1993 na exposição e no álbum «Workers».



Espaço Central

75.º aniversário do PCP e os 20 anos da Festa



O 75.º aniversário do PCP e os 20 anos e 20 edições da Festa do «Avante!» são os temas que marcam este ano o espaço central. Para além das exposições, estas duas efemérides são ainda assinaladas em dois grandes murais da autoria de António Fernando e de Eduardo Lima Teixeira.

A exposição sobre aniversário do PCP pretende realçar os grandes ideais, identidade e valores que caracterizam a luta dos comunistas, no passado e no presente.

Entre os materiais que vão estar expostos, salientam-se 10 painéis de 4x2,5 metros, com reinterpretações de gravuras históricas, em madeira pela técnica de talhe doce, realizados pelos escultores Rui Vasques e Paula Lourenço.

Alguns dos momentos mais significativos da

história do PCP serão também evocados em 20 vitrinas com documentos e ilustrações.

Fazendo questão em estabelecer uma ligação entre as grandes lutas do passado e a intervenção, os objectivos e as propostas dos comunistas no presente momento, o espaço central reflectirá as posições do PCP sobre a flexibilidade de horários e polivalência de funções, a reforma do sistema de segurança social, a União Europeia e as políticas de Maastricht, a regionalização, a defesa da Constituição.

É ainda objectivo desta exposição permitir a intervenção do visitante, o que acontecerá através de jogos especialmente concebidos para o efeito.

A exposição dedicada aos 20 anos e 20 festas do «Avante!» pretende valorizar esta realização no

quadro das grandes festas populares portuguesas, destacando os principais momentos das edições anteriores e os seus obreiros - milhares de militantes e simpatizantes comunistas que com o seu esforço a ergueram ao longo de duas décadas. Na mostra, entre numerosos materiais fotográficos e outros, estará uma «instalação» artística que representa as fases de construção da festa, desde a infra-estruturação à montagem e decoração dos pavilhões.

A zona central, que tem ainda como tema forte a campanha de adesões ao PCP, é completada por um fórum para a realização de debates sobre questões da actualidade, pela banca central que terá à venda materiais produzidos pelo PCP e pelo espaço da Imprensa do Partido.

O melhor que o País tem



O País, feito da diversidade das suas gentes e regiões, está todos os anos na Festa do «Avante!» trazido pela mão das organizações do Partido, que não se poupam a esforços para oferecerem aos visitantes tudo o que de melhor e original existe em Portugal.

A gastronomia, os produtos regionais, o artesanato concentram-se ali durante três dias, num momento único de proximidade e convívio entre costumes e tradições.

Do Minho ao Algarve, passando pelos Açores e Madeira, todas as regiões estão representadas em pavilhões decorados com motivos característicos. São locais de encontro, de passagem, de visita atenta. São lojas de artesanato, restaurantes típicos, pontos de venda de produtos de qualidade. Mas são também espaços para a denúncia dos problemas das populações e para a divulgação da intervenção e propostas dos comunistas para o desenvolvimento regional, por uma vida melhor. Vale a pena percorrer o País na Festa.



O 5.º Congresso da JCP, realizado em Maio, será o elemento central da exposição política da juventude comunista, que lança este ano na Festa uma campanha «Por uma Educação pública, gratuita e de qualidade».

Com esta iniciativa pretendem alertar os visitantes para as dificuldades que atravessa o ensino público e para a necessidade da sua defesa e melhoria.

O café-concerto contará com uma programação musical diversificada e com outras manifestações artísticas, sendo ainda o local para a realização de vários debates sobre temas de interesse juvenil.

Aqui será dado ainda destaque à realização e aos objectivos do 14.º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, que terá lugar em Cuba, no Verão de 1997.

Após o sucesso, no ano passado, do Comboio da Juventude para a Festa, a JCP promete repetir a iniciativa. Com partida do Porto (Campanhã), paragens em Gaia, Espinho, Aveiro, Coimbra, Entroncamento e chegada a Lisboa (Santa Apolónia), os interessados poderão muito em breve adquirir os bilhetes e todas as informações necessárias nos Centros de Trabalho do PCP e da JCP.

COMÍCIO

O grandioso comício da Festa do «Avante!», no domingo à tarde, marca a abertura da época política, na qual sobressaem desde já dois momentos de especial importância para os comunistas: o 15.º Congresso do PCP e as eleições autárquicas de 1997. Este ano vão intervir Maria Ribeiro, membro da Comissão Política da Direcção Nacional da JCP; Carlos Brito, da Comissão Política e director do «Avante!»; Álvaro Cunhal, presidente do Conselho Nacional; e Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP.



Transportes, estacionamento, acampamento

Localizada na margem sul, no concelho do Seixal, a Quinta da Atalaia, à semelhança dos anos anteriores, vai estar bem servida de transportes públicos. Em articulação com a Transtejo, estão asseguradas diversas carreiras rodoviárias:

Entre Cacilhas e Quinta da Princesa - o bilhete inteiro custa 260\$00, e os pré-comprados M4, 160\$00; M2, 80\$00. Pode-se usar o passe social. Na sexta-feira, os autocarros circulam até às 02,15 horas, no domingo até às 24 horas.

Entre Cacilhas e Medideira - o bilhete inteiro custa 260\$00, e os pré-comprados M4, 160\$00; M2, 80\$00. Pode-se usar o passe social.

Entre o Seixal e Medideira - o bilhete inteiro custa 160\$00, e os pré-comprados M3, 120\$00; M2, 80\$00. Pode-se usar o passe social.

Entre a Baixa da Banheira e Medideira - o bilhete inteiro custa 450\$00, e os pré-comprados M9, 360\$00; M4, 160\$00.

Entre a Amadora e Medideira está assegurado um vaivém, com partidas na Avenida Cardoso Lopes junto à CMA. Sexta-feira, entre as 17 horas e as 22 horas, com regresso à 01.00 hora. Sábado e domingo, as partidas efectuam-se entre as 8.00 horas e as 22.00 horas. O regresso é à 01.00 hora.

Nos dias da Festa funcionará ainda um vaivém especial coordenado com os horários dos barcos da Transtejo no Seixal, com paragens na ponte da Fraternidade, Mundet e Parque do Seixal. Para os que preferem o transporte individual, existem vários parques de estacionamento no interior



da Amora, bem como serão tomadas medidas adequadas a garantir o escoamento do trânsito.

Junto ao terreno da Festa, o visitante encontra ainda um parque de campismo onde poderá montar a sua tenda.

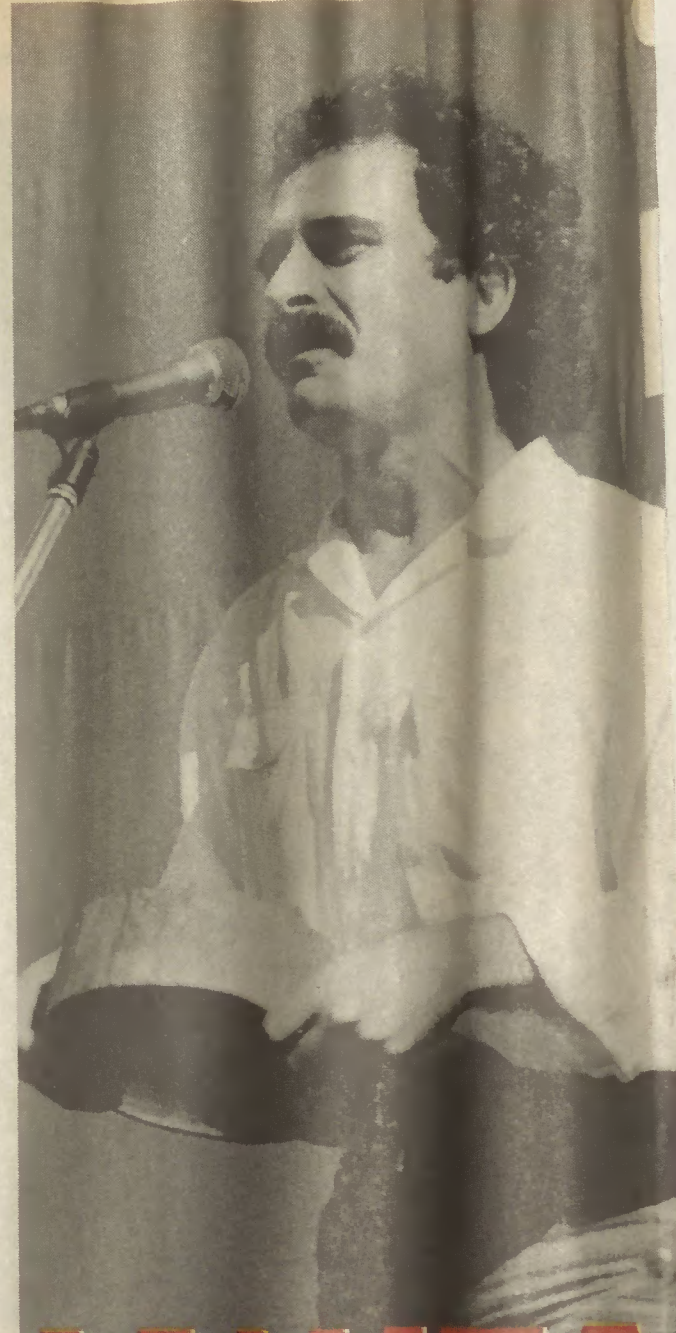


Inter nacional

Stands com materiais de informação política ou de puro artesanato, sabores de outras partes do mundo... acolá uma bebida exótica. É mais uma grande atracção da festa - a cidade internacional que junta povos e realidades diferentes, onde a palavra solidariedade volta a fazer sentido.

Este ano, neste espaço, realiza-se um importante colóquio sobre as questões do emprego e desemprego, que contará com a participação de muitos convidados estrangeiros.

A dois meses da abertura da Festa, estavam já confirmados 13 stands de organizações e partidos de todo o mundo, a saber: PAICV (Cabo Verde); FRETILIN (Timor-Leste); PC da China; PC de Cuba; PC da Coreia; Partido da Refundação Comunista (Itália); PCE e PC da Catalunha (Espanha); PC Libanês; KKE (Grécia); PC Britânico; FLN do Kurdistan; DKP (Alemanha). Estarão ainda representados, através de delegações, o Bloco Nacionalista Galego (Espanha), o PC Iraquiano e o Partido de Esquerda (Suécia).



GAITEIROS de LISBOA



A nova banda de Kevin Burke (Irlanda EUA)
OPEN HOUSE



JANITA SALOME
e coros do Alentejo
Lançamento na Festa
novo disco

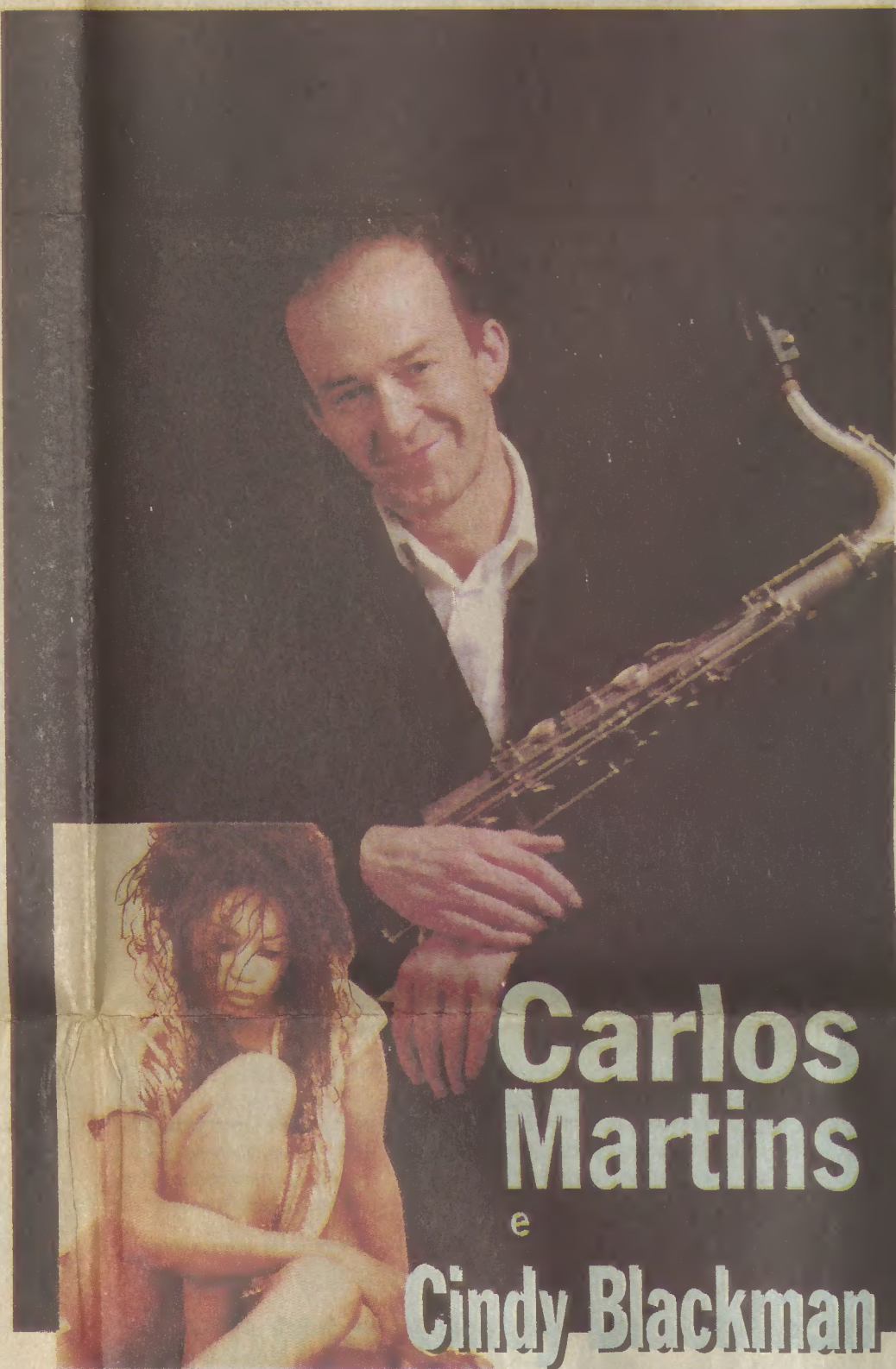


DANÇAS OCULTAS

MARISA SANTOS & FERNANDO PORTA



Argentina



Carlos Martins
e
Cindy Blackman



Entrada Permanente - Já à venda



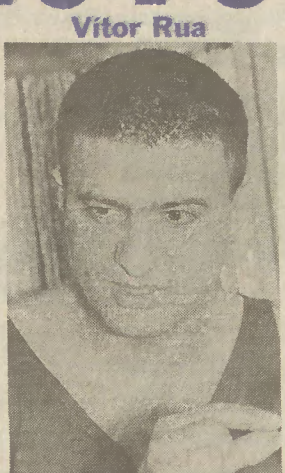
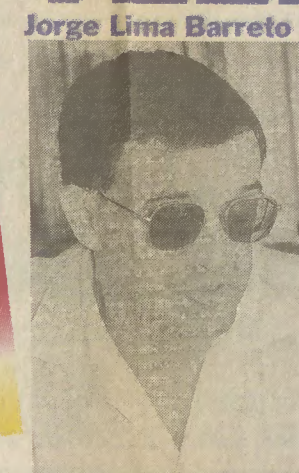
TELECTU

COM
EVAN PARKER

(Grã-Bretanha)

e **HAN BENNINK**

(Holanda)



MÍSIA
Fados anarquistas
e socialistas

